

Os Jovens e as Múltiplas Dimensões da Vivência e da Inserção no Trabalho Precário

Cristiane Schell Gabriel

Tese de Doutoramento em Sociologia

Janeiro 2016

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de doutor em sociologia, realizada sob a orientação
científica do Professor Doutor José Alberto Simões.

Ao meu pai de coração Joaquim Goulart Campelo (in memorian)

AGRADECIMENTOS

Despeço-me do doutoramento com sentimentos de paz e gratidão. Agradeço a todos aqueles que contribuíram e colaboraram para que as oportunidades que me foram dadas no último quinquênio fossem concretizadas.

À Portugal que me ofereceu a senda para os mais prazerosos horizontes de vida, aprendizagem/conhecimento e maternidade.

Ao meu querido orientador professor doutor José Alberto Simões por toda solicitude, disponibilidade e acompanhamento criterioso dispensado neste processo.

Aos inesquecíveis professores Doutor José Manuel Rezende, Doutor Casemiro Balsa, Doutor João Sedas Nunes, Doutor José Machado Pais, Doutor Fernando Diogo e Doutor Miguel Chaves pelas experiências compartilhadas.

As famílias Schell/Campelo/Couto por toda mobilização e suportes oferecidos com afetividade.

Ao meu pretérito companheiro André e aos meus filhos Amanda e Vítor por me recordarem sempre o que é essencial.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
1. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS: INFORMAÇÕES SOBRE O OBJETO E OPÇÕES CONCEITUAIS	18
1.1 Procedimentos metodológicos	23
1.2 Amostra	26
1.3 Recrutamento dos participantes	31
1.4 Instrumentos de recolha de dados	33
1.5 As entrevistas – o tratamento dos dados	34
2. ASPETOS INICIAIS QUE MARCARAM A CONSTITUIÇÃO DA JUVENTUDE ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA	36
2.1 Da juventude enquanto construção ao estudo das culturas juvenis	36
2.2 O tema juventude para a sociologia brasileira	44
2.3 Afinal, o que é ser jovem?	46
3. O JOVEM BRASILEIRO E O SEU CONTEXTO DIFERENCIADOR	58
3.1 A experiência da situação juvenil – o panorama de alguns indicadores sociais	58
3.2 Condições de vida	59
3.3 Os jovens e a experiência escolar	64
3.4 A escola por dentro	67
3.5 Atividade dos jovens	68
3.6 As dimensões objetivas e subjetivas dos jovens de baixa renda perante o trabalho	72
3.7 As políticas para a juventude e as maneira com que são conceitualizados pelo Estado	76

4. TRAJETOS LABORAIS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO PRECÁRIA – Experiências de	
iniciação, práticas e razões	82
5. ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS E DE VALORES AO TRABALHO	102
5.1 A centralidade do trabalho	116
5.2 Os percursos.....	125
6. ANÁLISE DOS PERCURSOS : EM BUSCA DE TRABALHO	133
7. <i>SOMOS QUEM PODEMOS SER, SONHOS QUE PODEMOS TER</i> - expectativas futuras	
em relação à escola, trabalho e a vida.....	144
Conclusão.....	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
Anexo A – Questionário	175
Anexo B - Roteiro de Pesquisa.....	176
Anexo C - Síntese das Entrevistas.....	179

ÍNDICE GERAL DE QUADROS, FIGURAS E FOTOGRAFIAS

Figura 3.1 Atividade dos Jovens de 15 a 19 anos	69
Figura 3.2 Perfil dos Jovens que não trabalham e nem estudam.....	70
Quadro 1.1 – Caracterização dos Jovens Entrevistados.....	27
Quadro 4.1 Perfil dos jovens apresentados no capítulo 4.....	101
Quadro 5.1 Perfil dos jovens entrevistados no capítulo 5.....	132
Quadro 6.1 Perfil dos jovens apresentados no capítulo 6.....	143
Fotografia 4.1 Sacolas de reciclagem.....	84
Fotografia 4.2 Refeitório da cooperativa.....	84
Fotografia 5.1 Carrinho de recolha de lixo	105
Fotografia 5.2 Instrumento de trabalho dos malabaristas.....	106
Fotografia 5.3 Bilhete anexado a mercadoria do vendedor ambulante	111
Fotografias 5.4 e 5.5 Jovens em prática de malabares nos semáforos	114
Fotografias 6.1, 6.2 Cooperativa de lixo reciclado.....	146
Fotografia 6.3 Cooperativa de lixo reciclado	147

OS JOVENS E AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DA VIVÊNCIA E DA INSERÇÃO NO TRABALHO PRECÁRIO

RESUMO

O objetivo desta tese consiste em investigar a trajetória ocupacional de jovens entre os 24 e os 30 anos de idade que estejam inseridos em condições de trabalho irregular e descontínuo, no aspecto da ausência de vínculo contratual e das garantias sociais supostamente inerentes ao mesmo e da baixa remuneração, buscando compreender de que maneira as transformações estruturais da sociedade se refletem nas trajetórias dos jovens e identificar quais são as principais oportunidades e obstáculos que compõem a experiência dos jovens no mundo do trabalho. A formulação inicial desta proposta tem por interesse estudar a realidade brasileira, onde os jovens têm um peso particular e as desigualdades sociais são vincadas, com implicações sociais que poderão traduzir-se nas próprias políticas públicas. A orientação metodológica para esta pesquisa adota abordagem qualitativa na combinação das articulações de um referencial teórico problematizador dos contextos e das condições juvenis atuais, dos estudos quantitativos disponíveis em bancos de dados oficiais, e de um trabalho de campo, cujo universo empírico incluiu jovens que como meio de sobrevivência executam atividades laborais pouco qualificadas em ocupações como a recolha do lixo reciclável, venda de rua, lavadores de carro, entregadores de panfleto e malabares de semáforo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, trabalho, políticas públicas e desigualdade social.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to investigate the occupational trajectory of young people between 24 and 30 years old who are placed in irregular working conditions and discontinuous, in the aspect of the absence of contractual relationship and social guarantees allegedly inherent in even and low remuneration, seeking to understand how structural changes in society are reflected in the trajectories of young people and identify which are the main opportunities and obstacles that make up the experience of young people in the working world. The initial formulation of this proposal is interest to study the Brazilian reality, where young people have a particular weight and social inequalities are creased with social implications that might result in the very public policies. The methodological guidance for this research adopts a qualitative approach in combining the joints of a problem-solving theoretical contexts and current youth conditions, quantitative studies available in official databases, and field work, whose empirical universe included young people as a means survival perform unskilled labor activities in occupations such as collecting recyclable waste, street vending, car washers, pamphlet couriers and juggling semaphore.

KEYWORDS: Youth, work, public policies, social inequality.

INTRODUÇÃO

A motivação inicial para a formulação do tema tratado nesta investigação surge a partir de uma reflexão iniciada anteriormente no programa de pós-graduação do mestrado¹, cuja análise buscou compreender os modos da materialização prática das ações e os significados das experiências atribuídas pelos jovens utentes de um programa do governo federal. O “público alvo” desta proposta foi constituído por jovens de baixa renda e inativos de ocupação, isto é, jovens que na ocasião da inscrição do programa não estavam estudando, trabalhando e nem à procura de emprego. Os eixos didáticos adotados por esta política governamental consistiam em articular atividades de qualificação profissional, atividades para a elevação da escolaridade e atividades de cidadania e voluntariado num período de seis meses.

Apesar do enfoque da dissertação do mestrado estar centrado nas discussões acerca das tipologias das ações públicas voltadas para os jovens, análise dos dados de campo, a centralidade do trabalho apareceu de maneira destacada nas entrevistas e foi apresentada pelos jovens do programa em várias dimensões de valor, de instrumentalização material e social, de aprendizado, de representação da identificação social, e ainda profundamente relacionados aos problemas, sofrimentos e conflitos pessoais gerados pela ausência do mesmo. A revelação deste resultado tornou-se parte da inquietação e da motivação pessoal para a continuação da investigação dos sujeitos

¹ A dissertação consistiu em desvendar as ações práticas e o desenvolvimento do projeto criado pelo governo federal em 1994 voltado para a qualificação do jovem para o trabalho chamado Serviço Civil Voluntário. A pesquisa aconteceu com os jovens participantes do programa do ano de 2000 e 2001. O objetivo do projeto era de qualificar e encaminhar os jovens para o mercado de trabalho. O público alvo consistia de jovens de 16 a 24 anos, sem experiência no mercado formal, evadidos da escola e oriundos de famílias com renda per capita inferior a meio salário mínimo.

jovens e das suas trajetórias de transição para a vida adulta, especialmente no que se refere aos rumos futuros, na construção dos seus itinerários nas vicissitudes do mercado de trabalho brasileiro, marcados nomeadamente pelas contradições da peculiar modernização e das *disjunções da cidadania*² no país ainda subdesenvolvido.

A problemática em questão desenvolve-se em razão das dificuldades da integração laboral regular dos jovens e dos desdobramentos que tal circunstância provoca, no plano das suas aspirações de realização profissional, de geração de um rendimento equivalentes qualificações detidas e na concretização da autonomização e independência face às dimensões familiar e ocupacional.

O cenário brasileiro característico apresenta um quadro complexo e desfavorável do ponto de vista econômico e social que afeta parcelas significativas da população jovem. De acordo com Pochmann (2009), os jovens são diretamente mais afetados pela desaceleração do mercado de trabalho, a taxa de desemprego é elevada (em cada três desempregados dois são jovens), a qualidade dos postos de trabalho é precária e marcado pela informalidade, e de rendimentos baixos em relação a outras faixas etárias.

Correlacionada com a dinâmica do mercado de trabalho, a desigualdade social é parte da composição do pano de fundo que constitui os contextos estruturais que operam como condicionantes e delineadores das atuações individuais dos sujeitos. A realidade desigual da sociedade brasileira chamam a atenção não apenas pelos aspectos materiais da desigualdade econômica (das significativas disparidades na concentração de rendimentos que se traduzem em restrições de oportunidades de vida de todo tipo, do

² Na publicação de James Holston. *Cidadania Insurgente: Disjunções da Democracia e da Modernidade no Brasil*.(2013,p.333) a expressão disjunções da cidadania refere-se ao “sistema de direitos de cidadania baseado na imunidade de alguns e na incapacidade de outros, os direitos se tornam relações de privilégio que atuam sem a obrigatoriedade do dever para com aqueles que não têm o poder de impor suas reivindicações”.

acesso à educação, à saúde, à moradia, ao trabalho decente³) mas pelo “caráter naturalizado vivenciado no cotidiano, como consequência de uma hierarquia social que legitima a desigualdade como se ela própria fosse culpa dos próprios pobres”(Souza, 2006, p.8).

Desigualdade estrutural que opera diferenciando o valor dos seres humanos, sobretudo pela estigmatização da pobreza encoberta pelo discurso desvirtuado da meritocracia⁴, que torna parte da população invisível socialmente pela indiferença e pelo preconceito (*ibid*).

Além do capital econômico observa-se que algumas posições dos sujeitos na sociedade podem ser ainda profundamente distintas, tendo em vista a lógica interna no que respeita a gênero, etnia, classe e determinadas fases do ciclo de vida, como no caso das crianças, jovens e idosos.

Os jovens de baixa renda especificamente, apresentam-se mais suscetível às dificuldades estruturais e cerceados nas capacidades no enfrentamento das provas e das adversidades na “incorporação” dos pressupostos indispensáveis à apropriação tanto de capital cultural, quanto de capital econômico, pelos confrontos da dicotomia dos “passivos históricos das múltiplas privações sociais e das condições reais de oportunidades de inserção social” (Souza, 2011, p.25).

A reprodução e a naturalização da desigualdade social enfatizam-se aqui como dimensões objetivas da vida social dos *suportes sociais* que determinam graus de distinção entre os indivíduos, mediadas pelos fatores subjetivos na forma como os jovens agem e vivenciam este contexto caracterizador, onde as debilidades e as diversas

³ Segundo a OIT (1998) é o trabalho digno que ocorre em um marco de respeito aos direitos humanos fundamentais, de proteção social, de justa remuneração e de crescimento profissional do trabalhador.

⁴ Jessé de Souza (2011, p.83), faz menção a “injusta ilusão da meritocracia” ao referir-se ao “esquecimento” que as pessoas não são produzidas com as mesmas chances e capacidades.

situações socialmente negativas, como o desemprego, trabalho precário, a violência e a marginalização da pobreza prevalecem no cotidiano.

O mundo do trabalho, neste contexto, torna-se um importante *norteador das trajetórias*, para o *indivíduo restrito*⁵, e uma perspectiva de análise via os itinerários percorridos pelos jovens de baixa renda observados pelos modos de inserção, pelas estratégias de encontrar e permanecer no trabalho, pelo perfil de determinadas ocupações, e pela tipologia das políticas públicas voltadas para os jovens.

Assim, entre os diversos trânsitos que podem vir a compor os itinerários juvenis, o recorte da dimensão do trabalho nos ajuda a compreender não apenas as reconfigurações contemporâneas, mas também nos informa sobre “os vetores e linhas de forças que desestabilizam campos sociais prévios” (Telles, 2006, p. 217).

Já é consensual nas investigações⁶ sociológicas que o trabalho constitui-se como condição para parte significativa dos jovens brasileiros, sobretudo para as camadas empobrecidas, que inserem-se precocemente em condições de ocupação desqualificada e frente aos mecanismos atuais de “precarização do trabalho, da intermitência dos contratos e da persistência da super exploração da força de trabalho em vários setores, ou ainda diante das modalidades remanescentes do trabalho escravo⁷” (Neves, 2011, p.71).

⁵ Segundo Neves (2011, pp.70-71), “formatação do indivíduo restrito: essa figura humana de múltiplas faces, destituídas de direitos e socialmente forjada e reproduzida a partir de uma concepção estreita de “cidadania”, que reconhece a questão social por sua enunciação legal, mas que é incapaz de produzir efeitos que interfiram em seu quadro estrutural. Por isso, a figura moderna do “cidadão”, em cuja órbita de significação estão presentes as peculiaridades principais do “Estado racional” (“impessoalidade”, “igualdade perante à lei”, “garantia de direitos”, “interesse público”, “laicidade”, etc) atua aqui apenas como uma peça de retórica, uma imagem derrisória, ao menos quando confrontada com os meandros da biografia”.

⁶ Ver Magela Leão (2009), Sposito (2006), Guimarães (2009) e Corrochano (2009).

⁷ Segundo a OIT (2012), é considerado escravo todo o regime de trabalho degradante que prive o trabalhador de sua liberdade. No Brasil o trabalho escravo ou análogo na sua forma ainda constitui-se como problema no país, a OIT estima que existam 200 mil trabalhadores nesta condição, crianças e jovens fazem parte desse universo.

Tais condicionalismos pressupõem que para determinados grupos de jovens o carácter intermitente, periférico e precário da sua ligação a determinados tipos de trabalho pode não ser um mero percurso transitório ou temporário, mas permanente a partir de obstáculos que se tornaram intransponíveis, quer seja nos seus marcadores simbólicos, quer seja no sentido económico.

Uma das particularidades de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte, a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência.

“A precariedade de emprego entre os jovens, expressão das dificuldades que têm em se integrarem no mercado de trabalho, leva muitos deles a deitarem mão de estratégias cuja singularidade abala os modos tradicionais de entrada na vida activa” (Pais, 2001, p.11).

A concepção de trabalho precário pode variavelmente incluir diversas propostas⁸, inicialmente a aceção de precariedade laboral aqui empregada é baseada nas dimensões estabelecidas pela OIT⁹ no que respeita à “insegurança de trabalho” no quesito informalidade¹⁰ e ausência de vínculo contratual. Trata-se de actividades que se

⁸ Ver estudos de Rabelo (2002) e Kalleberg (2009).

⁹ A OIT estabelece sete dimensões para o trabalho precário. São elas: Insegurança do mercado de trabalho (falta de oportunidades de emprego). Insegurança do trabalho (proteção inadequada contra a perda de emprego ou despedida arbitrária). Insegurança de emprego (inabilidade de continuar em uma ocupação particular devido à falta de delimitações de ofício e qualificações de trabalho). Insegurança de segurança e saúde (condições precárias de segurança ocupacional e saúde). Insegurança de reprodução de experiência (falta de acesso à educação básica e treinamento vocacional). Insegurança de renda (nível inadequado de renda; nenhuma garantia de recebimento ou expectativa de um nível adequado de renda atual e futura). Insegurança de renda indica se as rendas são adequadas e se existem auxílios de renda quando necessários. Insegurança de representação (falta de direitos individuais em leis e de direitos coletivos para negociar). Esse tipo de insegurança pode ser visto como uma causa dos outros tipos, no sentido em que, se trabalhadores são capazes de exercer representação individual e coletiva, eles são menos propensos a ficarem inseguros em outras dimensões (Kalleberg, 2009, p.5).

¹⁰ A informalidade envolve contextos e situações de múltiplos sentidos, entendemos que a informalidade não significa necessariamente precariedade, exemplos de formas de emprego como autónomo ou auto-emprego nem sempre estão associados a baixos rendimentos ou ausência dos direitos sociais dos trabalhadores, já que mesmo em vínculos legais de trabalho há diversas maneiras com que se pode manifestar a precariedade, inclusive em actividades consideradas qualificadas.

desenvolvem “fora da regulamentação do Estado” sem termo seguro na consolidação das leis de trabalho e/ou desprovidos de qualquer outro tipo de segurança social. “Inclui pessoas que oferecem todo tipo de serviço pessoal, ou se deslocam entre diferentes campos de actividades e formas de trabalho”, e nomeadamente são marcados pela *insegurança de renda*, onde a situação de rendimentos é baixa, indefinida e não regular e insuficiente para as despesas básicas de moradia e alimentação (Kalleberg, 2009, p.8).

Além das dimensões da OIT, outras foram integradas nesta composição, como o desajustamento entre qualificação e trabalho, no exercício do trabalho abaixo das qualificações detidas, intensa rotatividade e abandono dos postos de trabalho (Kovacs, 2009).

Duas características podem ser ainda adicionadas às condições de trabalho precário: a *perigosidade* e a *penosidade*. “Quando falamos em perigosidade referimo-nos à probabilidade de existência de acidentes de trabalho incapacitantes de forma permanente ou temporária”. Já a penosidade caracteriza-se pelas “condições difíceis: os trabalhadores estão muitas vezes expostos a cheiros desagradáveis ou agressivos, o corpo posiciona-se em posturas pouco confortáveis e estão expostos a ambientes com agentes agressivos para o organismos (terra, sal, pó das pedreiras e das minas, cimentos ou químicos) e aos elementos (sol, chuva, frio, calor...) ” (Diogo, 2001, p.48).

Além destas, pode haver também a componente da ilegalidade. Os limiares para determinadas actividades informais podem ser bastante frágeis, tendo em vista as formas de interacção dos mercados informais visível, sobretudo nas periferias e nos grandes centros urbanos no Brasil, como alternativas que os indivíduos formulam e encontram para aumentar os rendimentos do orçamento doméstico (Zaluar, 1994; Telles, 2007).

É justamente nas fronteiras porosas entre o legal e o ilegal, o formal e informal que transitam, de forma descontínua e intermitente, as figuras modernas do trabalhador urbano, lançando mão das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se superpõem nos mercados de trabalho. (...) Esse permanente deslocamento de suas fronteiras sob a lógica de uma forma de mobilidade urbana, “mobilidades laterais”, de trabalhadores que transitam entre o legal, o informal e o ilícito, sem que por isso cheguem a se engajar em “carreiras delinquentes” (Telles e Hirata, 2007, p. 6).

Estes são alguns dos fragmentos iniciais que incluem parte do cenário ambivalente de possibilidades e dificuldades em que os jovens estudados nesta pesquisa realizam as suas experiências de inserção e manutenção no *mundo do trabalho*. E em causa destas discussões, a proposta desta investigação intenta compreender os processos sociais desencadeados nas dinâmicas quotidianas destes jovens, sem, no entanto, desconsiderar as diversas maneiras que estes encontram para viver a sociabilidade juvenil, tendo em vista que apesar das “limitações económicas” dos jovens, “existem também uma série de sentimentos e predisposições simbólicas que impulsionam resistências, evidenciam potencialidades e possibilidades” (Novaes, 2007, p.3).

O objetivo desta investigação consiste em analisar as trajetórias construídas pelos jovens em questão, tendo em vista os modos como estes gerem e atribuem sentidos às suas práticas quotidianas diante as experiências e in experiências em relação ao trabalho.

A tese é apresentada em sete capítulos, o primeiro refere-se às questões metodológicas da pesquisa e da instrumentalização dos procedimentos aplicados à investigação. O segundo capítulo é constituído por uma breve caracterização da juventude

enquanto objecto da sociologia no ocidente, e das maneiras como esta discussão foi incorporada na temática das ciências sociais no Brasil. O terceiro capítulo apresenta como os demarcadores sociais são evidentes para os jovens brasileiros de baixa renda, especialmente os caracterizadores da educação e trabalho e outras condições sociais. O quarto capítulo aborda as narrativas dos jovens investigados, em suas experiências, relacionadas com trabalho, nos seus modos e motivações de inserção. O quinto capítulo apresenta a atribuição dos sentidos e valores ao trabalho dos jovens investigados e os percursos empenhados por eles. No sexto capítulo abordamos a gestão do quotidiano destes jovens pela busca do trabalho e as estratégias pessoais que desenvolvem no seu exercício de trabalho. O sétimo capítulo apresenta as percepções dos jovens em relação às expectativas futuras face ao trabalho, a escolarização e a vida pessoal.

1. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS: INFORMAÇÕES SOBRE O OBJETO E OPÇÕES CONCEITUAIS

A presente investigação tem como foco a condição juvenil face ao mundo do trabalho, sobretudo na forma como os jovens inseridos em segmentos desfavorecidos do mercado de trabalho constroem as suas trajetórias em contexto vincado pelos marcadores da pobreza e da desigualdade social brasileira.

Busca-se na investigação a compreensão das experiências vividas nos processos de transição para a vida adulta e pela expectativa empírica das orientações produzidas em trajetórias que podem assumir posições diferenciadas. As questões da investigação giram em torno da reflexão da capacidade do indivíduo de se posicionar e experienciar os percursos do curso da vida especialmente nas representações e nos sentidos produzidos em suas ações, valores, atitudes e aspirações diante do trabalho, a partir do conjunto de dispositivos disponíveis para a mobilização de recursos e oportunidades.

Portanto, as perguntas norteadoras visam compreender:

- 1) Como determinado grupo de jovens de baixa renda elabora e vivencia a sua experiência no mundo do trabalho?
- 2) Qual é a percepção que estes jovens têm da sua ocupação e que significados atribuem ao trabalho?
- 3) De que modo os jovens percebem, desenvolvem práticas e obtêm recursos a partir dos tradicionais eixos de transição, como o trabalho e a educação, na composição das suas trajetórias de vida e planos futuros?

Hoje, os cursos de vida dos jovens são mais complexos não apenas porque os modelos lineares que serviam para orientar as trajetórias de transição não são mais aplicáveis, mas também porque os caminhos percorridos se tornaram mais imprevisíveis e descontínuos. Portanto, “a dinâmica do curso de vida não é dada apenas pelas condições objetivas sob as quais as transições se processam, mas também por fatores subjetivos que medeiam as ações individuais” (Pimenta, 2006, p.37).

A perspectiva de análise toma como objecto às experiências individuais dos jovens trabalhadores e inclui para além das condições de vida, as interações sociais e os códigos que guiam as actuais experiências no quotidiano.

A investigação inscreve-se no núcleo de pesquisa da temática juventude, e a escolha da esfera do trabalho apresenta-se como plataforma conceitual de observação, tendo em vista a pluralidade de sentidos refletida, e as evidências de uma série de condições e *relações sócio-estruturais* complementares que compõem a situação dos jovens perante o mercado de trabalho.

O trabalho é também uma importante etapa para a autonomia e independência dos sujeitos e representa um dos eixos centrais de transição. Ao eixo ocupacional, articulam-se ainda as dimensões da transição escola-trabalho, e da transição familiar, marcadas pelas mudanças entre família de origem e a formação de um novo agregado/agregado autónomo.

Apesar do carácter não linear e dos limites difusos das trajetórias juvenis contemporâneas, e da ambigüidade das fronteiras do que é ser jovem e ser adulta, a instância do trabalho se coloca frente às necessidades imediatas para muitos jovens, estando a sua participação no mercado de trabalho condicionada em parte pelas restrições de renda, em condições extremamente desfavoráveis, destacadas pelos altos índices de informalidade, por ocupações em funções precárias, disparidades de rendimentos, taxa de inatividade, carga horária excessiva, baixa remuneração, entre

outros. Caracterização que torna essa dimensão não só precária, mas também representa uma ameaça danosa para uma parcela significativa da juventude brasileira.

Aliada às necessidades imediatas de sobrevivência, há no Brasil uma cultura do sentido “pedagógico” e ético das ocupações laborais, fortemente difundida não somente nas camadas populares, mas também na restante população. Essa perspectiva imagina afastar os jovens dos perigos das ruas, das drogas, da violência, das más companhias, ao mesmo tempo que se supõe que as aprendizagens neste âmbito contribuiriam para o amadurecimento precoce na assunção das responsabilidades da vida adulta.

A ideologia do trabalho “como escola da vida” fomenta uma ética que não escolhe idades, e a incredulidade que paira acerca das mobilidades sociais via escola, faz com que as famílias optem por “jogar pelo seguro” em atender as demandas imediatas da vida (Pais,2011).

Há também no trabalho a busca de viver a juventude¹¹, a partir do acesso a determinados bens de consumo, usufruir dos lazeres e da negociação de autonomia em relação à família, no sentido de maior independência e liberdade de ação, já que o trabalho confere maturidade e respeito no interior da família.

As experiências, as atitudes e as representações dos jovens em relação ao trabalho constituem neste universo não só uma “dimensão privilegiada para apreender a mutação das referências culturais entre os jovens”, mas também se apresenta como terreno fecundo na compreensão dos sentidos e expectativas em relação as suas práticas quotidianas apesar das condições desfavoráveis (Bajoit e Franssen,1997, p.76).

¹¹Sposito (2006).

A teorização do *modelo societal* na perspectiva do trabalho precário¹² evidencia a questão da desigualdade social e dos componentes que norteiam as distinções e restrições vividas neste contexto, não só pela “desestabilização das referências (trabalho assalariado, direitos sociais, Estado Previdência) que estruturaram o mundo social, que definiam uma gramática política e traçavam horizontes de expectativas (...) mas também pela fragilidade das referências a partir da indefinição ou imprecisão das próprias noções de direitos e cidadania tal como formuladas no debate público brasileiro” (Telles, 2001).

Nessa composição o preconceito, a discriminação e a violência frente a esta condição acabam não só por reforçar e amplificar as desigualdades como também criar uma série de estigmas e vulnerabilidades que se repercutem de maneira negativa sobre os jovens.

A dinâmica da hierarquização social é aqui engendrada pelas predisposições simbólicas relacionadas aos padrões de restrição “impostos aos indivíduos e que vão do plano material, ao espiritual; da estimulação de desejos ao impedimento; ainda que parcial, de sua realização; das manipulações ideológicas ao bloqueio do acesso e da permanência no sistema de educação formal (um potencial antígeno); da responsabilidade individual das tragédias humanas ao ocultamento da dimensão social da sua reprodução das auto-imagens negativas”, às repetidas relações sociais de dependência e subalternidade que as reforçam; enfim da busca da satisfação pessoal ao seqüestro desta pelo consenso meritocrático (Neves, 2011 pp.70-71).

Os efeitos e influências da atual configuração (Elias ,2004), refletem-se no padrão provisório, incerto e imprevisível, no qual os percursos dos jovens se inscrevem e constroem modos, disposições e interações possíveis na dinâmica das relações sociais.

A modernidade recente circunscreve-se em *terreno labiríntico* que se furta à planificação. Podem criar-se planos para impulsionar novos rumos à vida ou à sociedade, mas esses planos criam realidades que são sombras de realidades antagônicas criadas por efeitos de arrastamento e, desse modo, o improvável torna-se provável. (...) A vida social moderna encontra-se sujeita a um profundo processo de reorganização social que acompanha uma expansão dos mecanismos de desmembramento institucional que libertam as relações sociais dos seus enraizamentos locais. Perante estruturas sociais cada vez mais fluídas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades (Pais, 2011, pp. 55-58).

Em tal lógica não há seguranças e certezas em qualquer trajeto de natureza institucional, se anteriormente houve certa previsibilidade aos percursos abarcados, atualmente as inconstâncias da vida levam os jovens à tendência de relativizar todos os caminhos, inclusive aqueles considerados outrora seguros. A não linearidade e a desestandardização dos percursos evocam no presente a “performatividade do fazer a

vida”, e por isso apesar das sujeições às *prescrições e à normatividade*, à luta pela sobrevivência apresenta uma série de combinações e diversidade de estados sociais (ibid).

O aumento da *reflexividade social* (Giddens, 2006), e as suas implicações no modo de viver levam os sujeitos a (re) elaborarem e agirem em autoconfrontação face aos desafios que tornaram os processos de integração/inserção na sociedade moderna um jogo complexo de referências incertas e de constrangimentos sociais.

É nesta conjuntura difícil que milhares de jovens brasileiros de baixa renda fazem os seus percursos, “tecendo nas tramas entre o *local* e *global* uma experiência mais difusa, decomposta, labiríntica, turbulenta, apanágio de um mundo social, mais incerto, mais líquido” (Pais, 2010, p.42).

Importante sublinhar que apesar do carácter líquido suposto à modernidade tardia, a questão central que se coloca para esta investigação atém-se aos conflitos, às disparidades que operam quotidianamente entre as liberdades das escolhas individuais, e os padrões restritivos relativos aos constrangimentos sociais oriundos da profunda desigualdade social brasileira que marcam as trajetórias em geral, e as dos jovens em particular.

1.1 Procedimentos metodológicos

Para a realização da pesquisa, utilizou-se uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas em profundidade a partir de um roteiro semi-estruturado.

Optou-se pela combinação das técnicas qualitativas de enfoque biográfico a partir de *narrativa de vida* e entrevista compreensiva como instrumentos adequados à análise do social a partir da vivência dos sujeitos, considerando os pressupostos de explorar as subjetividades dos caminhos seguidos pelos jovens trabalhadores.

Segundo Bertaux (1999), as narrativas de vida permitem ao investigador *olhar a realidade social por dentro* e constitui uma ferramenta importante de acesso ao *vivido subjetivamente* e à riqueza dos seus conteúdos. Tal técnica delimita-se no campo da etno - sociologia¹⁵ cuja racionalização das práticas quotidianas podem ser reconstruídas por meio das análises sócio-estruturadas combinadas às práticas de pesquisa etnográfica. Neste mecanismo é possível tomar a *subjetividade como valorem* relação ao contexto social.

Localizadas numa percepção temporal do curso de vida, o enfoque biográfico pode alcançar “às representações da subjetividade, freqüentemente anunciadas por narratividades (discursivas), mas também instauradas por performatividades (trajectórias de vida)” (Pais, 2010, p.23).

A abordagem da entrevista compreensiva¹⁶, neste caso “apoia-se na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores activos do social, portanto depositários de um saber importante que deve ser assumido do interior, através dos sistemas de valores dos indivíduos (...) com objectivo a explicação compreensiva do social” (Kaufmann, 2013, p.47).

¹⁵ Bertaux (1997) designa a expressão etno-sociologia, um tipo de investigação empírica baseada no trabalho de campo, inspirado na tradição etnográfica para a sua técnica de observação, porém os seus objetivos são construídos referencialmente a partir de certas problemáticas sociológicas.

¹⁶ Sentido weberiano.

O objectivo comum a estas orientações metodológicas é explicar o universo estrutural incorporado e refletido no quotidiano e dar-se a entender os significados que se referem ao universo mental dos indivíduos.

A *narrativa de vida* é relevante ao processo de análise desta investigação tendo em vista a *estrutura diacrónica* da história reconstruída relacionada à reciprocidade das *três ordens de realidade* sistematizada por Bertaux (1997):

A realidade histórico-empírica da história realmente vivida, designado como itinerário biográfico. (...) Este itinerário inclui não só as sucessões de situações objetivas do sujeito, mas também as maneiras que se tem vivido, percebido, evoluído e actuado naquele momento, assim como nos acontecimentos de seus itinerários. A realidade física e semântica formada pelo que o sujeito sabe e pensa retrospectivamente do seu itinerário biográfico. É o resultado da totalização subjectiva que o sujeito fez de suas experiências até o momento. A realidade discursiva do relato em si produzido na relação dialógica da entrevista, e que corresponde ao que o sujeito quer dizer acerca do que sabe (o que acredita saber) e o que pensa do seu itinerário (Bertaux, 1997, p.76).

Facilmente se confunde a designação *história de vida, narrativa, testemunho*. Na realidade, cada designação corresponde a uma orientação epistemológica: a *história de vida* implica a globalidade de uma existência, feita de diferentes épocas ou fases, tratando-se de um discurso autobiográfico. “A *narrativa* corresponde ao discurso de um ator sobre *a sua história de vida*, onde este *se conta*, sem, no entanto, ser forçosamente autobiográfico. Finalmente, o *testemunho* representa um relato centrado num

acontecimento vivenciado pelo autor do discurso de uma determinada maneira” (Lalanda, 1998, p. 5).

A *narrativa de vida* corresponde, no entanto, à opção metodológica que melhor se enquadra no trabalho desenvolvido. A partir desta metodologia obtém-se o acesso ao conhecimento das *relações intersubjetivas* a partir de uma informação pormenorizada e aprofundada acerca de situações originadas socialmente (*ibid*). Adotada em concreto, a entrevista compreensiva entra como referência no processo da elaboração do roteiro de pesquisa e na condução das entrevistas. Logo, as narrativas de vida foram tomadas a partir da sua tripla função: *de exploração*, onde os relatos de vida contribuem para a inserção no terreno; *analítica*, nas construções dos sentidos e tipologias dos mundos sociais, e *expressiva*, na exemplificação da força expressiva dos relatos de vida (Bertaux, 1997, p.52).

1.2 Amostra

Alguns critérios foram definidos para encontrar os sujeitos da pesquisa, o primeiro deles refere-se à faixa etária. Selecionaram-se indivíduos entre os 24 e os 30 anos. A escolha destes limites etários ocorre em razão dos mais velhos supostamente possuírem mais experiências de trabalho e que tal foi tido em conta na seleção.

O recorte das ocupações laborais foi definido a partir de um conjunto de circunstâncias que revelam a precariedade a partir da informalidade, da ausência de vínculos contratuais, da baixa remuneração, das atividades em que se exigem esforços físicos sem proteção, e que poderiam ocorrer nas ruas ou outros lugares específicos.

Estes critérios foram tomados de forma cumulativa, e a partir destes seleccionámos algumas ocupações para a recolha empírica trabalho. Para esta investigação identificamos as seguintes ocupações: (a) os *catadores de lixo reciclado*, (b) os *vendedores ambulantes*, (c) os *lavadores de carros*, (d) os *entregadores de panfletos*, (e) os *diaristas da construção civil* e (f) os *malabaristas de semáforo*. Nesta amostra procuramos entrevistar homens e mulheres, para que pudéssemos compreender as diferenças relacionadas com o género. Este conjunto de actividades foi seleccionado em razão do contacto estabelecido com o grupo de jovens tendo em vista a localização espacial e, na medida em que os sujeitos investigados nos indicavam outros jovens a serem entrevistados.

As entrevistas, conduzidas de modo aprofundado, foram realizadas junto de dezoito jovens, seguindo a definição de amostra intencional. A quantidade de casos aqui apresentados não tem o objectivo de constituir uma amostra representativa estatisticamente, mas de construir uma amostra pautada por *critérios de compreensão e pertinência*¹⁷ de “sujeitos socialmente representados”. (Guerra, 2006 p.20)

Em parte, a representação da amostra pode ser observada a partir do perfil dos jovens entrevistados, conforme indica a tabela abaixo:

Quadro1.1 – Caracterização dos Jovens Entrevistados

Nome	Idade	Cor/raça	Escolaridade	Posição Familiar	Renda familiar <i>per capita</i>	Atividade laboral	Atividade laboral dos pais
Paulo Henrique	24	Branco	E. M. Incompl.	Solteiro Mora com os pais e	½ SM de ½ a 1 SM	Reciclagem Cooperativa .	Porteiro Diarista Limpeza.

¹⁷ Pais (2001).

				Sem Filhos			
Nome	Idade	Cor/raça	Escolaridade	Posição Familiar	Renda familiar <i>per capita</i>	Atividade laboral	Atividade laboral dos pais
Rosaline	29	Negra	E. M. Incompl.	Casada, Mora Com cônjuge e quatro Filhos	de ½ a 1 SM	Recolha e Reciclagem	Pedreiro Serviços Domésticos
Elaine	28	Negra	E. M. Incompl.	Casada, Mora Com cônjuge e quatro Filhos	½ SM	Reciclagem cooperativa	Pedreiro Serviços Domésticos
Gilberto	30	Negro	E. M. Completo	Casado, Mora Com cônjuge e três Filhos	½ SM	Recolha e reciclagem	Pedreiro e Serviços Domésticos
Ângela	28	Branca	E. M. Incompleto	Casada, Mora Com cônjuge e dois Filhos	½ SM	Reciclagem cooperative	Pedreiro e Serviços Domésticos
Luan	25	Pardo	E. F. Completo	Separado, mora com os pais e tem dois Filhos	de ½ a 1 SM	Lavador de carro	Porteiro, e a mãe faz pão para vender.

Nome	Idade	Cor/raça	Escolaridade	Posição Familiar	Renda familiar <i>per capita</i>	Atividade laboral	Atividade laboral dos pais
Gabriel	25	Branco	Sup. Incompl.	Solteiro mora em pensão	de 1 a 2 SM	Lavador de carro	Técnica de enfermagem
Daniel	25	Negro	E. M. Incompl	Casado Mora Com cônjuge e um filho.	de 1 a 2 SM	Lavador de carro	Aposentada trabalhava como diarista
Sybele	25	Branca	Sup. Incompl	Solteira moradia Independente alugada	1 SM	Lavador de carro	Porteiro e dona de casa
Wellisson	27	Branco	E. M. Incompl	Separado mora com avó paterna e tem uma filha	de 1 a 2 SM	Lavador de carro	Aposentada trabalhava com serviços domésticos
Joyce	25	Parda	E. M. Incompl	Solteira e mora com avó materna	de ½ a 1 SM	Lavador de carro	Serviços domésticos
Pedro	25	Branco	Sup. Incompl.	Solteiro mora em república	1 SM	Artista de rua	Professor da educação Básica
Edcarlos	25	Branco	Fund. Incompl	Casado Mora Com	1 SM	Construção civil sem	Pedreiro Serviços

				cônjuge e duas Filhas		registro	domésticos
Nome	Idade	Cor/raça	Escolaridade	Posição Familiar	Renda familiar <i>per capita</i>	Atividade laboral	Atividade laboral dos pais
Fernando	25	Branco	E. M. Compl.	Solteiro Mora com os Pais	de 1 a 2 SM	Construção civil autônomo	Caminhoneiro e dona de casa
Felipe	27	Branco	E. M. Completo	Casado, Mora Com cônjuge e um filho e Uma enteada	de ½ a 1 SM	Vendedora ambulante	Açougueiro e diarista
Luiz	24	Branco	E. M. Incompl.	Solteiro, Mora com a Mãe	de ½ a 1 SM	Vendedora ambulante	Pintor e diarista de Limpeza
Rosângela	29	Negra	E. M. Incompl.	Casada, Mora Com cônjuge e uma Filha	de ½ a 1 SM	Panfletagem	Frentista de posto de combustível e diarista de limpeza
Márcia	28	Negra	E. M. Incompl.	Separada e mora com a mãe e Dois Filhos	de ½ a 1 SM	Panfletagem	Ambulante e cabeleleira

Elaboração própria, 2015

A descrição inicial do perfil dos jovens inquiridos revela a intencionalidade da amostra, cujos sujeitos desta investigação têm em comum a experiência do trabalho precário no aspecto da ausência contratual, dos baixos rendimentos e do tipo de atividades, nomeadamente manuais e sem necessidade de qualificação formal.

Dos vinte e cinco jovens inquiridos pelo questionário, dezoito se dispuseram em ser entrevistados individualmente. Numa caracterização inicial entrevistámos onze homens e sete mulheres, na condição de solteiros encontrámos sete jovens e oito casados, e três separados. Destes, seis moravam com os pais ou família de origem e doze em moradia independente, dez jovens com filhos e oito sem filhos, no quesito cor/raça autodenominaram cinco negros, dez brancos e três pardos, em termos de escolaridade três jovens haviam completado ensino fundamental e dois não haviam completado a etapa fundamental, dois jovens com ensino médio completo e sete abandonaram os estudos no ensino médio, três jovens com ensino superior incompleto, dois estavam cursando e um havia trancado matrícula.

Essa caracterização foi definida com perspectiva de situar o lugar da vida concreta dos jovens em questão e, de fazer-se a ponte da compreensão entre as condições e as situações da relação destes jovens com trabalho e as outras dimensões da vida.

1.3 Recrutamento dos participantes

A princípio a idéia da inserção no campo de pesquisa partia de contatos com as secretarias municipais de juventude e ação social a fim de iniciar uma aproximação com os jovens a serem entrevistados. A intenção era encontrar uma diversificação de jovens e de experiências de trabalho. Porém, com estas tentativas não obtivemos os contatos

desejados, então adotamos uma estratégia de observação direta de campo. Por um período de tempo passamos a observar locais específicos previamente conhecidos no cenário urbano onde pudéssemos encontrar jovens durante o seu exercício de trabalho.

Com relação aos coletores de lixo reciclável entrámos em contacto com algumas cooperativas e também diretamente com trabalhadores autônomos não associados em pontos específicos de concentração - próximos a condomínios residenciais- em dias e horários em que passam habitualmente.

Nas ruas centrais de Londrina, nota-se uma intensa e diversidade de trabalhadores que permanecem estrategicamente posicionados nos semáforos de três tempos¹⁸. Nos semáforos encontrámos vendedores ambulantes com uma enorme variação de mercadorias, artistas de rua e entregadores de panfletos. E foi no semáforo que me indicaram jovens lavadores de carros, que trabalham em postos de combustíveis e lava rápido nas proximidades da região central.

O deslocamento até aos locais de trabalho foi a forma mais eficiente de contactá-los inicialmente. Após este primeiro momento de observação, abordámos vários jovens e aplicámos questionários, estabelecendo contatos para futuras entrevistas. Os agendamentos das entrevistas foram sempre acordados previamente e realizadas nas proximidades dos locais de trabalho, em locais públicos, antes ou após ou ainda durante as pausas da sua jornada de trabalho, com exceção aos catadores autônomos que foram acompanhados no decurso dos seus trajetos, por causa da competitividade entre os trabalhadores e da oportunidade de obtenção de lixos mais rentáveis.

¹⁸ São semáforos que estão estrategicamente posicionados em grandes avenidas que controlam o fluxo em três diferentes direções e duram cerca de 1 minuto na parada.

1.4 Instrumentos de recolha de dados

Elaborámos um roteiro semi-directivo para as entrevistas em profundidade, cuja estrutura do guião¹⁹ abordou, para além das ocupações definidas, questões sobre o trabalho, os percursos escolares, a relação familiar e as expectativas com relação ao futuro.

O roteiro foi construído tendo em vista os objetivos e as questões iniciais da investigação sobre a realização das trajetórias laborais, suas inserções e reinserções, estratégias para encontrar trabalho, condições de acesso e permanência, bem como se dão a combinação escola e trabalho, os significados e valores atribuídos ao trabalho, como lidam com os períodos de ausência do trabalho e como a família está envolvida como referência e suporte nestes processos.

Utilizámos ainda na investigação um pequeno questionário²⁰ exploratório com o objectivo de registro de dados elementares e também fizemos uso do recurso observação.

Para as entrevistas definimos uma questão de abertura ou *questão instrumental* para dar início às atividades, a fim de mitigar as primeiras tensões e expectativas. Como forma de diminuir os constrangimentos dos contatos iniciais, a pergunta definida para tal foi: como é a sua rotina de trabalho? Essa pergunta foi estrategicamente refletida como oportunidade de estabelecer o primeiro fio condutor, e levando em consideração as advertências de Bertaux (1997) e Kaufmann (1996) para que a primeira pergunta não fosse demasiada aberta ou que provocasse alguma intimidação.

¹⁹ Em anexo.

²⁰ O questionário encontra-se no anexo A.

A função do uso do gravador foi explicada e também foi solicitado consentimento dos informantes para a sua utilização. Apesar de não ter sido negado em nenhum dos casos entrevistados, para alguns jovens gerou inicialmente certo receio.

Entrevista 13 – Olha moça, o gravador está me dando mais medo que uma agulha de injeção e olha que eu tenho muito, mas muito medo mesmo de injeção.

Se quiser podemos fazer a entrevista sem o gravador.

Entrevista 13 – Não. Vou tentar enfrentar esse medo (Edcarlos, 25 anos, diarista da construção civil)

Saber *administrar o inesperado* e as emoções que nunca são gratuitas implica em ir além do contexto social estabelecido em contactos precedentes. De certo modo é necessário que se desenvolva uma relação interpessoal que inverta a relação social, na qual atribui relevância à experiência dos sujeitos, para que o *interlocutor assumo o papel de narrador* (Bertaux, 1997, p.66).

1.5 As entrevistas – o tratamento dos dados

As entrevistas individuais em profundidade foram transcritas e apresentadas com base nos relatos de vida. A utilização da narrativa como instrumento analítico teve como finalidade organizar as falas dos jovens comuns sobre os assuntos abordados no roteiro e

“atentando para os conteúdos, nas maneiras de falar, e no contexto da enunciação – para quem se fala e em que situação se fala” (Corrochano, p. 138).

Cada entrevista foi analisada individualmente e sistematizada em análise vertical, para em seguida a realização da sistematização das lógicas e recorrências em análise horizontal. Ordenámos algumas das principais categorias emergentes do campo sobre a relação do jovem com o trabalho, os modos de inserção, as motivações, os valores e os sentidos, os trajetos, vínculos com a educação e família e o que desejam para o futuro próximo e distante.

Para a análise das entrevistas leva-se em consideração a perspectiva disposicionalista de Lahire (2007), onde as condutas dos indivíduos são características aos sistemas e disposições internas interiorizadas pelas experiências socializadoras passadas e, que podem ser convertidas na forma de compreender, relacionar e agir no mundo. Portanto, tais disposições não são necessariamente coerentes e homogêneas, muitas delas podem se apresentar de forma controversa.

Em resumo, neste primeiro capítulo enunciamos esclarecimentos básicos no que se refere ao conjunto de questões da investigação em articulação aos eixos da problematização dos processos de transição face à complexificação dos modos através dos quais os jovens procuram assegurar o auto-sustento.

Tais questões encontram-se vinculadas à tipologia de jovens inseridos em trabalhos pouco qualificados e de baixa remuneração. Como procedimento metodológico, a investigação envolveu a realização de entrevistas individuais em profundidade, a partir de um roteiro semi-diretivo, com a finalidade de enquadrar as maneiras como estes jovens interpretam e constróem a realidade tendo em vista os aspectos peculiares dos condicionalismos estruturais. No capítulo seguinte, abordaremos um breve panorama das dimensões socio-históricas e culturais das abordagens analíticas em torno da juventude

2. ASPETOS INICIAIS QUE MARCARAM A CONSTITUIÇÃO DA JUVENTUDE ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA²¹

2.1 Da juventude enquanto construção ao estudo das culturas juvenis

O reconhecimento e a distinção das singularidades das fases de vida anteriores ao mundo adulto – infância, adolescência e juventude – tais como hoje são conhecidas, são fenômenos recentes (Corrochano, 2007, p.31). Segundo a tese de Ariès, a introdução de novos elementos sociais e culturais presentes na sociedade europeia do século XVII, como a formalização da escola e a redefinição da noção de família contribuíram para o início da visibilidade social da juventude como noção social para a sociedade (Ariès, 1986).

O tempo de preparação dos sujeitos para a vida adulta e ante ao surgimento de instituições específicas para esta finalidade, a futura assunção das complexas tarefas produtivas da sociedade industrial, pressupôs uma diferenciação no desenvolvimento biológico e social do indivíduo, facto que acabou por contribuir posteriormente para o pré-estabelecimento de delimitações etárias entre a infância e a juventude. Assim, a programação das etapas de formação²² constituiu-se à medida que novas mudanças no

²¹Segundo Criado (1998), há muitas maneiras de se contar a história da juventude, tendo em vista as *múltiplas escolas e abordagens* desenvolvidas. Entretanto, a perspectiva desta pesquisa não pretende apresentar um panorama aprofundado acerca das abordagens sociológicas da juventude, mas dar ênfase as diversas dimensões nas quais os jovens foram problematizados em parte pelas pesquisas ocidentais. Podemos encontrar na literatura uma série de estudos que apresentam a delimitação das principais tendências teóricas da pesquisa académica circunscritas em uma sociologia da juventude, nessa composição. Como exemplo, citamos Bernal e Alpizar (2003), Criado (2001) e Feixa (1998).

²²Segundo Ariès (1986) e Perrot (1996), a princípio os jovens oriundos das famílias burguesas eram os frequentadores da escola, posteriormente, ao longo do século XIX, o acesso à escola foi estendido aos jovens pobres, contudo, os conteúdos eram diferentes para estes jovens. Enquanto o jovem burguês aprendia sobre artes e filosofia, o jovem pobre aprendia conteúdos instrumentais para serem aplicados no trabalho.

modo de aprendizagem foram sendo inseridas na preparação dos mesmos, e a aprendizagem institucionalizada tornou-se parte das necessidades da reorganização demandadas por um determinado contexto histórico e configurou-se também como uma componente importante de reconhecimento da condição juvenil. A escola torna-se, neste aspecto, o lugar referencial dos jovens e ao mesmo tempo um dispositivo das sociedades onde se processam as conexões da socialização.

Atualmente, a conceptualização teórica acerca da juventude destaca a necessidade de *desnaturalizar* o seu significado, levando em conta os arbitrários culturais, a sua historicidade, os seus conteúdos socialmente construídos e as suas diferenciações internas (Novaes, 2007; Abramo, 2005; Pais, 2003). A abrangência e complexidade de características e distinções das realidades possíveis do universo juvenil levam os investigadores a pensar definições mais ampliadas, não só como recurso metodológico, mas também para evitar e desmistificar todo tipo de estereótipos e generalizações pejorativas, que podem não corresponder à realidade.

Em parte isso acontece porque, de modo geral, a juventude refere-se às experiências práticas dos cursos de vida e por isso reverberam conteúdos, noções, sentimentos que estão mais ou menos ligados a “determinados discursos e práticas, que são produzidos e reproduzidos por diversas instituições como a escola, a família, a igreja, os meios de comunicação entre outros” (Bernal e Alpizar, 2002, p.2). Sendo assim, freqüentemente o imaginário coletivo costuma estar carregado de percepções e representações dos jovens em variações controversas, entre pré-julgamentos positivos pelas expressões e características “desejáveis” dos signos da cultura juvenil, a vitalidade, o corpo jovem, e negativos, pelo viés dos problemas e instabilidades às crises, comportamentos de risco, criminalidade, entre outros.

Os jovens foram incluídos nas investigações sociológicas quando determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais. As tensões e instabilidade ocorridas, *aparições excêntricas* e as dissonâncias ²³ ao padrão comportamental predominante e aceite pela sociedade e em decorrência dos problemas sociais, e das dificuldades vividas pelos jovens em razão do contexto histórico específico da revolução industrial, questões como o surgimento do abandono escolar, da criminalidade, do uso de drogas e outros comportamentos que não correspondiam aos padrões desejáveis da época, foram os temas correntes na vazão inicial das análises (Abramo,1994; Flitner, 1968).

O argumento teórico precedente para entender tais práticas e representações foi desenvolvido pela composição teórica do estrutural-funcionalismo, cuja ênfase teórica se dá na centralidade dos processos de socialização e de integração do indivíduo na sociedade via a problemática das instabilidades e dos “desajustamentos” juvenis.

A noção de subculturas foi instrumentalizada duplamente nos enfoques distintos dos *jovens problema* e dos *jovens normais* estudantes de classe média. A Escola de Chicago ²⁴ realizou uma série de investigações abordando a criminalidade e a delinquência juvenil, a partir da década de 1920. As explicações para esses fenômenos encontram-se

²³ Como exemplo a estas aparições, menciona o movimento juvenil alemão desencadeado por jovens estudantes do século XIX, iniciado por pequenos grupos que organizavam excursões aos campos e aldeias, numa busca de contato com a natureza e raízes culturais populares em oposição à vida “artificial” das cidades (Flitner, 1968, Abramo 1994).

²⁴ Pesquisadores como Trasher, Landesco e Reckless desenvolveram as primeiras abordagens acerca da criminalidade e da formação de gangues. Para esses autores, o surgimento dos grupos criminosos na juventude tem estreita ligação com a situação de pobreza dos jovens imigrantes. É consequência da desorganização social que o desemprego, as condições precárias de alimentação e de moradia provocam. Tais problemas de desenvolvimento estrutural teriam efeitos diretos sobre a juventude no processo de integração à sociedade. Nesta linha de pesquisa Clifford Shaw, Henry McKay, Frederic Zorbaugh e Leonard Cottrell desenvolveram, em grupo, um estudo publicado, em 1929, intitulado “Delinquency Areas”, no qual eles apresentaram um mapeamento realizado em diferentes bairros e cidades norte-americanas. Eles sistematizaram taxas de variação da criminalidade entre regiões diferentes. Os resultados desse trabalho indicavam a concentração de maiores índices de criminalidade em bairros compostos predominantemente por imigrantes pobres e negros.

nas novas formas de interação urbana decorrentes do processo de urbanização, pobreza, desemprego. Abordadas predominantemente pelas investigações empíricas, as organizações delinquentes conhecidas como gangues e os crimes por elas praticados emergem como os temas mais tratados pela Escola de Chicago.

Parte destes estudos²⁵ enfatizava os comportamentos desviantes como resultado de socializações defeituosas e fragmentadas, falha na integração provocada por disfunções no sistema social, sendo marcada por uma perspectiva corretiva, que aponta para a “necessidade de saneamento das patologias e para a busca de reintegração desses jovens nos padrões da normalidade” (Abramo,1994,p.16).

Além das análises em torno da reprodução dos grupos juvenis a partir dos comportamentos que se desviam das normas, os comportamentos em conformidade aos padrões também estiveram em foco a partir da década de 1940. O viés desta abordagem parte da normalidade e funcionalidade dos grupos juvenis a partir da socialização escolar.

A escola como agente especializado tornou-se parte das necessidades da reorganização demandada da sociedade moderna e configurou-se também como uma componente referencial de comportamentos e identidade dos jovens e também um importante conector social (Einsentadt, 1976).

Segundo Parsons (1942,1968), a interação do jovem no espaço escolar ampliou o círculo de relações sociais e das formas de uma sociabilidade juvenil decorrente da produção de valores, símbolos linguagens específicas dos jovens. Estas interações articulariam-se em torno de uma subcultura juvenil derivada da cultura geral dos adultos como “produto da tensão inerente entre gerações e a sociedade contemporânea”, e que atua também como mecanismo de integração (Criado, 1998, p. 12).

²⁵ A. Cohen (1956).

Esta perspectiva de análise marcou uma série de estudos da década de 1950 e 1960 e tomou a juventude como grupo unificado a partir de uma subcultura que representava em perspectiva de modernização a expansão de uma sociedade de consumo, mais democrática (*ibid*).

A partir dos anos de 1960 e 1970 constituiu-se em particular no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham um grupo de estudiosos que investigaram a emergência das subculturas dos jovens da classe trabalhadora. A abordagem desta corrente representa uma ruptura com a tradição americana do estrutural-funcionalismo e da perspectiva “desviante”. A tendência teórica apresentada trouxe a perspectiva *neomarxista*, partindo de uma aproximação conceitual de classe social e poder (Williams, 2007).

A noção de uma subcultura juvenil refere-se à cultura de classes da qual os grupos são originários. Essas subculturas são vistas como modos de elaboração e projeção de respostas culturais aos problemas colocados pela especificidade do grupo no interior da classe de origem. A subcultura e as classes sociais são analiticamente separadas como *dois lados de uma mesma moeda*. A adesão dos jovens a uma subcultura não ocorre em decorrência do fracasso das socializações, mas como forma de resistência a uma configuração cultural maior, isto é, a cultura de classe como meio expressivo de lidar e negociar com a hegemonia cultural das classes médias. Os diversos *estilos*²⁶ constituem-se como um recurso simbólico dos jovens usados na construção de uma identidade (Williams, 2007).

Neste marco, as subculturas juvenis constituir-se-iam como forma dos jovens da classe operária do pós-guerra lidar com os conflitos básicos de classe e, portanto, a

²⁶ *Teddy boys, skinheads, mods, rockers*, entre outros.

mediação através dos estilos seriam respostas às contradições estruturais que permaneciam não resolvidas.

Parte das críticas dirigidas aos CCCS relacionam-se com a forma como as subculturas foram teorizadas como entidades estáticas e homogêneas face à cultura dominante. A variação subcultural era sempre tomada como luta ideológica e havia uma tendência a ignorar o que os participantes das subculturas *diziam e faziam*, concentrando-se apenas na “leitura” da sua resistência através do estilo e ritual. (Williams, 2007, p.6)

Segundo Machado Pais (1993) nas diversas formas de problematizar o jovem, o que há em comum a estas grandes correntes de análise é a questão da reprodução social como problemática central. A corrente geracional, apresentou um quadro conceptual constituído pelas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e pela teoria das gerações, que todavia

toma como ponto de partida a noção de juventude, como fase da vida, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude. Para esta corrente, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante (...) admite-se a existência de uma cultura juvenil que, de certa maneira, se oporia à cultura de outras gerações (das gerações adultas, mais concretamente) (Pais, 1993, pp. 48-49).

Na corrente classista, as análises dão enfoque às classes sociais como determinante da “classe de idade” e por isso as noções de fase de vida não fariam sentido,

já que estas estariam directamente condicionadas por relações de classe e pelos processos de transição determinados pelas desigualdades sociais.

Estas correntes polarizaram os debates predominantemente por décadas, contudo, as críticas relacionadas a estes pressupostos esclarecem que a perspectiva do eixo geracional indica certa generalização em torno de uma unidade da cultura juvenil e da estigmatização da delinquência no caso da vertente pessimista; e com relação ao eixo classista o foco das análises evidenciariam as trajetórias juvenis a partir da determinação das relações entre classes e assim, se distanciariam da busca pelos significados sociais e o plano simbólico como questão. Se anteriormente,

os fundamentos da sociologia estão originalmente ligados a uma representação da ordem social, e do lugar dos grupos etários e de suas responsabilidades respectivas na preservação dessa ordem, na sua observância, na sua ruptura ou na sua transformação. Atualmente as novas abordagens estão sendo realizadas a partir de novas percepções, a valorização positiva associada aos estilos de vida (Peralva, 1997, pp. 18-23).

Observa-se nas análises contemporâneas uma predisposição em ampliar *dimensões e variáveis* na tentativa de proporcionar maior clareza das investigações do que propriamente orientadas de forma homogênea na acomodação de dados empíricos a determinadas teorias. Diferentes estratégias e planos de análise combinados com a observância das situações e das condições sociais, tem-se configurado como uma das alternativas possíveis para compreender os fenómenos juvenis. Assim como na

incorporação da dimensão da vida quotidiana como pano de fundo das reflexões acerca das sociabilidades juvenis e das interpretações das *crenças e representações sociais*.

Ao incluir as dimensões sócio-históricas e culturais amplia-se também a pluralização do conceito juventude, com destaque a heterogeneidade juvenil, partindo das diversas realidades do dia-a-dia e dos seus condicionantes individuais e sociais no desenvolvimento da construção das identidades especialmente nas explicações que contemplam *os estilos de vida juvenis, os ritos de passagem, e as trajectórias de vida*.

Assim como o carácter multidimensional da globalização e as suas conseqüências culturais. O *enquadramento da juventude em tempos de globalização* a partir dos modos nas quais “a percepção de acontecimentos distantes poderá ter efeitos globais no próprio quotidiano”, em seu contexto local e na variação da assunção dos “contornos ou configurações, consoante os actores, instituições ou esferas de actividade consideradas” (Simões, 2002, pp.14-16).

As diferentes culturas e subculturas juvenis que encontramos actualmente são, inevitavelmente, reflexo de dinâmicas complexas. Fenómenos diversos contribuem para a emergência de culturas de juventude com características *globalizantes*, no interior das quais se distinguem perfis colectivos com alguma *especificidade local*. Esta relação, nem sempre pacífica, entre o global e o local, entre práticas e produtos derivados com tradições geográficas e culturais distintas, conduz a uma reflexão no interior dos próprios territórios culturais, obrigados a questionar as suas origens e singularidades (Simões, Nunes, Campos, 2005, p.175).

Portanto, os eixos analíticos e os recortes da investigação podem tomar a categoria juvenil a partir de explicações múltiplas. Atualmente, há uma gama de análises que privilegiam jovens a partir de outras perspectivas de integração dos sujeitos na sociedade a partir das vertentes da sociabilidade e da cultura juvenil, destacando como determinadas condições, relações e representações sociais são articuladas no cotidiano.

2.2 O tema juventude para a sociologia brasileira

A tematização dos jovens no Brasil aparece inicialmente implícita nas discussões em torno da teoria social brasileira, na década de 1950. Nas investigações sobre o desenvolvimento social do país verificava-se a preocupação com a formação das gerações mais novas, consideradas como elemento importante no processo de modernização do país. Inicialmente associando a juventude às discussões de educação e acontecimentos políticos e históricos específicos, o jovem estudante de classe média foi incluído como figura central nestas análises (Britto, 1968).

Nos anos de 1970 e 1980o enfoque esteve voltado ao estudante trabalhador e à sua participação nos movimentos sociais, movimentos estudantis, inovações propostas no movimento de contracultura, bem como nas críticas do arrefecimento dessas formas de mobilização da juventude (Sposito, 2003).

Os pressupostos²⁷ que compõem o viés teórico destas pesquisas referem-se a uma juventude “genérica”, que se destaca através da militância política revolucionária e propulsora potencialmente das transformações sociais.

²⁷ Ver Marialice Foracchi e Otávio Ianni (1968).

A partir da década de 1990, houve retomada significativa dos estudos da juventude como questão social importante, o destaque dado aos jovens parte, de modo geral, de complexos factores ²⁸ como o da expressividade populacional, dos modos de representação da diversidade cultural e de viver a sociabilidade juvenil, das maneiras como os jovens são afectados pela desigualdade social, e das dificuldades dos jovens frente a determinadas conjunturas estruturais. A produção sociológica brasileira assumiu proporções mais expressivas, linhas de pesquisa de pós-graduação ²⁹ nas sub-áreas da educação, cultura, trabalho, saúde e movimentos sociais. A maior parte das reflexões esteve centrada na presença das instituições sociais na vida dos jovens e/ou nas problemáticas que envolvem as estruturas sociais vigentes, as vulnerabilidades oriundas das desigualdades sociais, bem como nas poucas e/ou inexistentes iniciativas públicas para estes grupos (Abramo, 2005; Sposito, 2003).

Atualmente observa-se um volume importante de pesquisas que diversificaram as abordagens, sobretudo acerca das possibilidades protagonismo dos jovens na sociedade, como sujeito de direitos, da sociabilidade e das formas de vivenciar a cultura juvenil. Além dos investigadores acadêmicos, uma parte destes estudos é realizada por estudiosos engajados politicamente a organizações governamentais ou da sociedade civil organizada em busca de melhores condições de vida e de oportunidades de sociabilidade próprias dos jovens.

²⁸ Ver Helena Abramo (1997) e Maria Virgínia de Freitas e Fernanda de Carvalho Papa (2003).

²⁹ Um estudo realizado pela Marília Sposito acerca da produção de pesquisas na universidade por alunos de pós graduação nas ciências humanas e sociais com a temática juventude entre 1980 a 1998 no Brasil.

2.3 Afinal, o que é ser jovem?

O conceito juventude reporta-nos a uma construção histórica e social, tendo em vista que o seu significado indica que os contextos e especificidades temporais, culturais e sociais são necessários para compreender as diferentes realidades nas quais os jovens podem vivenciar o quotidiano.

A definição incorpora a compreensão analítica de que “juventudes”, dita no plural, se apresenta como categoria complexa e carregada de certa ambigüidade e arbitrariedade, a partir das experiências heterogênea, das possibilidades de ser jovem e das distinções das realidades que podem vir a compor os modos de construção do universo juvenil.

Em outras palavras, não há definição única e homogênea capaz de dar conta de um significado universal de juventude, uma vez que o carácter histórico e social dessa categoria sofre influências diretas das diferentes configurações políticas, econômicas, sociais e culturais, as quais influenciam variadamente os processos de socialização e as construções identitárias que representam e organizam um determinado significado da juventude. A ênfase da constituição do conceito a partir de margens delineadoras flexíveis revela o cuidado dos investigadores em não categorizar, não generalizar ou instituir uma única juventude.

Porém, por mais impreciso e diferenciado internamente, há na construção deste conceito referências mais objectivas observadas a partir de certos recortes que ampliam a compreensão, inicialmente a dimensão biológica constitui-se como uma delas. Considerada como um traço geral, e definidora do lugar e do pertencimento dos indivíduos, as idades, de certo modo, caracterizam um momento específico ou “fase da vida”.

Refere-se de algum modo a dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Ainda que não haja uma correspondência definindo rigidamente as faixas etárias. “Sabe-se que este período começa com as mudanças físicas na puberdade concomitantemente com as transferências intelectuais e emocionais do sujeito” (Freitas, 2005, p.6). *Os hormônios, a adrenalina, o corpo jovem*, favorecem a predisposição para a aventura e as representações de força e vitalidade motivando a ousadia de arriscadas práticas juvenil (Novaes, 2007).

Diferentes instituições e organismos propõem as suas próprias definições, segundo a UNESCO (2009), os jovens podem incluir variavelmente indivíduos entre 10 e 35 anos na América latina.

Além da componente biológica e das idades, as transformações estruturais nas sociedades urbanizadas podem ser tomadas como referência específica das implicações culturais da globalização³⁰ para as culturas juvenis (Simões, 2002, pp. 16-17).

Ser jovem no século XXI significa, de modo geral, vivenciar nos contextos atuais os processos das novas configurações estruturais e culturais do mundo moderno e experimentar os efeitos dos seus significativos impactos e alterações, sobretudo nos itinerários e na composição das transições cada vez mais diferenciadas à vida adulta.

No presente, as transições são vividas num plano marcado por profundas transformações económicas, políticas, sociais e culturais, que interferem nas novas configurações sociais e nas demandas, e na singularização das experiências sociais dos sujeitos (Martuccelli, 2006; Dubet, 1994).

³⁰ Com a ressalva de que os processos sociais desencadeados pela globalização apresenta amplas variações com contextos de acesso, uso e apropriação e portanto, apesar das *culturas juvenis* constituírem-se como um fenómeno global, são também *simultaneamente local* (Simões, 2002, p.17).

A caracterização dinâmica das sociedades modernas conta com o ritmo de *mudanças constantes, abrangentes e contínuas, e com a reflexividade da vida social. “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente seu caráter”* (Giddens, 1990, pp. 37-38).

Segundo Dubet (1994), este quadro não retrata necessariamente uma crise, mas um processo de mutações, mediante o qual aquilo que designamos por sociedade não é mais redutível a um sistema integrado, a um modo de produção e a um estado nacional. Estas mutações têm em consequência a alteração de determinados padrões, parâmetros sociais e modelos de referências estruturais e quotidianos. Essa nova configuração social é pontuada pelas transformações que atingem as instituições e as condutas que os indivíduos ocupam na sociedade e o reproduzem, e que denotam mudanças nos modos de pertencimento dos indivíduos, cuja socialização transpõe a prática da incorporação dos papéis sociais.

As sociedades modernas são, por natureza, pouco integradas, e teriam uma integração mais frágil, mais aleatória, mais incerta, posto que o sistema é dotado de uma complexidade infinita, e a mudança faz parte do próprio princípio do funcionamento e que nas sociedades a pluralidade dos valores é admitida progressivamente (...). Quanto mais, no entanto, os traços de modernidade se acentuam, tanto mais esta construção da integração muda irresistivelmente (Dubet, 2006, pp. 35-38).

A integração do indivíduo na sociedade não é uniformemente pautada por condutas *tradicionais e automáticas*, na modernidade tardia há uma desagregação das “formas clássicas de integração”, e a relação dos indivíduos com as agências também é significativamente afetada, como por exemplo, o *declínio do papel das instituições de socialização* como a escola, que atualmente não detém a centralidade da integração cultural como outrora, tendo em conta que existem outros meios e acessos para obter conhecimento (Dubet, 2006, p.53).

Em condições de modernidade tardia, uma quantidade maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais os desencaixes³¹ institucionais ligam com freqüência as práticas locais a relações sociais globalizadas, organizando muitos aspectos importantes da vida quotidiana (Giddens, 1990, p. 73). Destes fenômenos emergem modos de vida e formas de organização social que divergem dos ambientes de configuração nas sociedades tradicionais,³² e influenciam a redefinição de certos aspectos pessoais como as identidades pessoais e sociais, a ordem dos valores, entre outros (Giddens, 1990, p.92).

Estes fenômenos intervêm nas “experiências individuais” em forma de integrações mais subjetivas e menos previsíveis na sociedade, o que acabam por se constituir como desafios que se colocam aos sujeitos frente às exigências de constituir-se a si próprios permanentemente e mobilizados a partir dos seus próprios quadros normativos (Dubet, 1994).

³¹Para Giddens, um dos impactos contundentes da modernidade tardia são os desencaixes ou deslocamentos, os quais retiram a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias (Giddens, 1990, p 51).

³²Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1991, p.38).

Os indivíduos são chamados a ser *solistas* dos seus itinerários e um plano cujas referências encontram-se menos fundadas em valores da sociedade e mais nas interações que se realizam através das socializações institucionalizadas (*ibid*).

O mundo moderno fornece imensos entusiasmos simbólicos, embora não pareça capaz de tranquilizar as suas inscrições nas práticas quotidianas e na desinstitucionalização³³, impele os sujeitos a responsabilidades que são sistêmicas em contextos de vida cada vez mais instáveis (Bauman, 2008, p. 15).

Estes processos nos colocam frente a experiências de provações e adversidades de todo tipo como *a exposição do eu* (o eu próprio é sempre o responsável pelo sucesso e fracasso pessoal), *a experiência do impossível* (automotivação, mesmo em condições adversas e impossíveis de se alcançar) e a *experiência generalizada do desprezo* (como este pode ser sentido em casos onde há desemprego ou dissonância do poder de consumo) (Dubet, 1994, p. 28).

As práticas concretas desse quotidiano e a volatilidade das condições da vida moderna são nomeadamente marcados por uma contingência de mudanças informadas com frequência por lógicas de ruptura mais do que pela continuidade sentidas no quotidiano. As experiências atuais da vida social, da socialização e da subjetivação dos indivíduos nesta configuração pressupõem distinções sociais cada vez mais interiorizadas nas subjetividades em complexos modos de construção.

A constituição da identidade do sujeito *pós-moderno* torna-se processo permanente de reconstruções. Como nota Hall, “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos

³³ Na desinstitucionalização aquilo que anteriormente era de responsabilidade coletiva das instituições, é cada vez mais transmitido ao próprio indivíduo, que deve assumir como trajetória pessoal, o seu próprio destino. (Martuccelli, 2002 pp. 347-348).

representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, pp.12-17).

A identidade dos sujeitos podem ser acionadas e combinadas em conjuntos sob certas circunstâncias e não estão unificadas propositadamente em um “eu coerente”, ao contrário, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente sendo deslocadas” (Hall, 2006, p.13).

Entretanto, a tarefa da construção das identidades não deve ser vista como imagem demasiado *frouxa e demasiado vaga* do vivido, já que mesmo com a *perda da adesão* à ordem do mundo os sujeitos são compelidos a viver tal experiência e a “gerir várias lógicas da percepção da acção como uma experiência e como um drama” não desconexo ao jogo e aos problemas sociais (Dubet, 1994, p.101).

Os códigos sociais que anteriormente guiaram as escolhas e as ações das pessoas perderam significativamente importância. Os quadros tradicionais de identidade estão a dissolver-se, enquanto emergem novos padrões de construção das identidades mais reflexivas. Estamos constantemente a responder os contextos de mudança a nossa vida e a se ajustar nele (Giddens, 2006, p. 77).

As identidades construídas sob os novos modos de regulação social, resultam em identidades mais polidas, menos estáveis mais frágeis e que podem ser modificadas a qualquer tempo, já que as múltiplas identidades parecem não ser capazes de *estruturar o conjunto da personalidade e status* (Dubet, 2006, p.39).

A crítica dos hiperglobalizadores³⁴ a este respeito, consiste nos efeitos das profundas disparidades das sociedades modernas, cuja configuração dá-se

³⁴ Ver Giddens (2006).

paradoxalmente entre as amplas possibilidades de construir-se a si mesmo e às diversas barreiras nos aportes sociais. Os projetos de vida individuais não encontram nenhum “terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de uma constituição da identidade individual não podem retificar as conseqüências do desencaixe” (Bauman, 2008, p.16).

A tensão local-global se manifesta no mundo de maneira contundente. “Nunca houve tanta integração globalizada e ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos os processos de exclusão e profundos os sentimentos de desconexão. É verdade que estes aspectos têm conseqüências na sociedade como um todo, para todas as faixas etárias. Mas suas repercussões se agigantam sobre a juventude” (Novaes, 2007, p.7).

Deste modo, as transições dos jovens tornam-se cada vez mais complexas e individualizadas nas maneiras como se processam as integrações dos sujeitos na sociedade e nos modos através dos quais constroem as atribuições das suas identidades.

As mudanças geracionais a que as transições estão submetidas no presente, projetam o fenômeno social da “reestruturação da proteção social”, com o prolongamento da escolaridade, o adiamento da entrada no mercado de trabalho e a postergação da maternidade e do casamento; e intensifica o fenômeno cultural e simbólico que valoriza o jovem associado aos estilos de vida e o toma como referência para outras idades. “O envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em um modelo cultural do presente” (Peralva,1997).

As transformações da juventude como valor em si mesmo, eleita para simbolizar seus ideais de perfeição e a perda de referência da vida adulta como modelos de independência e experiência, leva a um campo maior de identificação da sociedade com a cultura jovem para além dos limites etários. “Passamos de uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice” (Kehl, 2004, p.90).

A juventude como cultura evidencia traços de uma “luta simbólica” que muda conforme os tempos históricos³⁵, o referencial das “imagens corporais e na própria longevidade que legitimam a existência da idade como um capital simbólico”. Atualmente os indivíduos adultos não só se identificam com algumas das referências juvenis como incorporam alguns dos atributos, na busca de uma aparência cada vez mais jovem do que realmente se é, e para isso há diversos recursos para este fim para os que quiserem e puderem consumir produtos visando uma possível manutenção ou rejuvenescimento físico (Pais, 2010, p.20).

A descronologização e desestandardização dos ciclos de vida põem em xeque as duas categorias – jovem e adulto – nos seus significados simbólicos, já que a instabilidade da atual vida adulta não a torna uma referência central para os jovens como outrora.

As diversas formas de se tornar adulto estão, em alguma medida, relacionadas às diversas formas de ser adulto que são gestadas no seio das sociedades em constante transformação (...) no contexto

³⁵ Sobre a recente valorização nos jovens, vale lembrar que em outros tempos a velhice era o referencial cultural para a sociedade a crônica de Nelson Rodrigues relata como os jovens no seu tempo gostavam de aparentar mais idade. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos. A época não suportava a mocidade”. O escritor referia-se aos sinais de respeitabilidade dos sujeitos, longe de qualquer sinal aparente da juventude. Maria Rita Kehl (2004, p. 90) explica que na primeira metade do século XX, um homem de 25 anos já usava bigode, roupas escuras para identificá-lo entre os homens de 50 anos de idade, já que esta era a etapa de vida reconhecida pela sociedade. A crônica O grande motim de Nicolau Sevcenko exemplifica a questão “Somente o creme Barbalho/ Tornará todo grisalho/ Vosso cabelo juvenil;/ Garantindo-lhe o respeito/ De um ar sisudo e senil/ Em cargos de grande efeito!” Toda uma linha de outros produtos se propunha, no início do século, a atender a grande demanda pelo envelhecimento precoce. Tônicos para encorpar e ganhar peso, corantes para barbas e bigodes ralos, óculos e monóculos de vidros grossos e até uma sinistra pomada para amarelar dentes e unhas! Isso sem contar todo o repertório de recursos destinados a manifestar veneranda austeridade: suíças, cãs, casacas, cartolas, bengalas, cebolões, charutos, anéis de cabochão, polainas e comendas. Um vasto arsenal, cujo efeito cumulativo deveria somar a mais avançada idade possível para o portador. A regra era sempre mentir para mais, muito mais!”

atual, a condição adulta não possui contornos nítidos e bem definidos, podendo assumir formas distintas. Para muitos indivíduos, a idade adulta não se apresenta como um momento estável de suas trajetórias como se tivessem alcançado posições sólidas. Logo, não só a juventude pode ser encarada como um processo em aberto no qual as escolhas, definições e soluções no curso da vida individual ainda estão para serem feitas, como também a fase adulta pode apresentar este caráter amorfo e permeado por indefinições e incertezas (Macêdo, 2013, p. 158).

Entretanto, estes eventos podem revelar também a perda do “estatuto social dos jovens”, que não conseguem alcançar e/ou reproduzir os mesmos patamares que os seus familiares, cuja atribuição se dá em grande medida pela desestruturação social e “pela incapacidade das famílias para “integrarem” os seus filhos, dado que a drástica reconversão econômica e mediática desautorizou os progenitores incapacitando-os na transmissão aos seus filhos do seu próprio capital social e cultural” (Calvo, 2011, p. 44).

Neste aspecto, fenómenos como o prolongamento desta etapa de vida constituem-se como estratégica para os jovens oriundos tanto das classes trabalhadoras quanto das classes médias em manter a dependência familiar e adiar algumas inscrições atribuídas à vida adulta, em um percurso comum frente à indeterminação *das trajetórias*. Atualmente já não se pode mais contar com as “trajectórias predeterminadas pela origem de classe, típicas da sociedade industrial” e com as “trajectórias juvenis auto-determinadas correspondentes por méritos académicos acumulados” (ibid., pp. 44-45).

Com as mudanças das disposições e das configurações, as dependências alargadas e as autonomias dilatadas, as noções de juventude estão cada vez mais desconectadas das idades, e mais relacionadas com as experiências das diferentes etapas de transição que compõem os itinerários, nesse caso, os limites e términos também não são rigidamente definidos.

A não linearidade na transição, a inserção do jovem na condição de adulto, resulta de experiências dos jovens em diferentes modalidades e graus de inserção e são passíveis de alterações durante os percursos, podendo haver condições de autonomia relativa, gradual ou total e ainda nenhuma ou pouca autonomia nas dimensões da escola-trabalho-família (Casal,1988).

Altera-se também a relação dos jovens face às instituições referenciais, não só pelos novos contornos que as mudanças nas instituições, conteúdos e valores que pautam as condutas sociais imprimem alterações na moratória social, mas também na forma como os jovens têm experimentado algumas situações, nomeadamente da vida adulta, sem representar a transição da vida adulta de facto. Há muitos exemplos de situações de certa autonomia no quotidiano, embora este facto não signifique que estes sejam considerados como adultos, como os jovens que estão no mercado de trabalho e possuem certa autonomia financeira, mas que permanecem em casa dos pais ou de jovens que tiveram filhos e que não são responsáveis pelo sustento e pela educação destas crianças. José Machado Pais (2001) chamou esse tipo de processo de transição como *reversível*, cujo movimento de ir e vir dos jovens tem a ver com os avanços e retrocessos que põem em causa a não cronologização na aquisição de uma série de “atributos da maioridade”.

Por outro lado, mesmo com a crescente *(des) standardização das normas etárias*, mantém-se, de maneira geral, as expectativas dos indivíduos em relação aos

parâmetros³⁶ considerados aceitáveis pelas sociedades para que ocorram determinados eventos no curso de vida. Essas “regularidades” definidas socialmente são apropriadas a partir dos diferentes modos e da importância que os jovens atribuem e como interiorizam essa sequência normativa. Embora as muitas formas culturais de realizar as passagens das *fases da vida* estejam sujeitas a diferentes condições e *indeterminações* (Pais, 2010, p. 21; Aboim, 2010, p.110).

A constituição de novas formas sistemáticas de relações sociais e as singularidades constituintes da juventude são múltiplas não só pelas possibilidades da construção uma trajetória de vida, mas também pelos multipertencimentos e possibilidades culturais através dos quais estes sujeitos podem compor as identidades atualmente.

Para além de terem reforçado os processos de singularização biográfica, as transformações no mercado de trabalho (flexibilização e precarização) e nas estruturas familiares (pluralização das formas de organização familiar), enfraqueceram as referências culturais que serviam de fio condutor biográfico às trajetórias individuais. “Esse fato teria pressionado os jovens a fazerem um uso “ativo” de sua agência individual para inventar novos caminhos, criar novos estilos de vida, compor novas identidades, numa multiplicidade de opções – disponíveis ou inventadas” (Pais, 2005, p. 113).

Por fim, expusemos no presente capítulo algumas dimensões dos processos históricos e culturais que proporcionaram maior visibilidade à juventude como fase de vida distinta. Observamos também que, ao longo dos anos, as abordagens analíticas e as problemáticas desenvolvidas em torno da juventude, alteraram-se e ampliaram-se tendo

³⁶

Em inquérito realizado na Europa foi identificado um quadro geral das “idades apropriadas” para a realização de alguns marcos como a “iniciação sexual entre 16 e 18 anos, o casamento e o nascimento do primeiro filho entre os 20 e 26 anos, saída de casa dos pais antes dos 30 anos” (Pais, 2010).

em vista os fenómenos do prolongamento e da complexificação dos processos de transição à vida adulta com o advento das sociedades modernas. Os jovens contemporâneos, por sua vez, são destacados pela desestandardização dos ciclos de vida e pela necessidade de um acelerado processo de assimilação às novas adaptabilidades face às normas geracionais relativas aos percursos de vida.

No próximo capítulo apresentamos alguns indicadores sociais específicos ao contexto brasileiro em relação às experiências dos jovens com a escola, com o trabalho e as condições de vida.

3. O JOVEM BRASILEIRO E O SEU CONTEXTO DIFERENCIADOR

Como é possível ser jovem no Brasil? Esta resposta é dada em face da série de diferenciadores internos e de classe social, de etnia, de gênero, de disparidades regionais, entre outros. As condições estruturais destas transições juvenis vistas a partir dos seus condicionamentos sociais, que formam o conjunto de oportunidades e restrições e das dinâmicas das instituições referenciais constituem-se como ponto fundamental na tentativa de caracterizar quais são as possibilidades e as impossibilidades de ser jovem na realidade brasileira.

Dados relativos ao último censo do IBGE e às sínteses recentes dos indicadores sociais PNAD e PNUD apresentam vários caracterizadores sócio-demográficos que nos ajudam na compreensão dos marcadores do que significa ser jovem no Brasil e que tipos de processos sociais em curso contextualizam as transições vigentes na sociedade, especialmente para os jovens.

3.1A experiência da situação juvenil – o panorama de alguns indicadores sociais

Em 2010, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) apresentou o número total de jovens no país, ao todo são 51,3 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos de idade, correspondendo a 26,8% da população. Destes, a expressão da faixa etária dos 15 aos 17 anos representa 20% (10 milhões desta população), a dos 18 aos 24 anos 45% (23,1 milhões) e a dos 25 aos 29 anos 35% (17,5) milhões. No atual aspecto demográfico, o Brasil corresponde a 50% dos jovens

na América Latina e 80% do cone Sul³⁷. 50,5% da população jovem é constituída por mulheres e 52% dos jovens são negros. A maior parte dos jovens vive em áreas urbanas, 84,9% do total, e 15,1% habitam em áreas rurais.

A representação numérica é expressiva e já inclui neste grupo os novos limites etários estabelecidos no Brasil. Em 2007, a política nacional da juventude ampliou³⁸ a faixa de idade que até então situava-se entre os 15 a 24 anos para 15 a 29 anos de idade, com a finalidade de abranger jovens mais velhos nos programas sociais.

A ampliação da idade ocorre em consonância com o alargamento etário em referência a outros países da América latina e Europa, além de outros fatores como o aumento da expectativa de vida e das dificuldades nos percursos de transição dos jovens, especialmente no que se refere à autonomia de gerar o seu próprio sustento (Camarrano,2004).

Além da expressiva representação demográfica de jovens no país, outros temas apresentados pelos indicadores sociais do PNAD acerca da situação educacional, de ocupação, de rendimento, e de segurança física nos apresentam um quadro característico delineador da condição juvenil na atual realidade brasileira, especialmente aos jovens de baixa renda³⁹.

3.2 Condições de vida

Sob o ponto de vista sócio-econômico, os indicadores examinados tornam evidente a insuficiência de renda deste grupo. Em 2011, 29% dos jovens com idade entre 15 e 29

³⁷ Região composta pelos países da América do Sul, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

³⁸ Essa definição deu-se em 2011 com a aprovação do Projeto do Estatuto da Juventude (Proj. Lei Câmara n.98-2011) pela comissão de constituição e justiça e cidadania em 2012 onde ampliou-se a nova faixa de até 29 anos de idade. Ainda no estatuto, os jovens estão divididos em subgrupos 15 a 17 anos são jovens-adolescentes, 18 a 24 anos jovem-jovem e 24 a 29 anos jovem-adulto.

³⁹ A definição de população de baixa renda a partir de critério de renda familiar.

anos de idade viviam com renda per capita domiciliar de até meio salário mínimo. 51,8% dos domicílios urbanos com esta renda não tinham acesso simultâneo a serviços de saneamento e iluminação elétrica e recolha de lixo.

Atualmente, 11,4 milhões de pessoas vivem em favelas, sendo que 51% destas pessoas têm até 19 anos de idade. A presença de crianças e jovens nestas condições constitui-se para o IPEA (2012) como importante indicativo de vulnerabilidades.

O PNAD (2012) identificou que 60,5% da população geral apresentava pelo menos uma das quatro restrições de acesso a condições básicas de vida.

Acesso restrito à qualidade nos espaços dos domicílios: moradores em domicílios cujas paredes não eram de alvenaria ou madeira aparelhada; telhado cujo material predominante não era telha, laje ou madeira aparelhada; e cuja densidade de moradores por dormitório era superior a 2,5 pessoas. Acesso restrito aos serviços básicos de saneamento e iluminação: moradores em domicílios cujo abastecimento de água não era por rede geral; esgotamento sanitário não realizado por rede coletora de esgoto ou fossa séptica; sem coleta de lixo direta ou indireta; ou ainda aqueles sem iluminação elétrica. Acesso restrito à proteção social: moradores em domicílios sem ao menos uma pessoa com 10 anos ou mais de idade em algumas das seguintes condições: contribuinte para instituto de Previdência social em qualquer trabalho; aposentado; pensionista de instituto de Previdência ou beneficiário de programa de transferência de renda (PNAD, 2012, p.42).

Nestas condições, a localização de moradia constitui para os jovens um importante critério de diferenciação. O facto de o indivíduo morar em áreas marcadas pela pobreza correntemente expressa diferentes formas de violência, quer seja pela presença do “narcotráfico”, quer seja pela “truculência policial”. “A resposta à pergunta qual é a sua morada”? pode ser decisivo na trajetória de vida de um jovem. A *discriminação por endereço* restringe o acesso à educação, ao trabalho e ao lazer dos jovens que vivem nas favelas e comunidades caracterizadas pela “precária presença (ou ausência) do poder público” (Novaes, 2006, p.2).

O endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia. (...) No acesso ao mercado de trabalho, o “endereço” torna-se mais um critério de seleção. No imaginário social, “o jovem que mora em tal lugar de bandidos é bandido em potencial: melhor não empregar”. Ou se ele “mora ali, não vai poder sair para trabalhar quando houver um conflito entre grupos de traficantes ou entre traficantes e a polícia: melhor não empregar. (Novaes, 2006, p. 106)

Para os jovens moradores das regiões rurais uma série de dificuldades estão igualmente presentes: desde acesso a água tratada, energia elétrica, trabalho precoce, problemas para frequentar a escola e o agravante aumento de homicídios.

A violência urbana também é um “problema da sociedade brasileira que se torna um problema da juventude. Dissemina-se o medo de morrer prematuramente e de forma violenta” (Novaes, 2006, p. 8). Atualmente os jovens têm medo da morte violenta e de outras formas de expressão da violência urbana que se tornaram correntes no Brasil: medo da violência policial, dos seqüestros, assaltos, arrastão (*ibid*).

No mapa da violência, a morte por homicídio corresponde a 38% das mortes juvenis. Do ponto de vista da insegurança física, 35 mil jovens morrem por ano por armas de fogo (Waiselfisz, 2012).

Jovens pretos e pardos são vítimas mais freqüentes de morte por agressão. Com relação aos dados de mortalidade por causas externas, as maiores taxas foram entre homens de 20 a 39 anos (184,6 óbitos por 100 mil habitantes). A população preta ou parda apresenta uma taxa de mortalidade por agressões maior que a população branca, com destaque para a população jovem. No grupo de 20 a 24 anos, a taxa de óbitos por 100 mil habitantes é de 30,0 para brancos, contra 82,0 para pretos ou pardos, 2,7 vezes maior que a para brancos em 2010 (Pnad, 2013).

Os homicídios são a principal causa de morte de jovens, tendo aumentado 346% entre 1980 e 2010 (CEBELA, 2014). A experiência negativa do jovem em relação à violência reflete, além de grave violação de direitos humanos, uma rotina quotidiana especialmente para os jovens negros e de origem social baixa.

Observamos que a multidimensionalidade da pobreza e da desigualdade podem operar em muitos aspectos para além das questões relacionadas com a renda. Segundo Therborn (2011), as privações de capacidades oriundas da pobreza implicam resultados diversos em “sulcos de grande alcance”.

Apesar da variedade de contextos nos quais a desigualdade social pode ser produzida e reproduzida, há três dimensões básicas identificadas por Therborn (2011, p. 17): a *desigualdade vital* (condições básicas de sobrevivência), a *desigualdade existencial* (hierarquias/castas), a *desigualdade de recursos* para agir, seja com base em capitais (renda, riqueza, cultura), seja no acesso a oportunidades a partir das condições de possibilidades (as trajetórias dos cursos de vida e a mobilidade inter-geracional). Estas dimensões interagem e se entrelaçam em dinâmicas distintas.

No Brasil, a histórica desigualdade social ainda persiste e manifesta-se de forma evidente em diversos planos (socioeconômico, cultural, político), traduzindo-se em diferentes situações e expressões quotidianas. A pobreza, as disparidades de renda, as demandas básicas sociais não atendidas (alimentação, moradia, educação, saúde, emprego entre outros), o coeficiente de mortalidade por homicídio contrastam de forma controversa ao espectro da modernidade.

Quando se trata de um segmento social específico como a juventude, as diferentes possibilidades e o alcance das políticas públicas para fazer face aos problemas dos jovens em relação à desigualdade vital e à desigualdade dos recursos para agir são incipientes, portanto, “as consequências em termos de qualidade de vida e de subtração de direitos são perversas. Uma delas é o trabalho precoce de crianças e jovens e a sua superexploração” (Frigotto, 2004, p.198).

Para Therborn (2011) é importante também levar em consideração os aspectos psicológicos dos processos desencadeados pela desigualdade social. Isto é, como afetam a auto-imagem e a auto-confiança dos atores:

Seus efeitos psicológicos são uma parte muito importante dos efeitos cumulativos dos mecanismos distributivos, criando tanto espirais descendentes de medo, insegurança e oportunidades perdidas (Therborn, 2011, p.20)

Não por acaso, o medo dos jovens brasileiros em morrer precocemente e de forma violenta, *o medo de sobrar* no mercado de trabalho e não conseguir incluir-se economicamente constitui-se no imaginário destes como preocupação gerada pelas restrições do contexto em que se vive (Novaes, 2006).

3.3 Os jovens e a experiência escolar

O quadro apresentado na síntese do PNAD 2013 para a educação revela avanços importantes e ao mesmo tempo a permanência e a reprodução de dificuldades históricas. De um lado, houve o aumento, a partir da década de 1990, da taxa de frequência e do avanço da escolarização em número de anos estudados, em razão de uma série de ações públicas proativas na ampliação do acesso à educação básica, por outro lado, algumas condições permanecem pouco alteradas, e problemas como a permanência e as tipologias fragmentadas e limitadas dos percursos dos jovens na escola persistem estruturalmente.

A taxa de frequência bruta⁴⁰, em 2013, para jovens de 15 a 17 anos foi de 84,2%. O tempo médio de escolarização⁴¹ dos jovens aumentou de 6 para 7,4 anos de estudo na última década, porém a equivalência destes anos de estudo não contempla tempo suficiente para terminar o ensino fundamental que atualmente é de 9 anos de estudos (SIS, 2013).

Os dados revelam ainda percurso educacional fragmentado, um em cada quatro alunos matriculados no ensino fundamental deixa de estudar antes de completar o último ano desta modalidade. A taxa de abandono escolar atual é de 24,3%. Os motivos podem ser indicados com ajuda da transversalidade do gênero; para os rapazes a necessidade de trabalhar é o fator que mais tem contribuído neste aspecto, e para as moças a maternidade precoce e a responsabilidade doméstica para com o cuidado de dependentes familiares. Além destes motivos as sucessivas repetências conferem pouco estímulo para manter-se na escola (Pnad, 2012).

O abandono escolar encontra-se em 15,9 % na faixa de 15 a 17 anos, 64,4% 18 a 24 anos de idade. Além da evasão precoce, as taxas de retenção reprovação estão em 12,4% no ensino fundamental e 13,1% no ensino médio.

O desfasamento escolar é outro problema crônico: apenas metade dos jovens matriculados que freqüentavam o ensino médio em 2011 encontravam-se na idade

⁴⁰ Taxa de frequência bruta, refere-se à proporção de pessoas de uma determinada faixa etária que freqüenta escola em relação ao total de pessoas da mesma faixa etária. A taxa de escolarização líquida é a proporção de pessoas de uma determinada faixa etária que freqüenta escola na série adequada, conforme a adequação série-idade do sistema educacional brasileiro, em relação ao total de pessoas da mesma faixa etária (IBGE, 2008).

⁴¹ No Brasil a educação básica está dividida nos níveis da educação infantil, básica fundamental, ensino médio e ensino superior. Em 2006, o tempo de ensino da educação básica fundamental foi aumentado de oito para nove anos de estudos. A idade definida para o curso escolar é de 6 a 14 anos no ensino básico fundamental e de 15 a 17 anos no ensino médio e 18 a 24 anos ensino superior. Há ainda o programa de alfabetização de jovens e adultos, e a modalidade de ensino EJA (educação de jovens e adultos) como alternativa aos jovens que ficaram sem estudar por muito tempo e com alta disparidade idade-série retornarem a escola.

equivalente para esta etapa de ensino, isso significa que a outra metade encontra-se em atraso escolar em relação aos níveis anteriores de ensino. O efeito desta realidade também se desdobra conseqüentemente para os jovens de 18 a 24 anos que não completam a sua trajetória escolar

Além destes há os jovens freqüentadores das modalidades de alfabetização de jovens e adultos e a educação de jovens e adultos EJA, de acordo com os dados do censo escolar (2013), atualmente 3,8 milhões de estudantes estão matriculados nesta modalidade e 32% são jovens com idade entre 18 e 29 anos.

Com relação à taxa de pessoas com mais de 15 anos de idade sem instrução, o Pnad (2012) apurou que em uma década, de 2001 a 2011, houve uma queda de 12,1% para 8,6%. Porém, a persistência do analfabetismo para os jovens de 15 a 29 anos é de 5,9%.

Além do analfabetismo propriamente dito, há também o analfabetismo funcional ou rudimentar⁴², que considera os indivíduos que tiveram até quatro anos de estudo, porém não conseguem ou fazem com muita dificuldade a leitura, a compreensão do texto e cálculos matemáticos básicos. Cerca de 15% da população jovem entre 15 a 24 anos são considerados analfabetos funcionais. O indicador de Alfabetismo Funcional –INAF Brasil 2009, apresenta ainda que apenas um terço dos jovens atingiu a alfabetização plena, capaz de instrumentalizar o domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas básicas e complexas.

⁴²“Uma pessoa funcionalmente analfabeta é aquela que não pode participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento da sua comunidade” (UNESCO,2008).

3.4 A escola por dentro

Parte dos eventos que envolvem os resultados apresentados da escolarização estão conectados aos problemas e dificuldades vivenciados pelos jovens perante a escola. Investigadores⁴³ da educação têm analisado, sob diversos aspectos, a estrutura funcional e as condições de permanência dos jovens na escola. Segundo dados do PNAD 2012, houve um aumento do número de matrículas na educação básica, contudo, a expansão das taxas oficiais da escolarização não significou proporcionalmente um processo real de democratização do ensino, já que não houve proporcionalmente promoção adequada de condições de permanência e vivência do jovem na escola, por uma série de inadequações estruturais sociais. Nesse aspecto, as desigualdades sociais manifestam-se num quadro de precariedades, que atingem a infra-estrutura física, equipamentos didáticos e recursos humanos que não foram ampliados proporcionalmente (Peregrino, 2011).

A experiência da escola para muitos jovens ocorre em condições adversas e insatisfatórias a partir de uma experiência de inserção frágil, cujo acesso não é por si só garantidor de uma educação de qualidade (Souza Martins, 2003).

Os dados da pesquisa realizada pela UNB (2011) apresentam que menos de 1% das escolas públicas brasileiras (0,6%) têm infra-estruturas adequadas, contendo biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, laboratório de ciências e dependências adequadas para estudantes com necessidades especiais simultaneamente, e apenas 44% das escolas apresentam estrutura elementar com água encanada, energia elétrica, esgoto, cozinha e banheiros simultaneamente.

⁴³ Ver Magela Leão (2011).

Para os estudantes trabalhadores freqüentadores da escola noturna, os problemas de infra-estrutura são agudizados a partir das limitações aos acessos das dependências da escola, é comum encontrar laboratórios fechados e turmas sem aulas de educação física. Neste sentido, a escola fomenta que os projetos de vida têm que ser curtos, projetados nas incertezas e provisoriedades (Leão,2011).

Do ponto de vista dos recursos humanos, o último censo escolar de 2012 revelou que 21,5% dos professores do ensino fundamental não cursaram nenhuma licenciatura e 22,1% dos professores do ensino médio não são habilitados para as disciplinas de que ministram aulas.

A este quadro da *pedagogia da precariedade*, no plano das condições de funcionamento, das inconstâncias e dificuldades relacionadas a conjuntura estrutural da escola que apresenta no seu cotidiano problemas físico-estruturais, financeiros, de recursos humanos, de composição da grade curricular que afetam diretamente os alunos e a sua relação com a escola (Leão, 2011).

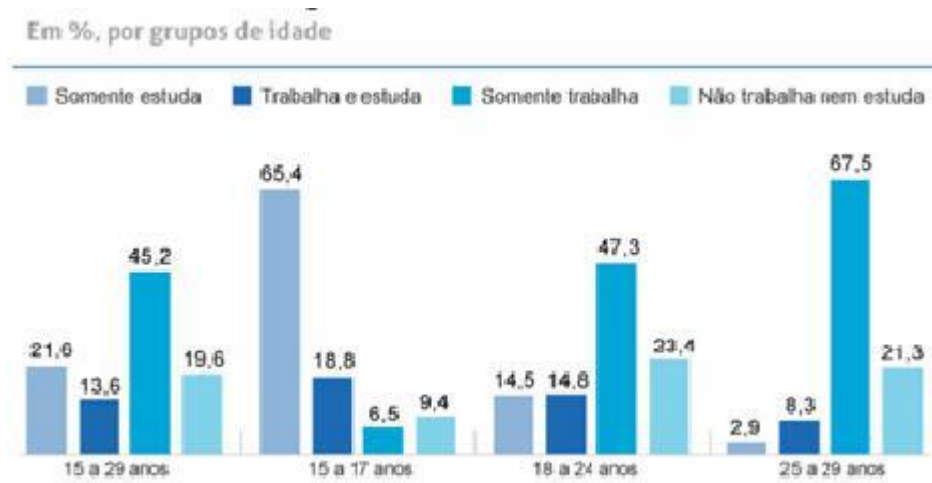
Apesar das dificuldades, a educação também é uma preocupação dos jovens, em pesquisas⁴⁴ sobre as suas percepções sobre a escola. Apesar de todas as adversidades enfrentadas pelos estudantes, a escola permanece como referência importante e como possibilidade de uma suposta ascensão social.

3.5 Atividade dos jovens

Com relação à ocupação, o Pnad 2012 informa que, apesar da ampliação da presença dos jovens na escola, há uma quantidade significativa de jovens que combinam trabalho com estudo e/ou somente trabalham.

⁴⁴ Há varias publicações de survey's sobre a percepção de jovens brasileiros aplicados em todo país sobre os mais diversos assuntos, família, trabalho, escola, tempo livre, lazer entre outros, a este respeito ver Retratos da Juventude, Juventude e Sociedade.

Figura 3.1 Atividade dos jovens de 15 a 29 anos



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílio 2012. Extraído de Síntese dos Indicadores Sociais.

A combinação da escola e trabalho é recorrente para os jovens e neste arranjo as experiências e os perfis das situações vividas pelos jovens trabalhadores e de baixa renda são diversificadas, desde a idade com que começam a trabalhar, e como podem gastar o seu dinheiro (há os que entregam todo o seu salário para a família e há os que gerem boa parte ou a totalidade do seu ganho). As maneiras com que se relacionam com a escola enquanto trabalham revelam-se em combinações complexas e recorrentes na controversa disposição, de que a escola funciona como um meio cada vez mais importante na obtenção da inserção ocupacional e social, apesar do cepticismo em torno das não garantias de ascensão econômica e social dos cursos escolares ou não serventia imediata. Essa diferenciação resulta da influência de outros fatores relacionados ao nível de rendimento, com o nível de escolaridade dos pais e os padrões familiares (Madeira, 2004).

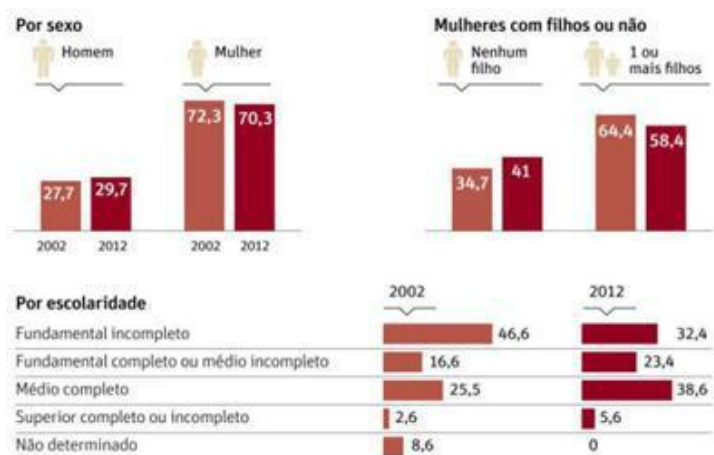
Para muitos jovens, é o seu próprio trabalho que lhes possibilita arcar com os custos vinculados à educação. Para muitos também, especialmente os integrantes das

camadas populares, os baixos níveis de renda e capacidade de consumo da família redundam na necessidade do seu trabalho como condição de sobrevivência familiar (Andrade, 2008).

A problemática da disposição escola-trabalho, sobretudo para os jovens mais novos, tem relação com as jornadas extensas semanais que acabam por tornar incompatível a permanência na escola e conseqüentemente contribuem para a evasão escolar dos jovens trabalhadores (IPEA, 2011; Kassouf 2012; Madeira, 2011).

Ainda sobre as atividades, uma faixa expressiva de jovens permanece inativo de ocupações. Atualmente, o número de jovens que não se encontram a trabalhar e a estudar é de 9,6 milhões, isso representa 19,6% do total da população juvenil. No espaço de tempo de uma década houve aumento deste percentual. Em 2010, este mesmo perfil de jovens era equivalente a 16,9%.

Figura 3.2 - Perfil dos Jovens que não trabalhavam e nem estudavam



Fonte: IBGE/Síntese dos indicadores sociais 2012. Elaborado por Fernando Nogueira da Costa (professor titular de economia da Unicamp), extraído do material didático tópicos da educação.

Observa-se que a diferenciação por sexo é fator importante para entender este fenômeno, a prevalência expressiva de mulheres neste perfil está associada ao estado civil e à maternidade. “Assume-se que uma parte dessas mulheres tenha constituído família e esteja desempenhando o tradicional papel de mãe e dona de casa” (Kassouf, 2012). Em 2010, aproximadamente dois terços das mulheres que não estudavam e não trabalhavam eram casadas, 41,1% das jovens são casadas, para os homens essa proporção é de 16%.

As características de rendimento dos domicílios destes jovens revelam que estão entre as famílias com rendimentos *per capita* mais baixos da PEA. Nestas o chefe de família tem o menor número médio de anos de estudo (6,4).

Estes jovens são conhecidos como geração “nem-nem”⁴⁵, nem estudam e nem trabalham e nem buscam emprego. Além da correlação à desigualdade de gênero, os pobres são os mais afetados: 70% dos jovens que estão fora da escola e do mercado de trabalho estão entre as famílias representadas nos 40% mais pobres (Cardoso, 2012).

A situação dos “nem-nem” aparece no Brasil como resultado específico da estrutura deficiente e dos problemas do sistema escolar e do mercado de trabalho e que acaba por contribuir com a produção da desigualdade em longo prazo, haja vista que estes jovens não estão se qualificando para um mercado que a cada dia fica mais exigente (*ibid*).

Os dados representados⁴⁶ pelas sínteses de indicadores sociais do IBGE (2012), oferecem-nos referências acerca dos contextos sociais nos quais ocorrem os processos que levam à transição através da escola e do trabalho e das diferenciações em função das desigualdades sociais, da violência e da inter-relação das circunstâncias de

⁴⁵ O termo é uma tradução livre do espanhol da parcela de jovens “Ni-Ni”, “niestudian, nitrabajan” Ver Cardoso (2013).

⁴⁶ A incidência destes números ocorre diferenciadamente entre sexos, grupos sociais, etnias e regiões demográficas.

fragilidade institucional que compõe parte do cenário realístico para significativa parte da população juvenil brasileira.

3.6 As dimensões objetivas e subjetivas dos jovens de baixa renda perante o trabalho

A dificuldade dos jovens na inserção do jovem no mercado de trabalho constitui-se como um dos problemas que correntemente está presente nesta categoria social. E a precariedade do emprego expressa parte das dificuldades que os jovens têm em se integrarem no mercado de trabalho, levando muitos destes a buscarem *estratégias singulares* (Pais, 2001).

Para os jovens pobres brasileiros a entrada no mundo do trabalho é carregada pelos traços negativos da desigualdade social, sobretudo no cerceamento das oportunidades do usufruto do tempo de ser jovem e na sua preparação à futura entrada do jovem no mundo do trabalho. Segundo relatórios do IPEA (2012), a combinação dos “problemas tradicionais” de inserção antecipada no trabalho, abandono escolar, altos índices de distorções de idade e série, com os “novos” problemas da crise do trabalho, baixas remunerações e prevalência das formas precárias de ocupação, agudizam a periferização dos jovens no mercado de trabalho e comprometem as possibilidades na construção das suas experiências.

É no trabalho que mais se evidencia o peso das desigualdades sociais. Em 2012, 3,5 milhões de jovens de 14 a 17 anos estavam trabalhando, sendo o sexo masculino predominante nesta faixa. Em média, estes jovens trabalham 27,5 horas por semana e o rendimento domiciliar é de R\$ 512,00 e 63% dos jovens que trabalham não possuem carteira registrada. A informalidade aparece nas estatísticas como uma característica do trabalho juvenil, 46% dos jovens de 16 a 24 anos e 36% dos jovens entre 25 a 29 anos

estão no mercado informal de trabalho. A taxa de desemprego de um jovem entre 18 a 29 anos é três vezes maior do que a de um adulto entre 30 e 60 anos. O tempo médio de emprego de jovens é menor, a rotatividade (77%) é duas vezes maior que a da população mais velha (28%). Em todas as faixas etárias de jovens encontra-se um número expressivo de responsáveis pelo sustento de suas casas (Pnad, 2012).

As características do trabalho juvenil indicam que a inserção precoce e ilegal freqüentemente se inicia ainda na infância: 33% dos jovens começaram a trabalhar antes dos 10 anos de idade (Dieese, 2012). A correlação desta com a pobreza é um dos motivos mais reconhecidos e evidentes. A necessidade de complementação do rendimento familiar configura o trabalho precoce como estratégia de sobrevivência para uma parcela considerável de jovens das camadas populares. Neste sentido, a dimensão do trabalho aparece não como projeto futuro, mas como parte de uma realidade de confronto da pobreza na qual milhões de jovens são compelidos.

As formas de acesso da ocupação em geral são extremamente precárias nas condições de trabalho, nas garantias sociais, nas remunerações, no tipo de trabalho realizado, e acabam por perpetuar a reprodução das condições sociais da pobreza.

Com relação às características das ocupações preenchidas pelos jovens, há presença considerável de “posições ocupacionais de baixa qualidade, ostentando vínculos precários e de menor remuneração, situados na camada inferior do sector informal. Com freqüência, uma parcela significativa desses jovens que aceitam trabalhar sujeitando-se a tais condições o faz comprometendo a sua escolarização ou mesmo já estando fora da escola, sem que nesse caso tivesse sequer completado os ciclos educacionais compatíveis com a sua idade” (Branco, 2005, p.131).

Uma pesquisa realizada pela UNESCO com jovens de 15 a 29 anos, no Brasil, em 2009, revelou que entre os que estão trabalhando, 38,4% disseram não receber benefícios

de seus trabalhos, como carteira assinada, vale-transporte, seguro-desemprego. Além disso, 61,3% consideram que as atividades que desempenham não têm relação com aquilo que estudam ou estudaram, estando 46,9% à procura de um trabalho (UNESCO, 2009, p.202).

Para Nadya Guimarães (2005) a problemática jovem e trabalho no Brasil revelam que a centralidade do trabalho para os jovens “não advém tão-somente do seu significado ético, mas resulta também da urgência como problema, é pela ausência, falta, pelo não trabalho, pelo desemprego que este se destaca como um fator de risco e instabilizador das formas de inserção social” (Guimarães, 2005, p.12).

Não obstante as condições problemáticas de inserção no trabalho para os jovens, a importância do trabalho no seu quotidiano não é reduzida, os significados e as associações atribuídos pelos jovens, demonstram que além da necessidade há valores do trabalho como condição do jovem para usufruir dos aspectos positivos de ser jovem: o trabalho como socialização da normatização e assunção das responsabilidades da vida adulta; o trabalho como reconhecimento valorativo diante da própria família; o trabalho como afirmação da identidade, como aprendizagem.

O trabalho continua sendo uma fonte importante de normatividade e uma experiência central de socialização na constituição identitária dos sujeitos e, por isso, “as experiências ou in experiências” desencadeiam sentimentos de desestruturação e desvalorização social que pode afetar não só a identidade social, mas por vezes a identidade pessoal (Bajoit,1997).

O facto de não trabalhar ou de ser obrigado a ajustar-se a qualquer emprego pode significar para muitos jovens, principalmente para aqueles com menos recursos económicos e sociais, uma fonte de sofrimento e ausência de perspectivas quanto ao futuro (Leão, 2004, p. 151).

Apesar dos prejuízos e vulnerabilidades que esta experiência pode causar, a realidade do trabalho se afirma para os jovens também como um valor cultural e simbólico que é transmitido pela família como algo importante. Segundo Martins (1997), o trabalho é incorporado nas famílias das classes populares como parte da socialização e é transmitido no cotidiano como estratégia de aprendizagem e inserção social. É comum que as famílias entendam que o trabalho é uma forma de afastar os filhos dos perigos vividos na rua e da delinquência. A noção do trabalho “honesto e digno” está inserida na construção das identidades como realização de uma atividade revestida de valor, ou seja, suporte da dignidade humana.

Identificar-se como trabalhador é ainda um valor básico em nossas sociedades. Trabalhador é, no imaginário e no discurso popular –inclusive dos jovens –, uma categoria-chave para distinguir o verdadeiro cidadão, o que não se confunde com o “marginal”, com o “parasita social” (Leite, 2003, p.14).

Estes sentidos do trabalho corroboram que o tempo de ser jovem está sujeito a um mínimo de variações e restrições explícitas ou encobertas, e que a necessidade do trabalho para a sobrevivência pode vir a tornar-se no imaginário social como virtude.

A singularização da experiência moderna no trabalho e os processos de socialização e subjetivação via economia mundializada levam a interações mais subjetivas e menos “institucionalizadas”, impõem aos sujeitos uma série de enfrentamentos estruturais corporificados como se fossem pessoais e, nesta lógica, a necessidade dos indivíduos estarem sempre dispostos e motivados, mesmo em condições adversas é parte da componente de sobrevivência necessária face ao desemprego e à privação que a falta de rendimentos desencadeia (Dubet, 1994, pp.238-262).

A combinação destes elementos reflete-se nos processos de composição da identidade construída pelas interações de maior incerteza e plasticidade. Nesse aspecto, a

pobreza fragiliza não só no plano económico como também no plano das interações simbólicas, onde os indivíduos são levados a percorrer circuitos da pobreza e freqüentemente são “colonizados” pelas instituições públicas (*ibid*).

Se forem certos que as transformações no trabalho põem em cheque antigos valores, ao tempo em que se reestruturam novas formas de produzir bens e serviços, esse movimento não é *uni-direcionado, nem por seu conteúdo, nem por seus autores*. “Diversas são as atitudes dos jovens que sofrem esse movimento – e sofrem-no com particular intensidade em realidades como a brasileira em que fatores demográficos e educacionais além dos fatores ligados à reestruturação econômica, deterioram ainda mais as suas chances de inclusão” (Guimarães, 2005, p. 24).

3.7 As políticas para a juventude e as maneira com que são conceitualizados pelo Estado

No Brasil, as demandas dos jovens referem-se principalmente aos direitos básicos: “educação de qualidade, atenção médica digna e eficiente, segurança que contemple os direitos humanos, oportunidades iguais, ou seja, demandas de cidadania”(Rua, 1998, p.4).

O campo das políticas públicas circunscreve-se neste aspecto, como componente importante da instrumentalização aos acessos básicos, à condição da cidadania, de meios para a construção de uma identidade e de criar oportunidades para maior equidade dos jovens no acesso aos direitos básicos e à inserção social.

Até ao final da década de 1980, não havia menção de orientações aos jovens como sujeitos de direitos. Antes, no Código Mello Mattos de 1927, havia apenas sanções de jovens abandonados em “situação irregular”. Com a Constituição Federal de 1988, as

crianças e os adolescentes no Brasil foram assegurados pelos direitos sociais e individuais e também foram definidas normatizações para inserção no trabalho, onde se estipulou o limite etário para a inserção nas atividades laborais. Dos catorze aos dezesseis anos de idade o jovem pode trabalhar na condição de aprendiz e posterior a esta idade pode ser assegurado nos direitos trabalhistas. Posteriormente, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990, os direitos e deveres destes sujeitos foram definidos, porém a faixa etária é limitada até aos dezoito anos de idade.

As ações públicas voltadas para a juventude ainda são muito recentes frente às necessidades requeridas, e apesar das mobilizações académicas e de alguns sectores da sociedade na desconstrução da ideia do jovem como um problema, esta ainda persiste no imaginário social, e em algumas proposições governamentais, especialmente aquelas formuladas para inserção no mundo do trabalho⁴⁷.

Os debates sobre juventude e cidadania estão muito ligados à questão da cidadania negada, pois a constituição dos direitos sociais, no país, ainda é relacionada com a ideia de *favor ou de dívida*, sobrepondo-se à ideia de direito (Abramo, 1997).

No caso da juventude, a vulnerabilidade, gerada pela privação dos direitos da cidadania, e a projeção dos problemas da prostituição, da violência e das drogas, pressionaram a inclusão dessa categoria na agenda governamental. Parte das iniciativas direcionadas aos jovens apoia-se no paradigma de juventude-problema e em virtude dos problemas que envolvem a juventude, principalmente os de carácter social e económico.

As primeiras ações deram-se na área da saúde, cujo foco estava “na prevenção de condutas de risco, DSTs, AIDS, drogas, acidentes de trânsito e gravidez precoce” (Sposito,

⁴⁷ Ver Madeira (2004) e Magela Leão (2004) .

2003, p.28). Posteriormente, o governo federal implementou alguns projetos para qualificação profissional, como o serviço civil voluntário e o jovem empreendedor.

De acordo com Maria das Graças Rua (1998), os programas de políticas governamentais para a juventude têm atuado, em relação aos direitos sociais básicos, de maneira “reparadora” ou “compensatória”. Ela identifica cinco “regularidades” nas políticas públicas brasileiras: a primeira delas é a fragmentação que corresponde à não-articulação entre os sectores públicos; a segunda é a competição entre as agências setoriais com disputas internas; a terceira é a descontinuidade administrativa que fica à mercê das preferências e das convicções do titular do cargo político que muda a cada eleição; a quarta está no fato de que as políticas públicas não têm considerado as demandas que surgem no âmbito da sociedade, o que implica um descompasso entre demanda e oferta; e a quinta constitui-se a “clivagem vertical entre formulação/decisão e implementação”, que expressa mais ênfase na elaboração dos programas que na sua execução, etapa em que existem mecanismos de avaliação e de controle (Rua, 1998, pp.739-740).

A presença dessas “regularidades” representa o carácter problemático das políticas públicas no país, por causa dos desperdícios de recursos, da ausência de objetivos comuns das políticas e de transparência nas ações governamentais. Conseqüentemente, tem-se o comprometimento da credibilidade que traz danos significativos aos programas em geral.

Em relação à cidadania que uma parte dos programas governamentais busca, é uma *cidadania tutelada* e assenta na idéia de uma juventude carente, incapaz de desenvolvimento, incompleta para o pleno exercício dos seus direitos. A idéia de cidadania, nesse sentido, é apropriada pelas políticas públicas no intuito de “fornecer meios para que os jovens passem de uma situação a outra, ou melhor visam, então, despertar o adulto em potencial”(Leão, 2004, p.128).

No ano de 2005 instituiu-se a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude, e com estas há um movimento maior nas discussões interministeriais sobre o tema e uma tentativa de impulsionar novas ações direcionadas para este segmento. Porém, até onde se sabe a juventude ainda permanece na agenda política pelos “problemas da juventude”, e os programas permanecem na tônica da preparação para o trabalho.

Encontramos na literatura análises ⁴⁸ que apontam como os programas governamentais apresentam carácter problemático em diversas instâncias que vão desde o desenho institucional da proposta, passando pela idéia como os jovens são concebidos até a operacionalização prática destas ações. A resposta política que tem surgido recentemente no país apresenta-se insuficiente, considerando os contrastes da atual realidade com as demandas do grupo.

Nestas análises há uma convergência para o reconhecimento de que a juventude não tem sido pensada pelos governantes de modo a produzir mudanças significativas nas condições sociais precárias que atingem a categoria. Os escassos programas governamentais voltados para os jovens têm atuado de maneira restrita, fragmentada e desarticulada, fato que pode ser verificado na sua formulação e nas formas de conduzir a implementação das ações. Os aspectos problemáticos mais comuns que têm sido detectados são: os jovens não são considerados como protagonistas das ações, permanecendo a idéia da cidadania tutelada através das práticas de políticas compensatórias; a tendência de selecionar cada vez mais o público-alvo através dos critérios da miséria; a não-continuidade das propostas, de modo que os programas não são assumidos como política nacional, ficando à mercê das políticas eleitoreiras; a superficialidade e não-articulação das propostas com os demais setores públicos; a

⁴⁸ Ver Sposito (2006)

definição estereotipada do jovem pobre como violento e criminoso; ausência e indefinição dos mecanismos de avaliação. (Leão, 2009, Madeira, 2011, Telles, 2006)

As políticas públicas têm operado de forma inversa às dinâmicas menos estandardizadas das trajetórias juvenis realizadas na contemporaneidade tendo em vista os enquadramentos prescritivos definidos por “escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissional, políticas de emprego” (Pais, 2001, p.12).

Habitualmente, e no fundo de maneira inaceitável, eles são caracterizados pelos problemas tal como definidos pelas políticas sociais que deles se incumbem: pobres, desempregados, famílias “desestruturadas”, quando não delinqüentes. Essas pessoas são definidas pelas categorias de uma “desvantagenlogia” que corresponde aos programas das políticas públicas (Dubet, 2001, p.14).

As diversas constelações de circunstâncias educativas, laborais e da mediação política e de referências públicas, sinalizam para estes jovens um campo de experiências nas quais os jovens constroem suas trajetórias. A conjugação destes condicionamentos nos leva a compreender a complexidade concreta produzida a partir das suas disjunções correlacionadas aos “mecanismos de proteção e os institutos das políticas públicas que alimentam um sentimento de individualização que não enraíza o jovem e a sua biografia ocupacional em normas e regulações seguras” (Guimarães, 2005, p. 25).

Em resumo, enunciámos alguns dados oriundos das estatísticas oficiais característicos da realidade brasileira, a fim de evidenciar alguns aspectos que compõe os

desdobramentos da multidimensionalidade da pobreza e da desigualdade social, sobretudo, na sua repercussão entre os jovens sob as condições básicas de sobrevivência. O enfoque do capítulo consiste em apresentar um panorama da realidade juvenil sob os aspectos sociais da educação, trabalho e políticas públicas, bem como apresentar as perspectivas objetivas e subjetivas conferidos ao trabalho.

O capítulo seguinte atém-se às experiências dos jovens no trabalho e à constituição dos seus percursos, considerando as disposições empenhadas por estes jovens nos seus modos de vida, considerando-se especialmente a conjugação das dimensões dos frágeis recursos familiares e educacionais e contexto social adverso.

4. TRAJETOS LABORAIS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO PRECÁRIA – Experiências de iniciação, práticas e razões

Este capítulo apresenta parte das experiências dos jovens inquiridos, que se encontram enquadrados em postos de trabalho pouco qualificados. Para estes jovens a luta pela vida através do trabalho começa de forma precoce e envolve possibilidades múltiplas do exercício de atividades profissionais num percurso irregular e sinuoso, cuja situação atual compreende um conjunto de biscates que lhes permite a manutenção mínima da sobrevivência. Para além da precocidade da inserção na vida produtiva, os jovens em questão estão inscritos em trajetórias de vida nomeadamente vincadas pelas diversas dimensões infligidas pelas condições sociais deficitárias e contextos familiares frágeis.

A partir dos relatos abordamos as tendências da iniciação no trabalho e as socializações e contextos que as envolvem, bem como as práticas e as razões da sua inserção. Apresentamos a seguir trechos das narrativas com a finalidade de contextualizar a discussão.

Para os jovens inquiridos o início precoce da experiência no trabalho é comum a todos os casos, entretanto, duas variantes dividem-se neste contexto: por um lado, para alguns deles o trabalho aparece nas narrativas como parte da vida já na infância⁴⁹, por outro lado, surge para outros no início da adolescência.

⁴⁹ Segundo a OIT (2011, p.3) trabalho infantil é toda atividade econômica realizada abaixo da idade mínima para o trabalho permitida pela legislação nacional. Para o caso de adolescentes (acima da idade mínima, mas menores de 18 anos), “são consideradas como trabalho infantil todas as atividades que interferem em sua educação, que se realizam em ambientes perigosos e/ou em condições que afetem seu desenvolvimento psicológico, físico, social e moral, ou seja, todo trabalho que priva meninos e meninas de sua infância, sua educação e sua dignidade”.

Iniciamos a apresentação das narrativas, organizando-as por grupos que refletem semelhanças e diferenças da lógica relacionada as condições sociais em que se constroem as experiências do trabalho. Agrupamos a narrativa de cinco jovens que consideramos pertinentes aos percursos, entre eles estão: Ângela, Joyce, Elaine, Wellisson e Daniel.

Estes jovens começaram a trabalhar precocemente, tendo em vista as necessidades familiares - para aqueles que se iniciaram a trabalhar na infância - e as necessidades de autonomia - para os que começaram a trabalhar na adolescência. Encontramos recorrentemente nas narrativas expressões comuns como *trabalho desde que me entendo por gente, trabalho desde sempre, trabalho desde pequeno, o trabalho sempre fez parte da minha vida*.

Ângela é uma jovem de vinte e oito anos casada e com dois filhos pequenos e ensino médio incompleto. Atualmente o seu trabalho consiste em separar o lixo que chega a uma cooperativa durante todo o dia. A sua remuneração é paga de forma equivalente à sua produção, isto é, depende de quanto material conseguiu separar no mês. Para obter um salário mínimo, Ângela tem que separar pelo menos doze sacos no mês (fotografia 4.1) bem cheios de material reciclado. A sua rotina consiste em doze horas de trabalho e pausa de trinta minutos para o almoço. Costuma chegar por volta das sete horas da manhã e sai às dezenove horas, durante cinco dias da semana. Na cooperativa há um pequeno espaço para que os trabalhadores possam fazer as refeições e, por isso, costuma levar comida de casa. Seus filhos permanecem na creche durante o seu período de trabalho. O seu marido trabalha vendendo minhocas, para pescaria à beira da rodovia. Estudou até ao primeiro ano do ensino médio, mas abandonou a escola porque estava prestes a se casar e *cansada* de conviver com a dupla jornada escola e trabalho. Quando deixou a escola prometeu a si mesmo que retornaria para concluir seus estudos, mas a

vida foi tomando outros rumos, os filhos foram nascendo e as dificuldades para a concretização a finalização do ensino médio foram aumentando.



Fotografia 4.1 Sacolas de reciclagem.



Fotografia 4.2 Pequeno refeitório da cooperativa.

Há seis anos que trabalha com reciclagem, tendo aprendido com a família de origem a retirar o sustento com a venda dos materiais reaproveitáveis. A sua irmã e o cunhado também trabalham na mesma atividade, porém não estão vinculados à cooperativa, e fazem a recolha puxando carrinho pelas ruas processam a separação no quintal da sua própria casa.

Quando questionada sobre como se deu o início da experiência do trabalho, Ângela lembrou em tom de amargura o seu tempo de infância, e relata que começou a trabalhar na lavoura com os pais aos cinco anos de idade em atividade braçal.

Eu fui trabalhar quando eu tinha uns cinco, eu ia com os meus pais colher café, por aqui em Londrina mesmo, a gente colhia café na roça tudo junto meus pais eu e meus irmãos, eu fui crescendo e a gente foi catar papel na rua também, tipo assim, quando era época de colher café a gente ia, quando não era a gente recolhia papel.
(Ângela)

Ângela refere-se à sua infância como período difícil, de muita restrição de acesso a alimentos, de condição de moradia, de lazer, de tempo para brincar. Seus pais não chegaram a completar os primeiros anos de escolaridade básica, e as suas atividades profissionais remetiam a temporadas de trabalho no campo e de trabalhos diários na cidade a partir de pequenos biscates. Os *altos e baixos* financeiros da família que dependiam das possibilidades e das temporadas de trabalho, fez com que a mãe assumisse a responsabilidade pelo sustento da casa, principalmente após períodos de alcoolismo do pai, que gastava dinheiro diariamente nos bares. Na sua percepção, *trabalhar desde cedo* a tornou adulta ainda criança. As responsabilidades atribuídas na ajuda do sustento da casa e a responsabilidade atribuída a ela nas tarefas domésticas foram os principais motivos.

Fui trabalhando e crescendo e aí tinha a escola que eu comecei com sete anos, então comecei a trabalhar na casa da professora, que era minha professora mesmo, eu trabalhava meio período na casa dela e no outro ia para a escola. Eu fazia serviços gerais, passava, lavava e cozinhava, era bem pesado. Quando fui ficando mocinha, resolvi sair, eu já tinha uns catorze anos. (Ângela)

Ser empregada doméstica da própria professora primária causou-lhe tristeza e desencantamento. No seu íntimo pensa que ser professor primário é como vocação sacerdotal e que as suas atitudes devem demonstrar amor e compaixão pelas crianças, especialmente as que vivem em condições de privação decorrente da pobreza. Na sua percepção a professora deveria tê-la ajudado e não se aproveitado da sua fragilidade sócio-econômica.

Assim como Ângela, Joyce uma jovem de 25 anos, solteira e com ensino médio incompleto, também começou a trabalhar na infância. O trabalho teve início na sua vida aos oito anos de idade, em configuração de zona urbana, moradora da periferia na região norte, percorria grandes trajetos até à região central do município em busca de lixo que pudesse ser reciclado, estudava à tarde e saía bem cedo sempre acompanhada pelo seu pai. Trabalhou três anos na recolha de lixo, porém, aos doze anos a sua mãe conseguiu um emprego em *casa de família*, para trabalhar como doméstica.

Eu lembro quando eu tinha uns oito anos eu catava papel com o meu pai, fiquei trabalhando assim até quase uns doze, então comecei a limpar casas sozinha, a minha mãe sempre trabalhou como doméstica então me arrumava serviço. Eu nunca tive preguiça e na minha casa é assim, cresce um pouco, já sabe se virar tem que começar a ajudar (trabalhar)

(Joyce)

Joyce é a filha mais velha de três irmãos e sente-se responsável por ajudar a sua família financeiramente. Os seus pais migraram de uma cidade do interior do estado do Paraná, para Londrina, e abriram um pequeno comércio, uma mercearia em região de periferia. Porém seu pai começou neste período a fazer uso de *crack* e a pouca estrutura econômica da família foi perdida. Seu pai trocou o seu comércio por drogas e para sobreviver catava papel na rua. Joyce já conhecia as dificuldades da pobreza, mas quando começou a faltar comida decidiu ajudar o pai a fazer a recolha, e mesmo com a pouca idade tentava controlar o dinheiro que recebiam no final do dia, para que o seu pai não gastasse tudo com os traficantes.

Quando o pai foi assassinado por causa de dívidas contraídas nos pontos de drogas, Joyce e a sua mãe trabalhavam em casa de família e juntavam o que recebiam para cobrir as despesas básicas da casa, já que os seus irmãos eram pequenos. Atualmente não mora mais com a mãe, mas com a avó materna por causa dos conflitos com o seu padastro. Entretanto, ainda ajuda mensalmente a sua mãe com uma parte do seu salário.

Segundo Corrochano (2008), a parentalidade pode ser decisiva para a inserção no trabalho, ser o primogênito pode acarretar nestes contextos de precariedade maiores chances de adentrar precocemente no trabalho ante a possibilidade dos irmãos mais novos. No caso de Joyce além da inserção houve a auto-identificação como chefe de família, especialmente após a morte prematura do pai.

Partes destes relatos dão conta de um retrato comum para parte significativa das famílias pobres, crianças que não recebem nenhum tipo de remuneração, mas inicialmente trabalham junto aos seus pais como forma de ampliar as cotas de produção. Observamos também que para Ângela e Joyce a continuidade do trabalho ocorre em outra modalidade de trabalho no mercado pelo *contexto clandestino não familiar*, arranjadas entre a família

e o empregador. Para estes casos as próprias relações familiares e laços de reconhecimento marcam a iniciação laboral e a constituição deste tipo de mercado.

Há empresas, fábricas e pessoas que na clandestinidade usufruem da mão de obra infantil. *Dócil*⁵⁰ e facilmente moldável, de custos baixos e lucros gordos, “trabalho esforçado que se troca pela fome, pela escola e pelo jogo do peão e da cabra-cega” (Pais, 2001, p.37). Trabalho que pode estar ao lado de casa.

Daniel tem 25 anos e trabalha há um ano como lavador de carro, detém o ensino médio completo, e mora junto com a namorada e a filha que tem menos de um ano de idade em residência independente, localizada na periferia da zona sul. Daniel conta que por ser criado sem pai, os tios sempre demonstraram preocupação à medida que ficava mais velho. Moradores da favela, a família demonstrava ter receios de que Daniel se envolvesse em más companhias ou com o tráfico de drogas, e como saída para tais temores busca no incentivo do trabalho uma forma *de ocupar a cabeça* e como instrumento de socialização. Estar *sem fazer nada* é algo que não é bem visto pela família, nem pelo próprio Daniel. O ócio representa uma tensão latente, revelado principalmente pelo receio dos familiares diante da possibilidade do jovem vir a envolver-se com o crime através de “más companhias”. Ter muito tempo livre pode ser perigoso.

Comecei a trabalhar com treze anos na funilaria do conhecido do meu tio fiquei um tempo com ele lá, mas não deu certo, me pagava muito pouco, aí outro conhecido que tinha tapeçaria me falou: aí to precisando de um ajudante, se quiser pode vir trabalhar comigo,

⁵⁰ Pais (2001) lembra que a ideologia apoiada na ética tradicional do trabalho, aparece em alguns adágios portugueses. No Brasil alguns destes ainda são difundidos sob a mesma lógica “De menino que se torce o pepino”, “Deus ajuda a quem cedo madruga”, “O trabalho dignifica o homem”.

aí fui trabalhar com ele, mas o que ele me pagava era pouco também. (Daniel)

A interiorização desta ética do trabalho gera uma “aliança tácita entre patrões e famílias de menores”, onde a necessidade do trabalho é produzida e consumida e naturalizada por uma ideologia que incentiva a entrada precoce no mundo do trabalho (Pais, 2011, p.38).

Para Daniel o trabalho também é visto como forma de ganhar mais autonomia perante a família, poder aquisitivo para *se divertir, sair com os amigos, tomar um refrigerante* e de satisfação de consumos de roupas e tênis *mais estilosos*. Na sua percepção o trabalho precoce não foi penoso e sofrível, embora nas suas primeiras ocupações como auxiliar de funileiro e auxiliar de tapeceiro menciona ter que carregar pesos e fazer grandes esforços para a sua idade. Entretanto, enfrentar as durezas do trabalho *não é nada* nas palavras de Daniel, perto dos desafios que já enfrentou desde o seu nascimento: desde não conhecer o seu pai e ser abandonado pela sua mãe ainda bebê, fazendo-o perceber que as dificuldades que enfrenta no trabalho não são maiores as que já enfrentou na dimensão familiar.

Como Daniel, Wellisson não foi criado pelos pais, em decorrência do divórcio, a família dividiu-se ao meio, a sua mãe foi para o estado do mato grosso com o seu irmão mais novo, e ele ficou com o seu pai. Porém na ausência de condições emocionais e financeiras, o seu pai o deixa com a avó paterna e conforme as suas palavras *“some no mundo”*.

A sua avó paterna hoje encontra-se aposentada, Wellisson relata que a avó trabalhava como doméstica para sustentá-lo na infância, e por isso sente-se grato. Ao ver

a avó ficando cansada para o trabalho pesado, resolveu procurar trabalho em um lava-rápido próximo à sua casa para ajudar nas despesas de casa.

Wellisson conta que a avó sentia pena de um início tão precoce, ela dizia para ele: *“não precisa filho, as coisas vão melhorar, estuda mais que é melhor”*, mas as condições do cotidiano diziam o oposto, então por iniciativa própria procurou um lava-rápido próximo à sua casa e se ofereceu para o trabalho. Relata que *sempre levou muito a sério o trabalho, não faltando e fazendo tudo direitinho*, e com o dinheiro que recebia ajudava a avó a pagar as despesas da casa e o que sobrava gastava com doces e roupas.

O meu primeiro trabalho foi no lava-rápido porque é mais fácil de entrar, tá certo que freelancer não ganha muito, quase nada, mas com doze anos era o que tinha para encarar. (Wellisson)

Wellisson atualmente tem vinte e sete anos, trabalha no lava-rápido, porém, em um setor específico que oferece limpeza e restauração de bancos de couro, atividade que no seu entendimento o distingue dos diaristas que realizam somente a lavagem de carros, porque além da diária recebe comissões. Recentemente passou por um divórcio muito conturbado e atualmente está morando na casa da avó, também voltou a trabalhar no lava-rápido depois que a empresa em que trabalhava como vigilante faliu.

No final da entrevista, Wellisson mencionou que nunca havia refletido sobre o *caminho que ele já trilhou na vida*, e ficou surpreso quando percebeu que aos vinte e sete anos está a morar com a avó e trabalhando novamente no lava-rápido, porém, com responsabilidade dobrada frente às demandas financeiras do auto-sustento, de ajudar a avó e pagar a pensão mensal à filha de cinco anos de idade.

Acho que eu nunca parei assim sabe, pra pensar que derrepente eu tô vivendo de novo com a minha avó, não que isso seja ruim, sabe falando assim destas coisas eu vejo que eu tô de volta fazendo as mesmas coisas, claro que agora eu tenho mais responsabilidade ainda, eu tenho uma filha e tenho obrigações, tenho uma ex-mulher.
(Wellisson)

As estratégias do “*ir e vir*” que caracterizam as condições das trajetórias juvenis contemporâneas, têm a ver com o que José Machado Pais (2001, p.61) designou de *princípio da reversibilidade*, “pela sua natureza, é uma geração que o tempo flecha se cruza com o tempo cíclico, tempo do eterno retorno”. Observa-se tal princípio no plano familiar à medida que, após a experimentação de mobilidade social familiar, voltam à dependência de moradia da família de origem.

Atentamos também para uma variante significativa de acordo com o gênero, enquanto para os jovens meninos/homens o trabalho está sempre fora de casa, para as jovens meninas/mulheres o trabalho ou a aprendizagem dele começa dentro de casa. Nos relatos apresentados a seguir, muitas experiências consideradas por estas jovens como trabalho relacionavam-se também as responsabilidades atribuídas pelos familiares, como os cuidados dos irmãos menores ou os afazeres domésticos enquanto seus pais encontravam-se a trabalhar.

Elaine tem trinta anos de idade e possui o ensino médio incompleto. Seu pai faleceu no ano anterior e sempre trabalhou em trabalhos manuais até aprender o ofício de pedreiro, e a sua mãe como doméstica. Ambos trabalharam uma *vida inteira* sem

contrato. A sua primeira inserção no trabalho ocorre, como nas trajetórias de Ângela e Joyce, na infância, aos dez anos de idade. Os seus pais a levavam para trabalhar na *roça* nas colheitas de café e laranja. Porém, Elaine relata que desde os oito anos já era responsável parcialmente pelas tarefas domésticas, e quando os seus pais deixaram de trabalhar nas temporadas de colheita, assumiu a responsabilidade pelos afazeres da casa, como cozinhar, lavar e cuidar dos irmãos mais novos. Nessa altura tinha treze anos e a sua rotina se dividia entre a escola, de manhã, e a casa, à tarde. Elaine justifica que os pais passavam o dia fora trabalhando e não havia alternativa senão ajudá-los. Na sua percepção é *justo* que colaborasse com os pais dessa forma.

Quando parei de ir pra roça, ficava em casa cuidando de tudo para minha mãe, eu fazia o almoço todos os dias assim que chegava da escola, eu lavava a roupa dos meus irmãos, limpava. Fim de semana ela (mãe) assumia o fogão e me dava uma folga. Não era fácil, mas o que eu podia fazer, né? só ajudando mesmo, porque se a família não se ajudar como é que se vive? (Elaine)

Segundo a OIT (2011) os afazeres domésticos na própria casa passam a ser considerados trabalho infantil quando adquirem características perigosas e também quando são realizados por longas horas do dia e interferem na vida escolar.

No Brasil deixar uma pessoa menor de dezasseis anos sozinho ou ainda responsável por outras crianças configura-se como crime de abandono de incapaz, previsto no código penal no artigo 133 do decreto lei 2840/40. Aos jovens inquiridos, especialmente as mulheres, encontramos recorrência de narrativas que em idade inferior

ao que a legislação estabelece estiveram responsáveis pelos cuidados de irmãos menores e pelos serviços domésticos enquanto os pais trabalhavam.

Sabe-se que culturalmente este tipo de trabalho é bastante naturalizado no país e constitui um desafio às políticas de combate ao trabalho infantil, dado a sua invisibilidade, seja na forma de trabalho na própria casa, seja na casa de outras pessoas. Destacamos que, nas trajetórias de Ângela, Joyce e Elaine, os trabalhos domésticos fizeram parte dos seus percursos, tanto na rotina familiar, quanto no contexto não familiar. A experiência de vida destas jovens e a aprendizagem das tarefas domésticas contribuem para a inserção do trabalho doméstico fora de casa.

Segundo a OIT (2011), o trabalho infantil doméstico⁵¹ em casa de terceiros é uma das formas mais comuns e tradicionais de trabalho infantil. As crianças e adolescentes que realizam atividades domésticas muitas vezes não são contabilizados nas estatísticas oficiais, pois seu trabalho é realizado no interior de casas que não são as suas, sem nenhum sistema de controle e longe de suas famílias.

No Brasil a proteção trabalhista define a idade mínima para inserir-se no mundo do trabalho, que se dá legalmente aos dezasseis anos. Antes, aos catorze anos, o trabalho pode ocorrer na condição de aprendiz (estágio e trabalho educativo). A constituição brasileira proíbe aos menores de dezoito anos trabalhos perigosos, insalubres, penosos e noturnos.

⁵¹ O trabalho infantil é mencionado na Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil no Decreto 6.481/ 2008. Entre as atividades proibidas se encontra o trabalho doméstico, porque os jovens que trabalham nestas atividades estão sujeitos, por exemplo, a esforços físicos intensos; isolamento; abuso físico, psicológico e sexual; longas jornadas de trabalho; trabalho noturno; calor; exposição ao fogo, posições anti-ergonômicas e movimentos repetitivos, podendo comprometer seu processo de formação social e psicológico (OIT, 2011).

Não obstante a progressiva queda dos índices do trabalho infantil⁵² no Brasil, encontram-se ainda nesta situação 3,3 milhões de crianças e adolescentes entre os 5 e os 17 anos de idade. O perfil do trabalho infantil apresenta, em comparação com as zonas urbanas, maior peso nas zonas rurais (OIT, 2015).

Conforme os relatos acima verifica-se que as dimensões que envolvem o trabalho precoce são multifatoriais e complexas. Os motivos financeiros, ou o baixo rendimento, têm forte correlação com este tipo de inserção. Neste caso é pela família e a partir das suas necessidades, que as crianças deparam-se e adentram-se no mundo do trabalho (Cacciamalli, 2003; Pais, 2001). Para além do fator económico, paira no imaginário popular a ideia de que o trabalho infantil é desejável em condições de pobreza, por dois motivos: o primeiro tem a ver com as próprias urgências da sobrevivência e o “apoio” que o trabalho infantil representa com o seu rendimento (ainda que baixo), e o segundo está ligado a necessidade cultural de forjar desde cedo uma identidade do trabalhador.

Para estes jovens, a urgência diante as necessidades de sobrevivência não havia outra escolha, outra forma de vivência a não ser trabalhar para ajudar em casa. Para eles não havia *outra saída* e possibilidade de *escapar do trabalho*.

Eu sempre trabalhei desde criança, não tinha como escapar do trabalho, o trabalho era a nossa vida.

(Elaine)

⁵² Não podemos nos esquecer das crianças desaparecidas das estatísticas.

Lá em casa todos nós trabalhamos desde pequenos, os meus irmãos eram menores que eu (...) que saída você tem, nenhuma, tem que levantar cedo e ir pra roça e ajudar a mãe.

(Ângela)

Além da pobreza, do acesso restrito e limitado às políticas de educação infantil e da ausência de alternativas públicas às famílias trabalhadoras, encontramos no universo da amostra a inserção do trabalho infantil também como estratégias singulares dos pais para cuidarem dos seus filhos no seu próprio ambiente de trabalho.

Quando a gente ia colher laranja, minha mãe levava um pano grande e estendia debaixo das árvores, levava água e a comida para esquentar na hora do almoço e deixava os meus irmãos menores lá, volta e meia minha mãe e eu dava uma olhadinha nos pequenos.

(Elaine)

Meu pai levava no carrinho (de catar papel), água e às vezes uma bolachinha pra gente ir comendo e quando não agüentava mais andar subia no carrinho, mas quando não estava muito cheio né.

(Joyce)

No cenário urbano é comum observarmos crianças e adultos em atividade de trabalho. Alguns carroceiros transformam a sua carroça em moradias provisórias,

carregando os seus filhos pequenos e mantimentos básicos para um dia de trabalho. Nas inserções de campo alguns pais me relataram que levavam as crianças para trabalhar num período e em outro permaneciam na escola.

No Brasil há um déficit expressivo de número de vagas na educação infantil em três milhões de vagas. Em Londrina (local da observação de campo), esse déficit de vagas chega a sete mil (IBGE, 2012). A responsabilidade da educação é atribuída aos municípios, com apoio de recursos federais.

O facto é que a presença do trabalho na infância remete-nos aos *arcabouços das condições subdesenvolvidas* de trabalho das antigas sociedades agrárias (embora ainda presente), onde o trabalho era exercido a partir dos cinco ou seis anos de idade, como urgências da sobrevivência. “Para as pessoas nesta situação o trabalho compele a máxima viver é trabalhar” (Pochmann, 2013, p.15).

Se na infância a inserção no trabalho se dá como obrigação pelos condicionalismos das fragilidades sócio-econômicas familiares, agravadas pela oferta insuficiente de vagas na educação infantil, na adolescência a interiorização da importância do trabalho ocorre mediante constatação da inevitabilidade face à ausência de alternativas de maneira naturalizada como modo de vida, tendo em vista a configuração da pobreza e a constituição das relações nestes espaços acabam por transformar o trabalho como estratégia de socialização.

Nesta lógica, o imaginário simbólico da *rua* e do *ócio* é visto como composição potencialmente perigosa e desviante de condutas. Nesta percepção, melhor é estar a trabalhar do que ficar *solto* pelas ruas. No entendimento destas famílias o trabalho é também um importante *regulador dos comportamentos e ponto de equilíbrio das relações sociais*, já que o trabalho se configura como escola da vida, cujas lições devem ser apreendidas o quanto antes.

Minha avó sempre dizia cabeça vazia oficina do diabo, eu também acho que melhor é estar trabalhando, fazendo alguma coisa de útil, ficar parado à toa não dá boa coisa.

(Daniel)

Quando a gente fica à toa demais só pensa abobrinha (risos).

(Joyce)

Na rua só tem o que não presta, se não tomar cuidado é fácil se envolver em confusão e com coisas que não (se) deve.

(Wellisson)

A rua, nestas narrativas, refere-se à sociabilidade perigosa das drogas e dos grupos criminosos, disponível em parte de forma mais ou menos evidente aos moradores das regiões periféricas.

Nesta correlação a justificativa freqüente para o entrada no trabalho para os jovens que iniciaram-se entre os 13 e 17 anos de idade, advém da interiorização do desejo implantado e socializado pelas suas famílias. As atitudes apreendidas pelas experiências quotidianas e a identificação dos jovens com o mundo dos adultos, podem “predispor os jovens trabalhadores a aceitarem, ou a mesmo desejarem, a entrada no mundo do trabalho” (Bourdieu, 1998, p.47). Ao vivenciar as dificuldades enfrentadas pela família, e a obrigação moral de ajudar o provedor diante das restrições financeiras que os impedem de *comer coisas diferentes*, de *consumir coisas que os pais não podem comprar* como roupas e sapatos, são as justificativas dadas por estes jovens sobre os motivos da opção

pelo trabalho, “pelo retorno mais rápido e imediato que fomenta a expectativa de melhora de vida” (Silva, 2003, p.143).

Nossa senhora para comer alguma coisinha diferente, a gente tinha que ralar (gíria que significa trabalhar com sofrimento) a semana inteira e juntar um dinheirinho para passar bem no domingo. Tempos muito difíceis...

(Joyce)

Quando eu tinha doze para treze anos, já entendia das coisas e sabia que havia dinheiro só para o básico e como sou muito agradecido pela ajuda da minha avó (paterna) ter me criado, achei justo ajudar ela com o pouco dinheiro que recebia.

(Wellisson)

Quando eu pedia coisas a minha avó, tipo tênis ou roupas, boné, ela dizia: “filho a vó só pode dar teto e comida, mas se você quiser outras coisas, vai ter quando trabalhar e começar a ganhar o seu próprio dinheiro”. E fui o que fiz.

(Daniel)

Também foi observado que para alguns jovens a identificação como trabalhador ocorre mediante o recebimento de remuneração, desvinculado do trabalho familiar. Ter o seu próprio dinheiro através do trabalho para eles representou trabalho de facto.

É trabalhar, trabalhar mesmo foi aos treze anos, mas na base dos meus nove anos minha família passava por dificuldades, não de passar fome, mas daquelas dificuldades normais, então a gente ia pra roça com os meus pais, e ajudava eles no que cabia a gente para poder ajudar, porque era criança e a gente não podia fazer muita coisa. Mas depois eu comecei a guardar carros na rua e passei a ganhar o meu dinheiro, e continuei ajudando em casa.

(Gilberto)

Para estes jovens, apesar de parte dos gastos ⁵³ do seu rendimento estar condicionado às despesas familiares, no pagamento de contas de água, luz e comida, há uma parte que pode ser gasto consigo e neste aspecto, o consumo e a autonomia também foram considerados por estes jovens como motivo importante para manter-se trabalhando.

Em síntese, apresentamos neste capítulo parte das experiências comuns aos jovens inquiridos. Verificamos que os jovens tiveram a sua inserção de forma precoce e em condições de precariedade. A tipologia das inserções para as meninas começa na rotina doméstica cuidando dos irmãos mais novos, como responsáveis pelas tarefas inerentes à rotina doméstica, para a seguir empregar-se em casa de terceiros. Enquanto para os meninos, apesar de ajudarem nas tarefas domésticas, o primeiro trabalho concretiza-se

⁵³ De acordo com Madeira (1986), há distintas maneiras com que os jovens trabalhadores de baixa renda gastam o dinheiro do seu trabalho, há jovens que entregam todo o dinheiro que recebe a família e há jovens que ajudam em casa e podem gastar com si. Essas diferenças têm relação com os rendimentos familiares, com os projetos e com os padrões de disciplina familiar.

geralmente a partir de pequenos biscates. Todos os jovens também partilharam da experiência de trabalhar com os pais, seja acompanhando, por não ter com quem ficar em casa, seja contribuindo com a produtividade das atividades de trabalho dos pais. Recorrentemente estes jovens moravam em áreas urbanas mas viajam até áreas rurais em busca de “temporada” de trabalho, nas colheitas e plantio de café, soja, cana de açúcar. Essa emigração temporária incide, sobretudo, nos percursos escolares, já que nestes períodos de mobilidade era marcada pelas ausências na escola. Quando não havia trabalho na lavoura, as famílias destes jovens sobreviviam catando papel na rua, fazendo biscates na construção civil, em serviços gerais de limpeza.

Observamos também na investigação que as atividades laborais destes jovens são equivalentes às atividades laborais dos seus pais (ver quadro 1.1) que, por sua vez, também se inscrevem nas estruturas da precariedade do trabalho, seja pela natureza contratual, seja pelos baixos rendimentos ou ainda pelas atividades manuais.

No capítulo seguinte, apresentamos o conjunto das narrativas transcritas sublinhando os sentidos e os valores atribuídos ao trabalho, bem como as experiências individuais são construídas.

Quadro 4.1 – Perfil dos jovens apresentados no capítulo 4

Nome	Idade	Escolaridade	Idade que começou a trabalhar	Atividade atual de trabalho	Contextos de iniciação	Posição Familiar
Ângela	28	E.M.Incompleto	5 anos	Reciclagem	Rural/Lavoura	Casada, mãe de duas crianças
Joyce	25	E.M.Incompleto	8 anos	Lava-rápido	Urbano/Reciclagem	Solteira e mora com avó materna
Elaine	28	E.M.Incompleto	10 anos	Reciclagem	Rural/Lavoura	Casada e mãe de quatro crianças
Wellisson	27	E.M.Incompleto	12 anos	Lava-rápido	Urbano/Lava-rápido	Separado e pai de uma criança
Daniel	25	E.M.Incompleto	13 anos	Lava-rápido	Urbano/Funilaria	Mora com a namorada e tem uma filha

Elaboração própria 2015.

5. ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS E DE VALORES AO TRABALHO

E há tempos são os
jovens Que adoecem E há
tempos
O encanto está ausente E há
ferrugem nos sorrisos Só o
acaso estende os braços A
quem procura Abrigo e
proteção

(Letra de música da banda Legião Urbana)

Nas sociedades modernas ter um emprego é importante para se preservar o respeito por si próprio. Mesmo quando as condições de trabalho são “desagradáveis e as tarefas a realizar monótonas, o trabalho tende a ser um elemento estruturante na constituição psicológica das pessoas e no ciclo das suas atividades diárias”(Giddens, 2010, p.377).

A centralidade e os sentidos do trabalho para os jovens desta pesquisa remetem-nos à dimensão instrumental do *ganhar a vida* condicionada às necessidades de sobrevivência, aos rendimentos do trabalho é à fonte necessária e fundamental diante as demandas básicas.

Para os jovens em questão, o trabalho constitui-se como referência importante e central para as suas vidas. O sentido do trabalho vinculado à necessidade aparece para estes jovens de maneira expressiva, tanto para os casados quanto para os solteiros, a

preocupação de *estar trabalhando, não ficar parado, de correr atrás* e o medo de *sobrar*,⁵⁴ de ficar para trás foram relatados em diversos momentos.

Estar trabalhando é um facto extremamente importante, tendo em vista a preocupação que estes jovens expressam em relação aos períodos de tempo de ausência de trabalho. Para Luan estar sem trabalho representa muito *sofrimento, marasmo, tempo que não passa*, e constrangimentos frente a família, tendo em vista que trabalho confere status elevado.

Luan é um jovem de 25 anos, nasceu no município de Londrina, estudou até à oitava série do ensino fundamental e não fez nenhum curso profissionalizante. Os seus pais vieram do estado da Bahia em 1980 em busca de melhores empregos. Luan é separado e pai de duas crianças pequenas. No momento da entrevista estava de casamento marcado e prestes a sair novamente da casa dos pais (já que retornou a casa dos pais após divórcio). Explica que o seu pai é extremamente rígido em relação à sua postura perante os tempos de ausência de trabalho.

Eu cresci vendo os meus pais trabalhando muito, sempre, meu pai sempre foi muito dedicado e não faltava nunca, era sempre pontual. Hoje ele trabalha como porteiro noturno, tem uma folga por semana e trabalha aos finais de semana. Ele rala (trabalha) muito todos os dias. Por isso quando alguém fica sem trabalho em casa (refere-se a ele próprio e aos irmãos), ele pega muito no pé, para ir atrás, levantar cedo, não dá moleza pra gente de jeito nenhum.

(Luan)

⁵⁴ Novaes (2007).

O sentido do suporte da dignidade humana conferida ao trabalhador aparece também como importante distinção simbólica dos tempos atuais. Nas narrativas identificámos a preocupação dos rapazes, sobretudo, a não associação às características pejorativas dos que se encontram sem trabalho e/ou dependente da família ou da companheira (para os casados). Valores que são interiorizados principalmente, no âmbito familiar.

Uma pessoa sem emprego ninguém dá valor, às vezes nem a família, acham que você é um vagabundo e que não se esforça para arrumar um emprego. (...) Se você tem um trabalho a família te respeita mais, e você pode dar exemplo bom pros filhos, te dão mais valor, porque eles vêem (no sentido de saber) você ralando todos os dias, acordando cedo. E tem outra, tem coisas como leite, fraldas e coisas de criança que não pode jamais faltar.

(Luan)

A identidade social do trabalhador se contrapõe à dos *estigmatizados desocupados*. Neste caso, estar sem trabalho pode diminuir a confiança dos indivíduos no seu valor social perante a sua família e a sociedade, tendo em vista os preconceitos e estigmas que são freqüentemente associados aos jovens pobres como potenciais marginais. “O valor de um emprego, mesmo dos mais desqualificados, exerce na vida de um trabalhador honesto, ele é o principal signo distintivo, a maior marca de sua condição de não delinquência” (Souza, 2011, p.247).

Para os jovens desta pesquisa não havia uniformes e nem crachás para serem apresentados. Entretanto, para alguns deles, de forma equivalente, são os seus instrumentos de trabalho: para os recicladores, os seus carrinhos ou camisetas com a logo/marca da cooperativa; para os ambulantes, as mercadorias; para o pedreiro, as ferramentas; para o malabarista, as claves e a localização do seu ponto de trabalho e para os lavadores de carros seus equipamentos de proteção.



Fotografia 5.1 Carrinho de recolha de lixo



Fotografia 5.2 Instrumentos de trabalho dos malabaristas.

Rosaline tem 29 anos de idade, é casada e mãe de quatro filhos e possui o ensino médio incompleto, engravidou ao completar os dezoito anos e casou-se em seguida. Trabalha desde criança e o seu primeiro trabalho foi como doméstica, a sua trajetória de trabalho é constituída por várias atividades, entre elas venda de cosméticos, manicure, diarista de limpeza e catadora de papel.

Na verdade eu sempre trabalhei desde criança, por isso ficar parada e dependendo somente do dinheiro do marido não dá. A pior coisa que tem é um filho seu pedir alguma coisa e você não poder dar, tipo a criança está com vontade de comer alguma coisa ou viu algum amiguinho com brinquedo, e quer também, então hoje em dia um homem não consegue mais sustentar a casa sozinho, são muitas coisas pra ele pagar. O que adianta ficar em casa, se o marido não consegue manter a casa e você vendo os seus filhos precisando das coisas. (Rosaline)

Na casa de Rosaline o orçamento doméstico é gerido da seguinte forma: o seu marido arca com as despesas básicas, de água, luz e comida, e com o seu rendimento compra roupas, material escolar e alimentos que complementam as compras que o seu marido faz. A sua grande preocupação é poder dar conta das necessidades dos filhos e de ensiná-los também com o seu exemplo de dedicação ao trabalho.

Para os jovens casados e jovens com filhos, esta ética do trabalho, é reproduzida com afincos às suas crianças como escolha mais digna e correta a ser seguida.

*Sempre ensino os meus filhos a não mexerem nas coisas dos outros,
é por isso que trabalho tanto.*

(Luan)

*Faço tudo o que posso para mostrar aos meus filhos desde pequeno
que não pode mexer nas coisas dos outros, ah isso não, nunca fiz isso
também.*

(Rosaline)

*A maioria dos meus colegas de infância se envolveu com drogas e
roubos, eu nunca mexi nas coisas dos outros graças a Deus, meu pai
me ensinou que o certo é trabalhar, que a vida nas drogas e na
bandagem só pode acabar na cadeia ou no cemitério. Por isso eu
ensino os meus pequenos o que é certo.*

(Gilberto)

Mexer nas coisas dos outros para estes jovens pais significa roubo, para eles é importante ensinar aos filhos que não peguem nada de ninguém e que interiorizem o quanto antes que *as pessoas de bem precisam batalhar muito* e esperar para conseguir certas coisas, sempre estimulando expectativas positiva ainda que os desejos sejam impossíveis de serem concretizados. Quando os filhos pedem alguma coisa, estes pais sempre negociam a espera, às vezes ao final do mês quando recebem algum dinheiro, às vezes na data de aniversário ou para *quem sabe um dia*.

Deste modo, a referência habitual do trabalho vai sendo introjetado tal qual ocorreu para estes jovens pais, com ajuda de um discurso moral que vincula o trabalho a um conjunto de atributos necessários à dimensão pessoal do dever e de que todo homem digno deve ter um trabalho.

Para além da evidente necessidade ligada à sobrevivência e à dignidade identitária do trabalhador, outra dimensão foi apresentada nas narrativas destes jovens ao atribuírem valores positivos ao sentido do contato social. A convivência e a interação com pessoas diferentes no trabalho abrem novas oportunidades para o estímulo à sociabilidade. O facto de sair de casa, ir ter com pessoas diferentes, aparece como uma dimensão valorizada secundariamente nas narrativas.

Para estes jovens, o ambiente de trabalho possibilita a criação de laços de amizade e oportunidade de partilhar atividades com outros, possibilitando o acesso a ambientes externos à sua rotina doméstica. A convivência e a interação com pessoas diferentes no trabalho abrem novas oportunidades para o estímulo e a sociabilidade.

Sair de casa, ver gente diferente, conversar com as pessoas é sempre muito bom pra mim. Eu adoro todo mundo aqui (colegas do lava

rápido), poxa quando trabalhamos no sábado à noite, sempre saímos depois ou fazemos um churrasquinho pra descontrair.

(Luan)

Mesmo para os vendedores ambulantes que podem não ter parada fixa, os contactos sociais são desenvolvidos não só em relação aos fregueses, mas também com outros ambulantes nas mesmas condições de trabalho, ou outros trabalhadores do comércio as redondezas do seu ponto de trabalho.

Felipe, 27 anos, mora com a companheira que está grávida do terceiro filho do casal, deixou a escola depois de completar o ensino fundamental, trabalha vendendo doces e jornal nos semáforos. Já vendeu mercadorias variadas doces, rede, frutas, brinquedos, óculos de sol. Explica que permanece sempre no mesmo ponto de localização, porque já se habituou ao lugar e porque a freguesia *marca* o ponto sabe onde ele está.

Conheço todo mundo por aqui, a gente faz amizade com outros ambulantes, conversa, aqui a gente fica sabendo sobre coisas, mercadorias.

(Felipe)

À cultura do ofício (*código, ritmos e as suas relações*), os jovens imprimem um modo de fazer. Nestes trabalhos os jovens aprendem a lidar com situações que lhe são próprias relativas ao seu local de trabalho e às pessoas que circulam em seu entorno (Bajoit e Franssen, 1997). Os ambulantes, por exemplo, se apropriam de diversas formas

para interagir com pessoas. Para estes e para os demais jovens da pesquisa, a aprendizagem auto-inflingida aplica-se no cotidiano, a partir de estratégias de *personalização*. “São situações que o trabalhador consegue manipular sua atividade de modo a extrair benefícios do seu jeito de trabalhar (...) tornando o trabalho mais simples, menos agressivo, menos monótono, menos bruto” (Silva, 2002, p.143).

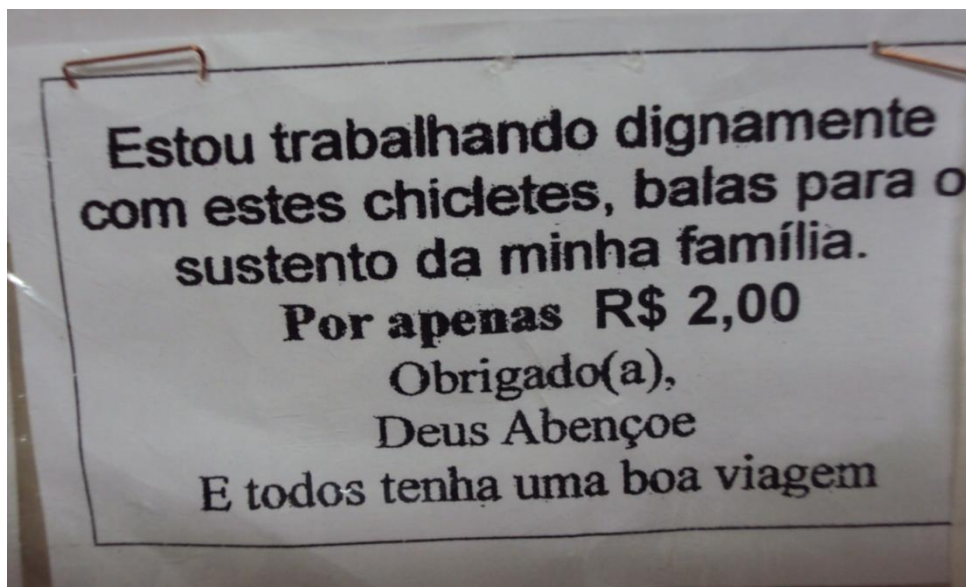
Safam-se melhor nesta realidade os que conseguem de uma forma dinâmica lidar com todas estas questões. Em relação aos ambulantes, a comunicação, a apresentação do produto, as estratégias de abordagem, são situações às quais estão expostos todos os dias.

No começo eu tinha vergonha de ficar cantando a mercadoria, tinha vergonha mesmo, aí conversando com os colegas, o Jair me disse: “rapaz se você não abrir a boca não vai vender nada”, no começo foi difícil, mas agora tô melhorando. (risos)

(Felipe)

Felipe e outros ambulantes, pelo curto tempo dos semáforos sincronizados, escrevem sobre os motivos de estarem trabalhando e o valor da sua mercadoria. Para tentar otimizar o seu tempo e vendas ao máximo, eles colocam o saco de balas em cima do retrovisor do lado do motorista com os seus bilhetes de justificativas (como quem se desculpa pelo seu trabalho incomodar) e esperam que as pessoas comprem ou lhes dêem uma moeda.

Após colocarem sobre os carros e não perceberem a intenção de compra, seja pelas negativas verbais, seja pela não abertura das janelas dos carros, estes passam recolhendo as mercadorias e aguardando a próxima parada do semáforo.



Fotografia 5.3 – Bilhete anexado a mercadoria do vendedor ambulante.

O anterior bilhete (Fotografia 5.3) é um exemplo da personalização e dos modos de lidar com o seu trabalho, assim como uma estratégia de auto-proteção para lidar com as desconfiças e a reprovação dos olhares acerca do seu trabalho. É uma espécie de crachá de apresentação, que já de início o introduz como trabalhador, lembrando da moralidade de que todo o trabalho é digno (muito difundido no imaginário coletivo) e que o jovem que se dedica àquela ocupação não é um *perdido*, fazendo distinção em relação aos usuários de substâncias ilícitas que também recorrem ao semáforo para angariar dinheiro e que o motivo da sua exposição ou incômodo é uma causa nobre e necessária (o sustento da sua família).

Vivenciando no cotidiano diversas formas e modos de se relacionar com as suas ocupações, com as adversidades, com o tempo, com as limitações do corpo, entre outras eventualidades.

Pedro tem 25 anos, é solteiro e sem filhos, nasceu no interior do estado de São Paulo e veio para Londrina para cursar artes cênicas na universidade estadual. Há dois anos faz malabares nos semáforos. O semáforo transformou-se em alternativa de trabalho, após a finalização da bolsa de um projeto de extensão da universidade. Pedro saiu de casa pela primeira vez aos dezassete anos para fazer letras, em universidade pública em São Paulo, mas acabou não gostando do curso e trancou a matrícula. Conheceu alguns jovens numa convenção de palhaços e ao visitá-los viu uma oportunidade de fazer cursos e de se instalar na cidade. Inicialmente os seus pais lhe mandavam dinheiro para manter-se longe de casa, entretanto, quando tornou-se bolsista deixou de receber a mesada dos pais. Após a separação dos seus pais, Pedro deixou de pedir ajuda financeira após ter acabado a bolsa. O motivo tem relação com as atuais dificuldades familiares, já que os seus pais casaram-se novamente e tiveram filhos recentemente.

Pedro relata que os primeiros meses nos semáforos foram os mais difíceis, mas que aos poucos foi se acostumando.

Aqui na rua, no sinal, a gente vai aprendendo a lidar com o sol, a chuva, tempo frio, as dores do corpo, também com os melhores dias e horários. Quando eu comecei este punho aqui (segurando o pulso esquerdo) me deu um problema danado, mas a gente se acostuma a tudo. Chegando o frio, tem que saber lidar com o frio, até as dores pioram no frio. Com a chuva não rola de fazer, as vezes a gente sai e chove e a gente fica escondido em algum lugar embaixo (marquises), tem que pensar até a quantidade de água que pode tomar para não ter que ir ao banheiro toda hora, os instrumentos que pode levar no dia (referindo-se as claves, bolinhas, arcos), os melhores dias da

semana e do mês. Por exemplo, véspera de feriado dá uma graninha legal, início do mês. Não é uma vida de luxo, mas dá para se virar. Dinheiro para comer eu faço durante a semana e para o fim-de-semana são um extra.

(Pedro)

Para além do tempo em suas variações e das limitações físicas para os que trabalham expostos a estas situações, também aprendem a lidar com as hostilidades, por vezes a invisibilidade a que estão sujeitos. Pedro me contou que muitas vezes foi hostilizado⁵⁵ durante a prática de malabares por motoristas que gritavam que deveria arrumar um *trabalho de verdade, trabalho de homem*. Certa vez uma pessoa disse que lhe iria *arrumar uma enxada e capinar mato pra ver se aprende a trabalhar*. Me explicou que isso ocorre com frequência em semáforos em regiões nobres e regiões centrais.

A maior parte das pessoas que me ofendem aparentava ter um poder aquisitivo maior, geralmente são homens mais velhos em seus carrões.

(Pedro)

⁵⁵ Presenciei em duas ocasiões tais eventos relatados durante a pesquisa.



Fotografia 5.4 e 5.5 Jovens em prática de malabares nos semáforos.

Os ambulantes também mencionam como são ignorados em tentativas de abordagem das suas vendas, ou quando os vidros não se abrem quando jovens entregadores de panfletos querem lhe entregar os folhetos. Poderíamos imaginar que a justificativa para tal concentra-se em parte na violência urbana e nos medos que envolvem tal questão, mas levando em consideração que estes pontos são amplamente conhecidos neste cenário urbano, se prestarmos um pouco de atenção, é possível relacionar pontos específicos a determinados trabalhadores e/ou venda de mercadorias, panfletagem e artistas de rua. Para Souza (2006) as reações deste tipo, em relação aos trabalhadores, fazem parte das manifestações da naturalização da desigualdade social tendo em vista não somente a invisibilidade⁵⁶ decorrente de atividades de trabalho pouco

⁵⁶ Costa (2008) na sua tese de doutorado intitulado “Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevista”, desenvolveu análise acerca da invisibilidade pública dos varredores de rua que trabalham na Universidade de São Paulo (USP). Costa, trabalhou como gari em tempo parcial durante por oito anos e, destaca na sua análise que “as pessoas enxergam apenas a função social do outro, e quem não está bem posicionado sob este critério torna-se invisível”. O investigador relata na tese como foi a experiência de sentir-se invisível “professores que me abraçavam nos corredores da USP, passavam por mim, não me reconheciam por causa do uniforme.

qualificadas, mas também ao desprezo com que determinados segmentos da população vêem estes trabalhadores, podendo ser confundidos com bandidos, toxicodependentes, esmoladores.

Para os jovens que trabalham nos semáforos a questão da esmola/caridade parece estar associada a estas ocupações.

As pessoas olham muito, muito com olhar de margem, olhar de marginalidade. Às vezes a gente brinca (entre outros trabalhadores de semáforo), que a gente é tipo uma chance para que a pessoa pague todos os pecados da vida dela, porque quando ela tira uma moedinha para te dar parece que ela está pagando todos os erros da vida dela, sendo um pouquinho cristã com você. Não interessa se ele enche a cara, se ele bate na mulher ou chuta o cachorro em casa quando chega estressado. Vejo esse olhar direto de cima para baixo, de coitado, que está no sol, no semáforo. Esses que dão moedinhas pequenas tem carros novos, importados, mas já aconteceu de carros mais humildes tirar uma nota de dez reais.

(Pedro)

A humilhação mencionada por Pedro está relacionada à invisibilidade pública nas quais determinadas atividades de trabalho desqualificado não são reconhecidas pela sua

Às vezes, esbarravam no meu ombro e, sem ao menos pedir desculpas, seguiam me ignorando, como se tivessem encostado em um poste, ou em um orelhão”.

função social, carregando o peso dos estigmas acarretados às mesmas (Costa, 2008).

5.1 A centralidade do trabalho

Observamos que apesar das dificuldades enfrentadas pelos jovens no atual mercado e pelas atuais condições de trabalho, não há, para estes jovens, diminuição da centralidade e da importância atribuída ao mesmo. O que muda não é tanto a importância do trabalho, mas sim a relação com este. “Apesar de encontrarmos uma diversidade de sentidos, do seu caráter penoso, ele comporta uma dimensão fortemente expressiva (realizar-se socialmente e pessoalmente, gostar do trabalho e sentir-se bem) ” (Bajoit e Franssen, 1997, p 73).

Para os jovens em questão, a dimensão expressiva aplica-se aos aspectos que medeiam os campos objetivos e subjetivos do trabalho, ao mesmo tempo que revelam que a preocupação com a desocupação os faz agarrar qualquer trabalho, mesmo que seja *para varrer rua, tirar mato da calçada*, há uma *reivindicação de não consumir-se no trabalho*. “Há uma perspectiva de trabalho rejeitada em relação a certas ocupações (regulamentadas inclusive) ” (Bajoit e Franssen, 1997, p.78).

Gilberto tem 30 anos, é casado e pai de três filhos. Atualmente trabalha na cooperativa de reciclado, mas também puxa carrinho (recolha individual) nas ruas. Na infância relata que ficou muito doente e passou meses internado e correu risco de morte. A sua família de origem é extremamente pobre e o trabalho fez parte da sua vida desde a infância. Aprendeu com o seu pai que o trabalho atribui *o caráter da pessoa* e por isso orgulha-se de nunca ter-se envolvido em situações ilícitas, como muitos dos seus amigos de infância o fizeram. Para Gilberto é somente através do trabalho que se pode ganhar o respeito das pessoas, ter uma identidade, especialmente para “*pessoas de cor*

(refere-se a ser negro). *Eu sei que por causa da minha cor há preconceito na hora de conseguir emprego”.*

Gilberto relata que o seu percurso de trabalho autônomo engloba vários biscates como guardador de carro, trabalho rural itinerante, office boy de uma loja de roupas, entre outros. Mas foi numa grande rede de supermercados que obteve o seu primeiro contrato de trabalho. Menciona que nos primeiros anos esforçou-se muito para fazer um bom trabalho e tinha esperanças de conseguir uma promoção. Quando a empresa passou por uma crise grande, cortes foram realizados e, então, foi demitido junto com outros oito colegas de trabalho.

Eu trabalhei seis anos no mercado e não desejo isso a ninguém, eu me dava bem com os meus colegas de trabalho, mas eu não tinha domingo, nem sábado, nem feriado e nem natal. Meu filho tinha dois anos na época e teve uma vez que sai para comprar uma roupinha e um sapato pra ele, quando cheguei na loja não sabia qual era o tamanho do meu filho, eu fiquei de cara (surpreso), não acreditei que eu não sabia o tamanho que o meu filho usava e nem do que ele gostava. Era registrado sabe, mas valeu isso, valeu tudo isso? Eu acho que não.

(Gilberto)

Quando questionados sobre o que seria um bom trabalho, muitas respostas foram dadas à partida sobre o que não seria um bom trabalho, a recusa de certos trabalhos a

carga horária excessiva e, sobretudo, rígida e os ambientes ríspidos são as justificativas apresentadas por estes jovens no quesito das características de um bom trabalho.

Embora estes jovens trabalhem entre 40 e 44 horas por semana, mencionam experiências anteriores de trabalho ligadas à sensação de ficar preso, perder a referência de dia e noite, não ter finais de semana e feriados, estar preso em rotinas de certos setores de serviço (como os supermercados, shopping e restaurantes), constituindo como um reforço (às vezes parcial, às vezes total) do *trabalho alienação*. A estas condições de trabalho há certa rejeição, tendo em vista o sentimento de *monotonia e vazio*, e as relações conflituosas e coercitivas provenientes das relações hierárquicas. Por isso, conforme suas possibilidades afastam-se de atividades de trabalho onde sentem-se “rotinizados, escravizados e aviltados pelo ritmo de trabalho e suas relações convencionais” (Bajoit e Franssen, 1997, p.84).

Olha vou te dizer uma coisa o que eu ganho na cooperativa e o que dá pra juntar na rua, não é muito menos do que eu ganhava no mercado, mas lá eu não tinha vida, trabalhava direto, aqui eu me dou bem com todo mundo e vou levando meu trabalho de boa.

(Gilberto)

O mal ambiente de trabalho e as relações interpessoais de trabalho contribuem para a rejeição de determinadas atividades de trabalho ou setores. Sybele é uma jovem de 26 anos e é estudante universitária. Está cursando artes visuais em uma instituição privada

com financiamento público das mensalidades pelo sistema prouni⁵⁷. Mora sozinha em cidade vizinha a Londrina, pelo valor do aluguel ser mais barato. Trabalha desde os treze anos de idade, quando começou a cuidar de uma criança na vizinhança por uns trocados, no seu percurso de trabalho já trabalhou em supermercado, em fábrica de processamento de embutidos, restaurantes, shopping, escritórios e atualmente trabalha no lava-rápido. Durante todo o seu trajeto buscou conciliar os estudos e trabalho, quando não era possível a adaptação pedia demissão e buscava outros trabalhos. O outro motivo que a leva a sair do trabalho tem relação com o relacionamento interpessoal.

Para Sybele, ficou muito difícil trabalhar em um ambiente que na sua percepção não havia *nenhum respeito ao trabalhador* e havia constantes situações de humilhação pessoal.

Quando eu trabalhava no restaurante, a dona gritou comigo porque derrubei um pouco de chope na bandeja, ela gritou comigo na frente dos clientes ali mesmo, sem dó e nem piedade, eu quase chorei, mas segurei firme, confesso que essa não era a primeira vez dela comigo, ela fazia isso com todo mundo pra falar a verdade. No final do dia pedi as contas e ela ficou espantada, disse que eu precisava de tempo para acostumar com jeito dela, que ela era assim mesmo, eu disse pra mim não vai dar e fui embora.

(Sybele)

⁵⁷ O Programa Universidade para Todos (PROUNI) do governo federal oferece bolsas de estudos parcial e total da mensalidade. Dentre os critérios de seleção está a condição sócio-econômica insuficiente.

Observa-se que a dimensão expressiva de *gostar do que se faz ou aprender a gostar do que se faz* tem relação como entendem e interagem ao seu ambiente de trabalho (Jeolás, 2006). Nota-se a tentativa de auto-preservação emocional em trabalhos de difícil relacionamento interpessoal, com exposição a humilhações de seus superiores e clientes.

No meio a tantas dificuldades, a realização pessoal não ocorre tanto em função dos seus trabalhos, a satisfação se dá pelo referencial no qual se inscreve a identidade social do trabalhador em oposição à de desempregado.

Para estes jovens a realização pessoal está ligada à dimensão familiar, seja ela de origem ou formada, aparecendo muitas vezes referenciada como lugar pelo qual valem os esforços e sacrifícios empenhados.

O trabalho não vale nenhum sacrifício, a família sim, essa vale a pena, trabalho não merece, se não der certo aqui posso ir pra outro lava-rápido, se não der certo posso voltar a catar papel e se não der certo vou fazer qualquer outra coisa. O que eu ganho aqui ganha, ganha em outro lugar.

(Luan)

O gosto do trabalho justifica-se não necessariamente pela atividade em si, a satisfação consiste no que este pode proporcionar, seja na valorização e auto-afirmação diante da família e dos amigos (a partir da autonomia financeira possibilita o acesso a determinados bens de consumo, as saídas com os amigos, ao lazer), seja pela satisfação

de ser provedor ou co-provedor da sua família e de certos mimos proporcionados aos filhos. Estes foram os aspectos mais citados pelos jovens entrevistados.

Observamos também a valorização da dimensão da estrutura temporal do trabalho na forma de relacionar o seu tempo com certa previsibilidade, tanto para jovens solteiros como para jovens casados. Apesar das afirmativas da rejeição do trabalho marcante e rotinizado, a ponto de não perceberem *o que se passa lá fora*, o tempo de trabalho é vivido como algo importante. Acordar diariamente e ter um objetivo, uma meta que não precisa ser exatamente igual todos os dias.

O trabalho, neste aspecto, constitui-se para estes jovens como parâmetro de vida. Não encontramos nas narrativas indícios de declínio da importância e da perda de centralidade do trabalho, contudo, a fonte realizadora do trabalho se dá pela dimensão instrumental.

Não tem preço⁵⁸, você pegar aquele seu dinheiro que suou tanto para ganhar e entrar no mercado com a sua família e falar pro seu filho, pode lá pia, vai lá escolhe o que quiser, vai lá pegar o seu Danone (iogurte), hoje o pai pode comprar.

(Gilberto)

Ah quando eu recebo, eu festo um pouquinho, ninguém e de ferro né, você vê, ralo lavando muito carro sujo aqui, você não faz idéia das coisas que encontramos dentro dos carros, então quando

⁵⁸ Algo “não ter preço” é apenas uma força de expressão bastante utilizada para dizer que, valeu os esforços empenhados.

recebo, depois de pagar as contas gasto comigo, mimo muito meus sobrinhos e uma vez por mês juntamos toda a família para o almoço de família.

(Luan)

No que diz respeito à família, ao inverso do que ocorre aos jovens das classes médias⁵⁹, a fragmentação, a heterogeneidade e as condições de instabilidade e incertezas diante do trabalho não impedem que os jovens referenciados nesta pesquisa realizem expectativas ligadas ao projeto familiar inicial. Para estes jovens a racionalização das intenções e da concretização de casar-se e ter filhos, não se articula em função dos princípios de garantias e suportes pressupostos inerentes a esta dimensão, mas em referência às expectativas da sua família de origem.

Para a maioria, a passagem para a vida adulta não tem como demarcador a idade biológica ou os marcadores dos tradicionais trânsitos institucionais, antes está relacionada a todo um modo de vida correspondente às condições de insuficiência sócio-econômica que os levam a submeter-se precocemente e precariamente no mundo do trabalho. Diante deste contexto há “necessidade de acelerar-se para a vida adulta, de assumir responsabilidades, para alguns já na infância” (Guimarães, 2005).

A maternidade também imprime para estes jovens novas demandas de urgências relacionadas ao trabalho, a fim de garantir o sustento básico dos filhos. Ser responsável pela vida de outra pessoa representa a última e definitiva passagem para a vida adulta. “Jovens de segmento menos favorecidos têm as suas identidades construídas em torno de

⁵⁹ Ver estudos Pimenta (2006), Pais (2010) e Bajoit e Franssen (1997).

papéis familiares (filhos e casamentos) e que se impõem fortemente sobre as meninas”
(Pimenta, 2007, p.137)

Ao serem questionados sobre como se auto-referenciam, se como jovens ou como adultos, encontramos tendência expressiva de jovens que se sentem adultos. À partida, a maior parte destes jovens se auto-identificou como adultos, mas à medida que foram desenvolvendo argumentação, foram aparecendo reflexões em que ora sentem-se jovens nos desejos, nos anseios, nos lazeres, sobre certas expectativas de vida, ora são adultos pelas responsabilidades compelidas perante as suas famílias de origem ou pelas famílias constituídas.

Para alguns destes jovens a percepção que tem, é que desde criança tornaram-se adultos, expressões como *não sei o que é ser jovem, sempre me senti adulto, sou adulta desde criança, não tive oportunidades, me sinto velha*.

As respostas estão relacionadas à maneira como estes jovens tornaram-se adultos na sua percepção. As narrativas afirmam predominantemente que a inserção na vida adulta ocorreu a partir da entrada no mundo do trabalho, gerando amadurecimento precoce na assunção das responsabilidades que este universo confere. “Ser adulto tem haver com aquilo que se faz, isto é, com práticas comumente associadas ao mundo adulto, como trabalhar, pagar contas, sustentar-se, cuidar da casa e das crianças”
(Pimenta, 2007, p.132)

A estes jovens, e à expressão dos sentimentos de infância e juventude negada, o trabalho aconteceu muito cedo, na primeira infância, em condições duras de vida e não salvaguardando dos episódios de violência familiar, alcoolismo, uso de substâncias ilícitas pelos pais. Parte significativa das narrativas apresentadas refere-se à tensão constante no âmbito familiar vinculada, sobretudo, aos episódios recorrentes de violência. Rosaline se lembra da sua infância difícil e muito instável não só pela pobreza, mas pelos atos de

violência do pai, acometidos à família quando chegava em casa embriagada de cachaça. Na sua memória, a ira do seu pai quebrando a casa toda, e as inúmeras vezes em que presenciou a mãe apanhando, instabilizava o cotidiano familiar e gerava *revolta nos filhos*. Os altos e baixos na convivência familiar oscilavam entre tempos em que o pai bebia muito e tempos de abstinência da bebida.

Quando o pai não ia pro bar, ele era outra pessoa, ficava mais calmo, não brigava tanto, mas quando ele chegava de manhã bêbado, a gente já sabia que o dia seria um inferno.

(Rosaline)

Apesar da sociabilidade familiar profundamente brutalizada, Rosaline relata que a mãe mantinha uma postura esperançosa de que o vício do marido fosse acabar um dia e que *fazia de tudo* para manter a paz na família, tentando não deixar o marido contrariado ou nervoso, e que se apegava à religião evangélica nos momentos de desespero.

Minha mãe sempre falava um verso da bíblia: “melhor é um bocado de pão seco com paz e tranqüilidade do que a casa repleta de carnes e contendias” (recita verso decorado de trecho extraído de provérbios 17).

(Rosaline)

Mediante a violência latente aprendeu com a sua mãe a agir com muita cautela, nas suas palavras, *a pisar em ovos*, ao lidar com o seu pai, aprendeu a disposição de buscar na religião (a mesma da sua mãe) forças para suportar as tensões e instabilidades do seu quotidiano e a superar os traumas causados pela conduta do pai, através do seu perdão.

5.2 Os percursos

A expressão da informalidade aplicou-se de modo diverso para os jovens em questão tal qual a precariedade imbuída. “Apesar da informalidade não ser sinónimo direto de precariedade, sua vigência expressa formas de trabalho desprovido de direitos e, por isso, encontra clara similitude com a precarização” (Antunes, 2010, P.157).

A pluralidade das formas de precariedade e o amplo universo dos modos de ser na informalidade, suposta a princípio pela ruptura dos laços de contratação, tangenciam em vários desdobramentos as suas trajetórias. A modalidade de informalidade na qual estes jovens estão incluídos remete aos postos de trabalho mais instáveis “recrutados temporariamente e freqüentemente remunerados por serviço realizado. Eles fazem trabalhos eventuais e contingenciais, pautados pela força física e pela realização de atividades dotadas de baixa qualificação, como carregadores, carroceiros e trabalhadores de rua e serviços em geral” (Antunes, 2010).

O balanço acerca das trajetórias de trabalho do conjunto de jovens entrevistados, revela que os caminhos empenhados são marcados pelo intenso trânsito por muitos trabalhos. Para Luan, Sibely, Gilberto, ao falarem das suas trajetórias, é evidente a rotatividade e os circuitos percorridos. Estes jovens tiveram entre seis a oito trabalhos

diferentes. Luan começou a trabalhar com doze anos em lava rápido, depois percorreu itinerário intermitente entre a informalidade e a formalidade.

Olha, eu já fiz de tudo o que você possa imaginar, quer dizer nunca fiz nada de errado, mas eu já trabalhei catando papel, guardando carro, vendendo doces, fiz biscates de vigia, no supermercado, nossa se eu for parar pra contar nesses meus vinte e tantos anos todos já fiz muita coisa.

(Gilberto)

Eu comecei cuidando de criança na vizinhança, com quinze anos entrei para o menor aprendiz⁶⁰ e fiquei até os dezoito anos, que é a idade máxima, eu era recepcionista da justiça do trabalho, mas quando acabou o estágio não tinha nada em vista, então trabalhei como caixa de supermercado, depois em uma empresa de alimentos, restaurante, recepcionista de uma faculdade, já fui também freelancer de vendedora no shopping e agora tô aqui no lava-rápido.

(Sybele)

Meu primeiro emprego foi na padaria, depois de um ano pedi para fazer o acerto, porque não queria mais trabalhar nos finais de semana, feriados e a noite, cansei mesmo, então pedi para fazer o

⁶⁰ Programa de aprendizagem do Ministério do Trabalho e Emprego que visa qualificar jovens através da experiência do trabalho.

acerto (demissão), depois disso trabalhei no posto (frentista de combustível), fiquei por lá mais um ano e seis meses, mas tinha muito assalto, o posto fica lá embaixo na zona leste e tinha muito assalto, teve uma vez que levei uma coronhada e desmaiei, depois disso só trabalho no lava-rápido, porque aqui a gente se sente mais protegido.

(Luan)

Estes percursos desenvolvem-se em cadência do recomeço contínuo, em caminhos em *carrossel* marcado por altos e baixos (Diogo, 2007). O caráter voluntário da integração neste modo de trabalho, informal, independente e irregular em algumas circunstâncias se dá para estes jovens, para além das necessidades económicas, devido à restrição de escolhas possíveis.

As experiências que estes jovens constroem em seus percursos, ora na informalidade, ora na formalidade, são marcadas por muitas experiências e poucos vínculos e continuidade. Os diversos trabalhos têm curta duração e as diferentes ocupações não exigem uma especialização mínima de conhecimento e de qualificação escolar formal.

Bom eu tenho o segundo grau completo, mas pra que isso, quando se cata papel, não faz diferença nenhuma, o que eu preciso saber aprendi na escola da vida.

(Gilberto)

Para Gilberto e os demais jovens, a função instrumentalizadora da educação no mercado de trabalho não corresponde melhores possibilidades em níveis e estruturas de emprego. As trajetórias construídas precocemente, condicionadas pela pobreza, a dinâmica da combinação escola e trabalho e as ocupações desqualificadas e de baixo rendimento, constituem-se como *círculo vicioso* que “impede que a educação revele o seu potencial transformador das relações humanas e da agregação de valor à produção no Brasil” (Pochmann, 2004, p.384).

Nestes percursos os jovens transitam todo o tempo pelo mercado, girando entre as possibilidades do formal e do informal, o ilegal e os subempregos. “Quanto mais pobre e frágil o meio de socialização mais as escolhas individuais parecem privilegiar a busca do salário, sem que, na organização da trajetória, o sujeito possa exercer maior controle sobre a natureza das oportunidades ocupacionais assumidas” (Agier e Castro, 1995, p.129).

Esse constante entra-e-sai do mercado em meio aos diversos expedientes de trabalho precário e a “individualização das trajetórias profissionais e a precariedade dos diferentes empregos ocupados fazem da experiência do trabalho uma experiência vivida individualmente, sem referência a um coletivo (a um “nós”) (Bajoit e Franssen, 1997, p. 82).

A atribuição dos percursos é assumida como responsabilidade do próprio indivíduo e tal fato acarreta um sentimento de desalento em períodos de ausência de trabalho. Assim, quanto maiores são as necessidades emergenciais de sobrevivência, mais a ausência de trabalho se coloca como situação dramática para estes jovens ou desesperadora, como relata Daniel.

Posso dar um recado pra quem vai ler a sua tese?

Diante da resposta positiva, Daniel disse: Eu fiquei simplesmente desesperado quando fiquei três meses desempregado, então eu digo sempre pras pessoas (se inclinou e chegou bem perto do gravador) quem tem emprego que segure o seu, porque eu trabalhava na construção civil e achei que ia encontrar trabalho melhor fácil, as pessoas dizem que hoje só não trabalha quem não quer, mas eu paguei pelo meu erro, e fiquei muito tempo correndo de um lado para outro tentando arrumar um serviço, então acabei vindo parar aqui no lava-rápido.

(Daniel)

Fico desesperada quando fico sem trabalho, porque não posso contar com meus pais, quando eu saí de casa, meu pai me disse: filha faça teus gastos conforme as tuas possibilidades, por isso eu não gasto tudo o que ganho, sempre guardo um pouco, porque as contas não param de chegar, você tem que honrar com os teus compromissos. Nunca cheguei a ficar mais de um mês, porque procuro em qualquer lugar, trabalho até no mercado de novo se for preciso, só pra não ficar parada.

(Sybele)

Após períodos de desemprego, os trabalhos rejeitados anteriormente voltam a ser considerados, como forma de *garantismo*, a fim de conseguir algum dinheiro para

viabilizar o cotidiano. Para estes jovens não detentores de direitos laborais, o período de sessenta dias já é por eles considerado como período longo de desemprego.

O desalento de Daniel frente ao desemprego e em situação de provedor com bebê em casa, fez com ele procurasse alternativas, como o trabalho a dias, para dar conta do pagamento das suas despesas mensais. Na sua percepção não importa o que se faça, o importante é ter previsões de recebimento.

As ausências do trabalho neste caso são mais sentidas conforme as fragilidades dos suportes e das responsabilidades assumidas. Os jovens que moram com parentes sentem-se constrangidos ao ficarem parados, e os jovens com moradia independente e com filhos sentem-se mais pressionados pelas despesas mensais.

Eu não tenho preferência por nada, posso fazer qualquer coisa, você vê eu tava como servente de pedreiro em uma construtora, e agora to aqui no lava rápido, se tiver que fazer outra coisa eu faço também, não tenho medo de por a mão na massa. Se tiver que ficar no sol eu fico, se tiver que pegar peso eu pego, se tiver que trabalhar no feriado eu trabalho, pra mim isso não importa.

(Daniel)

Daniel, recentemente, passou por um período de três meses desempregado. A sua companheira não trabalha, então ele contou com a ajuda da avó materna que o criou, mas diz que ficou *traumatizado* com esta experiência, já que em outros tempos não ficava mais que trinta dias sem conseguir outro trabalho.

Em torno do *garantismo*, do trabalho a qualquer custo, e independentemente das características do trabalho, a lógica do *gato escaldado*⁶¹, os jovens agarram-se a qualquer possibilidade de trabalho, *transfigurando dificuldades em virtudes*⁶².

Por último, as narrativas apresentadas neste capítulo desvendam os significados e os sentidos do trabalho. Verificamos que o trabalho é importante pelo sentido instrumental, como modo de sobrevivência. Para estes jovens não há como viver sem trabalho, sem trabalho *não se come, não paga as contas de água e luz, não sobrevive*, tendo em vista as condições desfavoráveis de origem familiar. Aos estigmas da pobreza marginalizada o trabalho confere, a estes jovens, sentimento de dignidade, da distinção conferida ao trabalhador e da valorização familiar. Criar laços de sociabilidade e a estruturação do tempo, também são dimensões valorizadas pelos jovens. Verificamos também que a recusa de alguns trabalhos formais, considerados por estes jovens como precários, dado a sua rotinização e baixa remuneração, ocorre até certo ponto em períodos de mais de dois meses de desemprego. Qualquer trabalho serve, mesmo aqueles anteriormente negados passam a ser considerados. Há também nos relatos a dimensão moral que vincula o trabalho a um conjunto de atributos necessários à dimensão pessoal do dever e de que todo homem digno deve ter um trabalho.

No capítulo que se segue, analisa-se as formas de acesso ao trabalho e os dispositivos que acessam quando estão em busca de trabalho.

⁶¹ Bajoit e Franssen (1997).

⁶² Bourdieu (1989).

Quadro 5.1 – Perfil dos jovens apresentados no capítulo 5

Nome	Idade	Escolaridade	Atividade atual de trabalho	Posição familiar
Luan	25	E. F. Completo	Lavador de carro	Separado com dois filhos
Rosaline	29	E. M. Incomp.	Reciclagem de lixo	Casada com quatro filhos
Pedro	25	Sup. Incomp.	Malabarista	Solteiro sem filhos
Felipe	27	E. M. Incomp.	Vendedor ambulante	Mora com a namorada e dois filhos
Gilberto	30	E. M. Compl.	Cooperativa reciclagem de lixo	Casado com três filhos
Daniel	25	E. M. Incomp.	Lavador de carros	Casado com um filho

Elaboração própria 2015

6. ANÁLISE DOS PERCURSOS: EM BUSCA DE TRABALHO

A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar

Azar! A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar

(O bêbado e a equilibrista, composição de Aldir Blanc e João Bosco)

Em trajetos *labirínticos* os jovens da pesquisa buscam extrair o que podem da sua realidade desfavorável para se desenrascar no cotidiano. Na gestão e na dinâmica do dia-a-dia, fazem *malabares da vida* não só em busca de trabalho, mas para manter-se nele na tentativa de administrar todas as adversidades de quem vive e trabalha em situações precárias.

Paulo tem 24 anos, é solteiro, sem filhos e mora com os pais, duas irmãs e um sobrinho. O seu pai trabalha como porteiro em condomínio residencial e a mãe como doméstica, possuindo ambos contrato de trabalho. Abandonou a escola sem completar o ensino médio. Era estudante da escola noturna e estava três anos desfasado no quesito idade-série. Com relação às reprovadas, justifica que deixava de frequentar as aulas sempre no final do ano letivo por desmotivação. Nesta época, já fazia alguns biscates. Trabalhou na construção civil como ajudante, em restaurante, numa pequena empresa de fabricação de bolsas e, atualmente, está há quatro anos na cooperativa de lixo reciclado. Os seus pais preocupam-se muito pelo fato de Paulo não ter um contrato de trabalho e por não recolher os impostos para futura aposentadoria. As atividades de trabalho que já exerceu

aprendeu na prática, frequentou um curso de azulejista (instalar pisos e azulejos) oferecido por uma organização não-governamental, mas não chegou a trabalhar na área.

É assim que vou fazendo a minha vida no trabalho, sobrevivendo, correndo aqui, me adaptando ali, aprendendo uma coisa aqui, para as minhas necessidades básicas.

(Paulo)

As estratégias para busca de trabalho são baseadas predominantemente nas referências individuais e familiares, buscando nos vínculos de amizade e parentesco. Logo, os trabalhos encontrados por estes jovens são ocupações equivalentes ou parecidas ao seu círculo interpessoal.

Eu consegui este trabalho com a minha tia, um dia ela foi lá em casa e eu estava parado, ela falou olha a cooperativa ta precisando de gente pra trabalhar, você não quer ir conversar com o pessoal, eu falei eu vou lá na segunda, conversei com a responsável e aqui estou eu há quatro anos. Minha tia fica na cooperativa da zona leste.

(Paulo)

Esta realidade aparece também para todos os outros jovens trabalhadores inquiridos. Observamos que estar a falar com a família e avisar os amigos da intenção da busca por um trabalho é uma estratégia eficiente na sua percepção. Muitos jovens

relataram que em algum momento do seu percurso de trabalho havia obtido uma inserção por este intermédio. “As redes familiares e de sociabilidade constituem a principal fonte de angariação de emprego, sobretudo para os mais desprovidos de recursos econômicos, educativos e relacionais” (Alves, *et al* 2011, p.52). Entretanto, este modo de buscar trabalho pode reforçar as tendências da reprodução social das condições pouco favoráveis de origem.

Outra estratégia é buscar trabalho no próprio local em que se pretende trabalhar, apresentando-se e deixando currículo, alguns jovens apresentados na pesquisa obtiveram êxito desta forma.

Gabriel costuma recorrer às agências de emprego, deixando currículos e cadastrando-se a vagas que lhe interessam, embora manifestem certo ceticismo às possibilidades reais de conseguir uma vaga de emprego. Aos 25 anos de idade, atualmente trabalha como lavador de carros há oito meses. Trancou a matrícula da faculdade privada no segundo ano do curso de engenharia civil, por questões financeiras. Possui curso técnico de edificações (habilitação para supervisionar obras da construção civil), porém não conseguiu emprego na sua área de qualificação. Quando terminou o seu curso se candidatou a vagas divulgadas nos jornais e cadastrou-se em várias agências de emprego simultaneamente, mas não obteve resultados positivos, então, decidiu buscar trabalho em locais cujos postos de trabalho possuem exigências reduzidas de qualificação escolar e de experiências anteriores.

Não sei ao certo o que eles (o mercado) querem, segundo grau eu tenho, experiência eu tenho, quer dizer já fui estagiário na área por seis meses, mas emprego mesmo cadê, eu fiz o meu cadastro mesmo

por fazer, está lá, mas não deu em nada e eu tive que sair a luta mesmo.

(Gabriel)

Não saber o que o mercado quer me pareceu, neste caso, uma forma de expressar as frustrações entre as possibilidades imaginadas e a realidade concreta. Quando inquiridos sobre quais seriam as qualificações exigidas atualmente para o mercado de trabalho, a escolarização formal e a experiência foram às respostas mais recorrentes.

Gabriel, apesar de afirmar que possui experiência, em outro momento da entrevista reflete que a sua pouca experiência adquirida em estágio curricular obrigatório do curso técnico, não é reconhecida como experiência.

Neste caso o emprego almejado não foi alcançado, mesmo em condições de qualificação formal escolar. Pais (2001) adverte que a relação trabalho e qualificação escolar não é uma relação recíproca e imediata. Para os jovens em questão terminar o ensino médio não significou melhores possibilidades de trabalho. Por isso, a escolha do Gabriel e da Sybele (mencionada no capítulo anterior) de buscar trabalho em circuitos de acesso menos restritos a certos setores de serviços como o lava-rápido. Para estes jovens, apesar das condições difíceis de trabalho, a não exigência de experiência anterior na função, configura-se como alternativa *rápida* de conseguir um trabalho. Segundo as narrativas, é possível conseguir vaga em padarias, supermercados, restaurantes, com pouca ou nenhuma experiência e com escolaridades baixas e incompletas. Apesar de não encontrarem muitas barreiras de acesso a este tipo de ocupação, para estes jovens estes trabalhos representam possibilidades de rápida inserção em casos de ausência de trabalho de longa duração. Nestes casos os mais qualificados optam por atividades menos qualificadas para garantir algum rendimento.

O que há em comum a estas experiências, é a forma como o trabalho está colocado enquanto experiência individual, sem referência a um coletivo, levando os jovens a lançarem mão de estratégias pessoais para lidar com problemas sistêmicos. A família e os amigos, neste contexto, constituem a sua rede de sociabilidade e de confiança (Bajoit e Franssen, 1997).

Observamos que os percursos escolares fragmentados e incompletos destes jovens remetiam não só a uma frustração, mas também a certa culpa pessoal por não terem avançado mais anos ou finalizado a qualificação escolar formal básica.

No percurso escolar a amostra inclui jovens que abandonaram os seus estudos no ensino fundamental e no ensino médio. Dos dezoito inquiridos, dois jovens cursavam o ensino superior. Gabriel havia trancado a matrícula no momento da pesquisa pela impossibilidade dos pagamentos das propinas, Sybele ainda estava cursando faculdade privada com recursos de financiamento público (Prouni) e Pedro estava cursando o segundo ano letivo em universidade pública.

Ter que largar a faculdade, dá uma sensação muito ruim, porque a cada dia que passa eu tô ficando para trás sabe, daqui a pouco a turma que eu entrei vai estar se formando e eu nada, é muito ruim. Sabe dá uma revolta as vezes, não quero fazer isto (lavar carros) para o resto da vida.

(Gabriel)

Eu sempre gostei de estudar, não sou inteligente, isso não, sou esforçada mesmo, nunca tive um ano reprovado na escola, quer

*dizer teve um ano que fiquei muito doente, internada por meses,
este ano eu perdi.*

(Sybele)

A importância da escola é reconhecida por estes jovens como via de ascensão social, de obtenção de melhores empregos e de possibilidade de ter uma vida melhor. As narrativas em torno da educação como possibilidade de futuro apresentaram importância equivalente à do trabalho nas narrativas e também foram interiorizadas no âmbito familiar. Predominantemente os jovens entrevistados apresentaram escolaridade superior aos seus pais. Na percepção destes jovens a condição de estudante é muito valorizada por suas famílias.

De acordo com os relatos, os discursos das mães destes jovens reportam a importância do trabalho para a inserção no mercado de trabalho, vislumbrando um futuro melhor, neste caso os pais usavam o seu próprio exemplo de insucesso para motivarem os seus filhos a não desistir da escola. Expressões como *você vai ficar igual a mim, vai viver carregando peso e fazendo força, tomando sol*, eram freqüentes.

Souza (2011) lembra que apesar dos discursos da relevância da educação e da escola reforçados pela família, na dinâmica prática do cotidiano a dimensão do trabalho aparece mais importante do que a educação. Para o autor⁶³, há um abismo entre aquilo que os pais reforçam como discurso e os exemplos concretos que realmente podem dar com relação aos *habitus* escolares.

⁶³ O capítulo “O trabalho que (in)dignifica o homem”, ilustra com clareza estes exemplos. Jessé de Souza (2010).

Observamos também que assim como estes jovens interiorizaram a importância e o valor moral da escola, os jovens pais também têm esta preocupação com os filhos, que equivalentemente aos seus pais sonham que os seus filhos possam ter um percurso escolar melhor e mais ampliado que a sua atual condição.

Para Souza (2009) os pais acabam por naturalizar (sem se dar conta) as dificuldades de aprendizagem e as barreiras da dinâmica escolar que incidem sobre os seus percursos. Alguns jovens reconhecem que o espaço escolar não é para eles:

Bom, eu terminei o primeiro grau, mas tenho muita dificuldade na leitura, eu acho que a escola não é um lugar pra mim sabe prefiro trabalhar.

(Lucas)

Nem eu e nem meus irmãos damos para a escola.

(Felipe)

Simplesmente desanimei, na verdade eu não ia mais (para a escola), comecei a matar aula. A escola não me motivava, então fui procurar emprego.

(Paulo)

Conforme anteriormente mencionado, estes jovens começaram a trabalhar ainda na infância ou na adolescência. Apenas um dos jovens não estava estudando quando

começou a trabalhar, os demais foram estudantes trabalhadores. Essa difícil combinação representa, na percepção destes jovens, várias dificuldades, a começar pela ocupação exercida, na sua maioria braçal e pesada, carga horária excessiva, com repercussões no estado físico e mental de cansaço e desânimo. Neste grupo houve jovens que mudaram para a escola noturna, outros, após tentativa frustrada de conciliação das duas atividades, abandonaram a escola. Outros ainda, abandonaram imediatamente a escola e tiveram várias tentativas de voltar para a mesma.

Eu sempre fui bom aluno, nunca reprovei, nunca fiquei de exame, trabalho desde os treze, mas quando cheguei aos dezassete, passei para estudar a noite, já era, não dava não. Dá até vontade de voltar a estudar de novo, mas não dá coragem, já tentei voltar duas vezes, mas esquece não dá, é muito cansativo.

(Lucas)

Apesar das afirmativas dos jovens em relação à escola, quando estes deixaram de estudar, este facto não representou resistências por parte dos familiares. Há para estes pais uma conformação de que no final das contas o trabalho é mais importante que a escola e que se “não quer estudar, vai trabalhar”.

Edcarlos é um jovem de 26 anos, casado e tem duas filhas pequenas. O seu pai trabalha como serviços gerais, que em outras palavras significa fazer de tudo um pouco, a mãe trabalha em uma empresa terceirizada que presta serviços de limpeza à prefeitura municipal. Quando realizei a entrevista, Edcarlos estava trabalhando como diarista da construção civil, mas aprendeu com o pai a fazer muitas coisas, começou a trabalhar aos

12 anos colhendo café com o pai, trabalhou em fazendas com o manejo de animais e plantio de soja. Veio para a *cidade*, por conta do nascimento da sua filha caçula e acabou ficando almejando melhores condições de vida para a família. Edcarlos conta que o seu percurso escolar foi marcado por repetências e abandono escolar. Conseguiu terminar o ensino fundamental a duras penas e quando terminou o ano não voltou a se matricular. Relata também o quão difícil era conciliar a escola e trabalho, principalmente porque os trabalhos que executava exigiam grandes esforços físicos, acordava muito cedo e a escola noturna tornava-se inviável. Apesar de todos os motivos mencionados, admite que parou de estudar por *sem-vergonhice, por preguiça, mas que* sentia muita dificuldade de prestar a atenção nas aulas, e de fazer as tarefas. Deixou a escola aos 16 anos e a seguir soube da gravidez da namorada que na altura tinha apenas 12 anos de idade. A namorada também deixou a escola assim que a barriga começou a aparecer, apesar de terem ido morar juntos. Passou trabalhando muitos anos numa fazenda e, de volta à cidade, sentiu dificuldade de encontrar trabalho e por isso recorreu a amigos e familiares para conseguir uns biscates na construção civil. Nos dias seguintes à entrevista soube que havia conseguido encontrar uma vaga em uma construtora local, e estava satisfeito porque teria a sua primeira experiência de trabalho com contrato. Na sua percepção a importância da escola é ambivalente, ela é importante como discurso de valor de troca no mercado de trabalho, mas por outro lado relativiza o papel da educação formal nas atuais condições de encontrar o trabalho.

se eu soubesse as coisas que eu sei hoje eu teria ido por outro caminho, teria me esforçado mais na escola, mas a gente tem que viver pra aprender, mas também eu não posso reclamar de ter

começado a trabalhar novo também, hoje mesmo quem tem diploma tá difícil de arrumar serviço também.

(Edcarlos)

Os jovens expressam aqui os limites da convivência com a escola, e as dificuldades em lidar com a intermitência entre trabalho e a escolarização. As necessidades da vida e as relações familiares exigem empenho, em alguns casos a escolaridade prolongada pode não ser desejada, basta saber ler e escrever.

Em resumo, para estes jovens trabalhadores a família e os amigos são os dispositivos acionados quando estão à procura de trabalho. Também recorrem aos locais em que se pretende trabalhar, deixando currículos, conversando com o gerente ou encarregados superiores e procurando demonstrar interesse e disponibilidade.

Observamos também que o desempenho escolar é profundamente marcado pelas dificuldades vivenciadas pelo estudante – trabalhador, que em parte reflete também as estruturas familiares frágeis, cujos discursos familiares acerca da importância de estudar, de se qualificar melhor para o trabalho, sobrepõem-se a as condições da vivência prática. Por isso a condição para que as famílias aceite o abandono escolar do jovem, é estar trabalhando.

O próximo capítulo enuncia as expectativas e suas ausências em relação ao futuro, às realizações pessoais e profissionais e às possibilidades de concretização.

Quadro 6.1 – Perfil dos jovens apresentado no capítulo 6

Nome	Idade	Escolaridade	Atividade atual de trabalho	Posição familiar
Paulo	24	E. M. Incompl.	Reciclagem	Solteiro e sem filhos
Gabriel	25	Sup. Incompl.	Lavador de carros	Solteiro e sem filhos
Lucas	25	E. M. Incompl.	Lavador de carros	Separado com filho
Edcarlos	26	E. F. Incompl.	Construção civil	Casado com dois filhos

Elaboração própria 2015

7. SOMOS QUEM PODEMOS SER, SONHOS QUE PODEMOS TER - expectativas futuras em relação à escola, trabalho e a vida

Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão
Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção
E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração (...)

(...)Quem ocupa o trono tem culpa
Quem oculta o crime também
Quem duvida da vida tem culpa
Quem evita a dúvida também tem

(Composição de Humberto Gessinger, Engenheiros do Hawai)

O termo *projeto*, como é hoje reconhecido, surgiu em meados do século XX e, embora tenha sofrido atualizações ao longo de sua história, consolidou-se *modernamente*, como significante para *intenção, objetivo, planejamento, programa*, buscando corresponder às preocupações e expectativas do tempo técnico, o tempo do trabalho. O projeto, seja ele individual ou coletivo, vai encontrar seu fundamento na forma como os indivíduos e a sociedade se relacionam com o tempo e o devir (...) Em seu sentido *moderno*, o projeto se apresenta como instrumento para reorganizar o passado e antecipar, racionalmente, o futuro. A idéia de se ter um projeto para a vida (pessoal, profissional) se confunde com a própria formação da identidade moderna, como um princípio organizador ou edificador das biografias (Castro, 2010, p.12)

Ao serem questionados sobre as perspectivas de futuro e as expectativas em relação à escolaridade, ao trabalho, à vida e à realização de desejos pessoais, encontramos nas respostas a regularidade da palavra *sonho* em relação à palavra *expectativa*. A este facto atribuímos as reflexões do *passado incorporado* face à consistência das suas trajetórias “a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objectivos específicos. A viabilidade das suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades” (Velho, 1994, p.47).

Como o recorte etário da investigação refere-se a jovens-adultos entre 25 e 30 anos, estes já percorreram os percursos parcial ou totalmente às experiências tradicionais que levam à vida adulta e, provavelmente pelas expectativas não concretizadas e pelo traquejo da experiência vivida, os levam a pensar em projeções e expectativas como sonhos lúdicos.

Nas narrativas, duas perspectivas aparecem: por um lado, os jovens com sonhos, por outro, os jovens sem sonhos. Na percepção das expectativas dos jovens com sonhos há variação nos *campos de possibilidades*: jovens como Sybele, que espera terminar curso superior e obter um emprego na sua área de design; Gabriel que sonha em destrancar a matrícula da faculdade e voltar a estudar; Joyce que quer pagar a sua moto e juntar dinheiro para ter capital para revender roupas femininas.

Neste mesmo grupo encontramos expectativas também em relação a desejos mais distantes da sua realidade, *sonhos de vôos altos*, segundo Wellisom, que deseja ser aprovado em um concurso público na área do judiciário, embora tenha consciência das qualificações necessárias e das qualificações detidas, ele mesmo se refere a um sonho muito distante.

Gilberto me explica que não se deixa abater pela *cegueira do lixo*, e nas suas palavras *se Deus quiser* irá fazer uma faculdade de teologia e trabalhar numa igreja grande. Na sua percepção, apesar do *sonho impossível*, *um milagre pode acontecer*. Perguntei o que pretendia dizer com a expressão *cegueira do lixo*, então ele me levou para um dos locais de separação de lixo e me mostrou vários ângulos de montanhas de lixo, onde não há zona aberta de horizonte é só lixo: “*olhando pra isso aqui todo dia, você não pode achar que é um lixo também*”.



Fotografias 6.1 e 6.2 – Cooperativa de lixo reciclado, a partir da visão do Gilberto sobre os ângulos que refletem a cegueira do lixo mencionada.



Fotografia 6.3 – Cooperativa de lixo reciclado, a partir da visão do Gilberto sobre os ângulos que refletem a cegueira do lixo mencionada.

Para Gilberto não ficar cego pelo lixo, é uma estratégia pessoal para não se abater face ao cenário da pobreza, e manter dentro si os sonhos que apesar de irrealizáveis lhe trazem esperanças de dias melhores.

No grupo dos que sonham, encontramos ainda pais e mães que sonham pelos filhos, por melhores condições de estudo e trabalho para eles. Outros pais, como Edcarlos, espera que as suas filhas possam cursar a universidade. Pais como Ângela sonham com a carreira do filho que por sua vez sonha em jogar futebol, desejo que é tão acalentado por muitas crianças e jovens brasileiros, como ascensão social meteórica. Alguns pais sonham também que os seus filhos não precisem inserir-se precocemente no trabalho, principalmente em atividades de trabalho semelhantes às que executam atualmente.

Mediante os sonhos dos filhos, relancei a pergunta para estes jovens pais sobre os sonhos pessoais e compreendi que estes sonhos representavam em parte as suas próprias projeções e que para eles, tão distantes de serem concretizados, esperam que os filhos os

realizem. Eliane sonha em ser professora, mas na sua percepção a sua família e os seus filhos pequenos precisam muito dela agora e, portanto, os seus desejos não importam mais.

Para estes jovens os sonhos e as expectativas de futuro têm a ver com os desejos de maior escolaridade e melhores postos de trabalho, como via de ascensão a melhores condições de vida, mas também de realização daquela dimensão expressiva de trabalho mencionada por Bajoit e Franssen (1997) que comporta a intenção do sujeito de realizar-se socialmente e pessoalmente a partir da construção de uma identidade valorizada pelo tipo de responsabilidade exercida, à importância do seu papel para si e para os outros, ligada aos conteúdos e competências mobilizadas. Neste caso, sonhar em ser professora, sonhar em ser um grande pastor, tem a ver com esta auto-identificação identitária.

Estes sonhos na percepção destes jovens também poderiam concretizar outros, na dimensão dos consumos proporcionados pela elevação do poder aquisitivo, numa qualificação escolar adequada e num trabalho condizente com a sua qualificação, oferecendo, em tese, uma vida melhor, moradia, alimentação e lazeres, muito distantes da sua atual condição.

Ainda sobre o consumo também apareceram sonhos distantes e próximos: carros, motos, casa, smartphones, computadores, alguns deles foram referenciados como *sonhos de juventude*.

*Ahhhh, meu sonho é comprar a minha moto e sair com os cabelos ao vento (faz o gesto como se tivesse soltando os cabelos) sem lenço e sem documentos*⁶⁴ *(risos), mas nem carteira (habilitação de*

⁶⁴ Trecho de letra de Caetano Veloso.

condutor) eu tenho ainda, então imagina essa... eu sonhando com uma moto e não posso andar.

(Eliane)

Com exceção da Sybele e Joyce, não havia para estes jovens nenhum plano em curso para obtenção dos sonhos, nem dos vinculados à escola e trabalho e nem dos vinculados ao consumo.

Para o grupo em que não havia sonhos e projeções de futuro, a pergunta foi recebida com surpresa, seguida de silêncio, olhos abaixados ao chão, seguido de *“nunca pensei nisso, não penso nisso, não sei, não faço planos, eu só penso no hoje, agora você me pegou”*. As justificativas apresentadas por estes jovens para não pensar ou projetar o seu futuro têm estreita relação às provações quotidianas, respondendo com diversos trechos bíblicos: *cada dia basta o seu mal, não andeis ansiosos por coisa alguma, e as suas reinterpretações o futuro a Deus pertence, confiar em Deus e seus planos*. “Na falta de um projeto específico no início, as ferramentas são criadas ao sabor do momento. Nenhum elemento do conjunto sobre o qual o *bricoleur* atua está vinculado a um emprego predeterminado; o resultado do trabalho liga-se às condições e aos meios com os quais o sujeito se confronta a cada instante” (Castro, 2010 p.47).

Embora pese as urgências relativas às demandas de sobrevivência, a necessidade do presente, que requer solução imediata, se sobressai a qualquer expectativa de futuro destes jovens, ainda que sejam apenas sonhos.

Como se viu neste ponto, os jovens que possuem expectativas em projeções futuras. Observa-se o desejo por alguma ascensão social, *uma vida melhor, poder se dar ao luxo* a determinados bens materiais, contudo, sem estratégias em curso para a

concretização, configurando apenas sonhos num futuro fantasiado e distante. São sonhos que amenizam os desânimos, as dificuldades, nesta lógica *não custa nada sonhar*.

Aos jovens que não sonham nega-se a antecipação de um futuro ameaçador, assim não sonhar pode ser também uma *estratégia defensiva*, diante das incertezas e das condições pouco favoráveis. “A recusa em projetar e planejar o futuro também pode ser uma atitude deliberada e consciente, que tem a razão de ser a inutilidade de se pensar num amanhã sobre o qual não é possível saber” (Pimenta, 2007 p.161).

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar os modos de vida dos jovens a partir das suas experiências em relação ao mundo do trabalho. A amostra intencional foi selecionada a partir de jovens que vivenciam condições de precariedade laboral nos quesitos de ausência de contrato de trabalho, de baixa remuneração, e de inserção em atividades manuais e desqualificadas socialmente.

A opção metodológica pela abordagem qualitativa levou em consideração a finalidade de tornar compreensíveis os fenômenos relativos ao contexto da vida concreta em que se pesa aos sujeitos desta investigação os constrangimentos sociais que decorrem das desigualdades múltiplas. Os questionamentos da investigação orbitaram em torno de como ocorreriam para os jovens em questão a construção das experiências no trabalho, a partir das suas vivências, dos sentidos atribuídos, das práticas e estratégias quotidianas para desenrascar-se, tendo em vista o difícil contexto.

Na estrutura textual da tese, nos capítulos iniciais abordamos brevemente o reconhecimento da juventude enquanto categoria social, resultante da sua construção arbitrária, dada a variação subjetiva deste processo que inclui o tempo histórico, as organizações do espaço que se transpõe (urbano ou rural), as expectativas e as condições que as sociedades constroem em torno dos seus jovens. Referimo-nos também aos aspectos da tematização da juventude no Brasil, e de como a juventude esteve inicialmente atrelada às discussões dos processos de desenvolvimento social no país, bem como a emergência da problematização dos jovens na década de 1990 pelas pesquisas sociológicas e pelas políticas governamentais a partir do viés dos problemas sociais decorrentes dos planos sócio-econômicos, dos riscos das situações de vulnerabilidade social e da condição de *subcidadanização*, nos termos de Souza (2003).

Em seguida apresentamos recortes das dimensões do contexto sócio-econômico brasileiro a partir de alguns eixos temáticos provenientes dos indicadores sociais oficiais. Como mencionado anteriormente, as taxas de participação da população economicamente ativa (PEA) são elevadas para os jovens e, significativa também é a proporção de jovens que conciliam estudos e trabalho, cuja universalização do ensino fundamental não eliminou a experiência de trabalho para faixas de idade dos sete aos quatorze anos. E que a desigualdade social é um importante diferenciador da idade e do tipo de inserção no mercado de trabalho e por isso a experiência do primeiro emprego tende a ser realizada de forma precoce, precária e sem proteção legal (OIT, 2010).

Os desafios que os jovens brasileiros enfrentam no cotidiano são complexos e distintos em função das desigualdades sociais enredadas aos estigmas da pobreza, do preconceito, da discriminação, da dinâmica da violência no círculo juvenil, entre outros. A precariedade do trabalho para estes jovens revela antes precariedade em outras dimensões da vida pessoal, dada a fragilidade sócio-econômica das famílias de origem e as condições de escolarização, inserção e manutenção no mercado de trabalho (Alves *et al.*, 2011).

Em contexto adverso, a singularidade dos relatos destes jovens revela que as identidades foram moldadas tendo o trabalho como principal norteador, como referência interiorizada a *ideologia de que todo trabalho é digno* (Souza, 2011). Portanto, as condições sofridas de trabalho e as dificuldades que vivenciam no seu exercício, não são mais penosas do que as condições a que habitualmente estão submetidos em outras esferas da vida pessoal.

A ética tradicional do trabalho como dever moral assume para estes jovens contornos de auto-proteção, dado os limiares da legalidade e ilegalidade dos pobres desocupados, dos que vivem no fio da navalha. Porém, as condições do trabalho

constituem-se como *fonte de vulnerabilidades* dado o aspecto de ausência contratual, e a tipologia precarizada destes trabalhos que, diante a dinâmica da hierarquia social, não só desqualifica determinadas atividades de trabalho, como paradoxalmente os torna invisíveis pelo não reconhecimento da sua função social, mas visíveis pelos aspectos negativos, pela associação estigmatizada da pobreza.

Ocorreu para todos estes jovens uma inserção precoce e desqualificada. Na ordem ocupacional a precariedade se deu em diferentes planos da informalidade: o autônomo que recolhe individualmente lixo das ruas, os recicladores que fazem a separação do lixo na cooperativa e sem contrato de trabalho, os trabalhadores a dias da construção civil, e os lavadores de carro que encontram-se ora empregados de maneira clandestina, ora trabalhando como autônomos. Nenhum destes trabalhadores encontrava-se, no momento da pesquisa, protegido pela legalização da seguridade social dos contratos de trabalho ou pagando impostos para o fundo de previdência privada ou pública.

Observamos ainda que, as atividades de trabalho desempenhadas não se configuram apenas como ocupações periféricas e intermitentes da juventude, a tipologia do trabalho precário tornou-se permanente nos percursos laborais destes jovens-adultos (ou seriam adultos jovens), com regularidade implantada e com baixa probabilidade de desvencilhar-se destes circuitos de precariedade, tendo em vista a baixa escolaridade face as exigências mercado de trabalho e os altos índices de desemprego. Apesar da informalidade não significar necessariamente precariedade, a experiência da pesquisa relaciona os casos apresentados a informalidade precarizada, tendo em vista as suas características, que por sua vez desencadeiam “efeitos de ruptura, de fragmentação ou de desarticulação que impedem a formação de uma relação estável com o trabalho” (Telles, 2006, p. 174).

A experiência do trabalho e a composição dos seus trajetos são marcadas por muitas ocupações, poucos vínculos, pouco dinheiro, quase ou nenhuma proteção legal. A conjuntura problemática do mercado de trabalho nomeadamente marcado pelo trabalho precário e o desemprego já “compõem um estado de coisas com o qual os jovens têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior” (Telles, 2006, p.176).

Verificamos na pesquisa que estratégias de busca de trabalho ocorrem a partir da sua rede de sociabilidades pessoal, freqüentemente relacionada à família e aos amigos. Também recorrem aos locais de trabalho, em que buscam colocação em setores que não se exige experiência e qualificação escolar elevada, como padarias, supermercados, postos de combustíveis, lava-rápido, cooperativas de reciclagem. Pessoal também é a relação que desenvolvem com as suas atividades de trabalho, personalizando formas de lidar com as suas ocupações e modos de otimização do trabalho, de auto-proteção. Vale lembrar o exemplo dos ambulantes, que no tempo de um minuto do semáforo desenvolvem estratégias de interação com a finalidade de alcançar mais pessoas em curto espaço de tempo.

Para os jovens inquiridos o sentido do trabalho significa inicialmente sobrevivência, dadas as fragilidades sócio-econômica familiares, porém, o trabalho também é uma forma de incluir-se socialmente, seja através do consumo, seja através das sociabilidades decorrentes dos contatos interpessoais.

Verificamos também que as trajetórias escolares foram interrompidas precocemente, em decorrência aos eventos da inserção destes jovens no trabalho (que acontece muito cedo já na infância) e, em decorrência da maternidade para algumas jovens mães por volta dos 18 anos de idade. Inicialmente estes jovens conciliaram por um tempo as atividades laborais e a escola, em contextos familiares e não familiares, e à

medida que ficavam mais velhos, por volta dos 13 anos de idade, a escola noturna foi a alternativa mais buscada para dar conta das demandas de trabalho e, em seguida a realidade sobrecarregada e a rotina de trabalhar o dia todo, em trabalhos manuais, pesados e freqüentar a escola noturna, foram as justificativas encontradas com regularidade sobre os motivos que os levaram a abandonar a escola.

A escola não deixa de ter valor referencial para estes jovens, como algo importante para obter-se melhores postos de trabalho e reconhecimento familiar. Durante a realização das entrevistas, nota-se que as perguntas acerca da qualificação escolar, causaram certo desconforto, captado pelos gestos e lapsos da fala, revelado pela culpa que sentem pelo *corpo não ter aguentado, por não conseguirem resistir ao sono nas aulas, não terem se esforçado mais, por não seguirem os conselhos familiares*. As dificuldades em permanecer na escola para estes casos tem forte relação a condição destes jovens como estudantes trabalhadores, porém, as barreiras da qualificação escolar são complexas e encontram-se correlacionadas ao modelo da escola noturna, às componentes restritivas da própria estrutura escolar.

Sentem-se culpados também por não terem retornado à escola para terminar o ensino médio, houve predominância dos jovens inquiridos o abandono escolar no primeiro dos três anos que compõe a totalidade do nível de ensino secundário. Retornar a escola já não é mais possível, apesar dos sonhos que acalentam, porque além de conciliar trabalho muitos precisam conciliar a vida familiar, nestes casos os jovens com filhos, especialmente as mulheres, explicam os inúmeros fatores da rotina doméstica que interpõem as reais possibilidades de voltar a estudar. Para os jovens mães e pais, apesar da escolaridade incompleta cobram dos filhos para que se vá mais adiante na qualificação escolar, almejando sempre um futuro melhor para as suas crianças.

As redes familiares de origem constituem-se para estes jovens como importante apoio em tempos de dificuldades, de ausência de trabalho, de doenças e de ajudas com as crianças. Apesar das lembranças amargas do trabalho infantil e dos episódios de violência doméstica vivenciados, não há diminuição da importância e da valorização da família, tanto para os jovens solteiros quanto para os jovens casados/separados.

Obtivemos vários relatos neste sentido, desde os jovens que separam-se e retornam a casa dos pais, avós, aos jovens que em período de desemprego contam com a ajuda dos familiares para comprar comida. Além do apoio, a família é vista como fonte de realização, o lugar onde todos os esforços empenhados no trabalho valem a pena.

Portanto, a família seja de origem, seja constituída também faz parte das projeções e expectativas futuras de vida, sobretudo, nos desejos das conquistas pessoais e de investimentos futuros. Esta é uma dimensão que poderia ser aprofundada numa futura investigação, as relações familiares e a sua influência nos processos de emancipação do jovem em relação à família de origem.

A qualificação escolar e o trabalho aparecem nos relatos como duas dimensões relevantes para melhorar as condições de vida. O trabalho ideal neste aspecto seria o que detém boa remuneração, algo em torno de dois salários mínimos. Quanto a tipologia do trabalho, não é dada muita importância na atividade de trabalho em si, desde que fossem compensados financeiramente e houvesse ambiente respeitoso. Porém, a concretização dos anseios em relação à escolarização e ao trabalho e das possibilidades de alcançar sonhos almejados encontra-se obscura. Daí as justificativas de que não se deve *sonhar com vôos altos, pensar muito no futuro*, porque as experiências de vida ensinam que viver na precariedade significa conviver com a incerteza latente que não é possível saber que irá se concretizar, *a cada dia basta o seu mal (verso bíblico citado pelos jovens evangélicos), não sei se estarei vivo, o futuro a Deus pertence*, foram as expressões mais citadas, e também

compreendidas pelas demandas quotidianas fortemente vinculados as necessidades básicas de sobrevivência.

Em resumo, estes jovens fazem parte do significativo contingente de trabalhadores brasileiros que encontra-se na informalidade precarizada, mais instável onde depende-se de trabalho a dias, manual e penoso, cuja opção (quando não se há opção) encontrada por eles consiste em desenrascar-se nos diversos trânsitos desqualificados sem esperanças realistas de encontrar uma saída, nessa zona brumosa que separa as exigências e qualificações entre demandantes e ofertantes.

Os medos, a ausência de sonhos e as alternativas que encontram para lidar com as suas dificuldades apresentam a *face subjetiva e silenciosa da precariedade*, que interfere nos estados físicos, mentais e emocionais e na medida em que os condicionantes e os problemas sistêmicos são vividos e resolvidos a partir das disposições individuais e familiares (Alves, 2011).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nuno de Almeida, Frederico Cantante, Inês Baptista e Renato Miguel do Carmo (2011), *Jovens em Transições Precárias. Trabalho, Quotidiano e Futuro, Lisboa, Mundos Sociais*.

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

ABOIM, Sofia. Cronologia da Vida privada in: PAIS, José Machado e FERREIRA, Vítor Sérgio (org.). *Tempos e Transições de Vida. Portugal ao Espelho da Europa*. Lisboa: ICS: 2010

ABRAMO, Helena Wendel (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In:_____; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania. p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p.25-36, maio-dez. 1997. Edição Especial. Juventude e contemporaneidade.

ABRAMO, Helena; VENTURINI, Gustavo. Juventude, política e cultura. *TD Teoria e Debate*, São Paulo, n. 45, jul./ago./set. 2000. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/td/td45/td45_sociedade.htm>. Acesso em: jul. 2011.

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

AGIER, Michel; Castro, Nádia Araújo. (1995) Projeto operário, projetos de operário. IN: Agier, Michel, Castro, Nádia Araújo e Antônio Sérgio Guimarães. *Imagens e Identidades do Trabalho*. São Paulo, Hucitc pp. 113-148.

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. La construccion social de las juventudes. *Ultima Década, Vina del Mar*, n. 19, p. 1-20, nov. 2003.

ANDRADE, Carla Coelho. JUVENTUDE E TRABALHO: ALGUNS ASPECTOS DO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. IPEA. Nota técnica 2008.

AIRÈS, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

ANTUNES, Ricardo (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e anegação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2010) Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? Revista Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set.

BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abrahan. O trabalho, busca de sentido: juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPED nº5/6, p. 76-95, maio/dez. 1997. Edição especial

BANGO, Julio. Políticas de Juventude na América Latina identificação de desafios. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org). Política Publica: juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003.

BAUMAN, Zygmunt, Vida para consumo (2008). Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas (1995). *A construção social da realidade:*

tratado de sociologia do conhecimento. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

BERTAUX, Daniel (1997). Los Relatos de Vida. Perspectiva Etnosociológica. Edicions Bellaterra

_____. (1999) El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades.

Traduzido pela Universidade de Costa Rica, de "L'approche biographique: Sa validité

méthodologique, ses potentialités”, publicado em *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXIX, París, 1980, pp. 197 – 225. *Proposiciones* 29, marzo 1999

BOURDIEU, Pierre (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

_____ (Coord.) (1998). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni (2005). Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; _____ (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania. p.129-148.

BRASIL. Constituição, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Juarez de Oliveira. São Paulo: Saraiva, 1995.

BRASIL. Lei n. 8069/90, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1991.

BRASIL. Lei n. 6.679 de 10 de outubro de 1979. Organização de Juarez de Oliveira. Código de menores. São Paulo: Saraiva, 1988.

BRASIL. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011. Brasília: IBGE, 2012.

BRASIL. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira, n. 29, 2013.

BRASIL. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010, n. 27, 2010.

BRASIL. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2008, n. 23, 2008.

BRASIL. IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2011.

BRITTO, Sulamita de. (Org.). Sociologia da Juventude, da Europa de Marx à América Latina de Hoje. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. v.1.

CACCIAMALI, M. C.; BRAGA, T. A armadilha social destinada aos jovens. In: CHAHAD, J. R. Z.; CACCIAMALI, M. C. Mercado de trabalho no Brasil. São Paulo, 2003. p. 469-499.

CAMARANO. A. A. (org). Transição para vida adulta ou vida adulta em transição. Rio de Janeiro IPEA, 2004.

_____ e Kanso, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?. In: Mercado de Trabalho, conjuntura e análise. IPEA Nota técnica 53, Nov.2012.

CARDOSO, Adalberto M. Juventude, Desigualdades e o Futuro. Seminário Internacional IESP. UERJ 2012.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. Movimento. Revista da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n.1 p. 9-27, maio 2000.

CASAL, Joaquim. Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta. Política e Sociedad, n.1, 1988.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Crianças, jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania. In: CASTRO, Lúcia Rabello de (Org.). Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens de três cidades brasileiras. Rio de Janeiro: Letras, 2001.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Por um novo paradigma de fazer políticas de/para/com juventudes. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, v. 19 n. 2, p.19-46, jul./dez. 2002.

CASTRO, Lucia Rabelo de; KORMAN, Sandra Dib. O Trabalho é projeto de vida para os jovens? Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 13, n.1, PP 1-15.

CENSO Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2013.

CORROCHANO, Maria Carla (2008). O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho do município de São Paulo. Tese de Doutorado USP.

COULON, Alain. A escola de Chicago. Campinas: Papirus, 1995.

COHEN, A. K. A delinqüência como subcultura. In: BRITTO, S. (Org). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v.3.

CRIADO, Henrique Martin (1998). Producir la juventud: Crítica de la sociologia de la juventud. Ediciones ISMO.

DAYRELL, Juarez (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____ (2006). A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 2. reimpres. Belo Horizonte: UFMG, p. 136-161.

_____ (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out.

DIEESE. A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000./ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. -- São Paulo: DIEESE, 2012.

DIOGO, F. (2008). *Pobreza, Trabalho, Identidade*, Oeiras, Celta.

_____ Diogo, F. Algumas reflexões sobre o papel da precariedade no emprego na produção e reprodução da pobreza. Comunicação ao V Encontro de Sociologia dos Açores, Cidadania e Modos de Vida, 19 e 20 de Novembro de 2001

DUBET, François. (1994). Sociologia da Experiência. Instituto Piaget.

_____ (2006) Integração: Quando a “Sociedade” nos abandona. In: Org. Casemiro Marques Balsa et al. Conceitos e Dimensões da Pobreza e da Desigualdade Social: uma abordagem transnacional. Ed. Unijuí.

_____ (2001). As desigualdades multiplicadas. Revista Brasileira de Educação Maio/Jun/Jul/Ago 2001 Nº 17.

EISENSTADT, S. N. De geração a geração. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. (2004) A Sociedade dos Indivíduos. Editora Dom Quixote

FLITNER, Andreas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre juventude. In: BRITTO, S. (Org). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. v.1.

FEIXA, C. (1998). De jóvenes, bandas y tribus. Barcelona.

FORACCHI, Marialice M. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FORACCHI, Marialice M. A juventude na sociedade moderna. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1972.

FREITAS, Maria Virginia de; Papa, Fernanda de Carvalho org. (2003). Políticas Públicas: juventude em pauta, São Paulo, Cortez, Ação Educativa Assessoria-Pesquisa e Informação, Fundação Friedrich Ebert,

FRIGOTTO, Gaudêncio (2004). Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo

(Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania. p. 180-216.

GERRA, Isabel Carvalho (2006) Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de Uso. Princípia Editora.

GIL CALVO. Enrique. A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil. In: PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (Orgs). Jovens e rumos. Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa, 2011.

GUIMARÃES, Nadya (2005). Trabalho: uma categoria no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005b. p.149-174.

_____.(2006) Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sobre intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, Ana A. Transições para a vida adulta ou vida adulta em transição? Brasília: IPEA, p.171-197.

GIDDENS, Anthony (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.

_____. (2010). Sociologia. Editora Artmed. Porto Alegre.

_____. (2006). Modernidade e Identidade. Editora Zahar. Rio de Janeiro.

GOMES, Jerusa Vieira (1997). Jovens urbanos pobres. Anotações sobre escolaridade e emprego. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e contemporaneidade, São Paulo, ANPED, n. 5/6.

GUERREIRO, M. D. e Abrantes, P. (2004). Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família. Lisboa: CITE.

HALL, Stuart. (2006) *I A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11ª edição tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro)

HOLSTON, James. Cidadania insurgente : disjunções da democracia e da modernidade no Brasil; tradução Claudio Carina — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

HOPENHAYN, Martin. A cidadania vulnerabilizada na América Latina. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, v.19, n.2, p.5-18, jul./dez. 2002.

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: BRITTO, S. (Org). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v.1.

IPEA (2012). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Estudo Comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa Dados preliminares do Brasil Relatório de Pesquisa.

IPEA et al. (Org.) Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: IPEA, 2009. 303p.

JELIN, E. Construir a cidadania: uma visão desde baixo. Lua Nova, São Paulo, v. 33, p. 39-58, 1994.

JEOLÁS, Leila Sollberger; LIMA, Maria Helena M. S. S. Juventude e trabalho: entre “fazer o que gosta” e “gostar do que faz”. Revista Mediações, Londrina, v.7, n.2, p. 35-62, jul./dez. 2002.

KALLEBERG. Arne L.(2009) O crescimento do trabalho precário. Um desafio global. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.24 n.69

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KEHL, Maria Rita (2004). A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania.p. 89-114.

KOVÁCS, I. e Cerdeira, M. C. (2009). Calidad de empleo: ¿quiebra generacional versus quiebra societal?”, Sociología del Trabajo, 66, pp. 73-106.

LAHIRE. Bernard. (2006) A cultura dos indivíduos. Porto Alegre: Artmed.

_____ (2004). Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed.

LALANDA, Piedade (1998) Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, vol. XXXIII (148), 1998 (4.º), 871-883

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In: BRITTO, S. (Org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. v.3

LEÃO, Geraldo Magela P. Pedagogia da Cidadania Tutelada: lapidar corpos e mentes. uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (mimeo)

_____. Entre Sonhos e projetos de jovens, a escola. IN: Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades / Organizadores: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

_____. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan.-abr. 2006.

_____. A gestão da pobreza juvenil: uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres. Caxambu. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., Caxambu, 2009. (mimeo).

LEITE, Elenice M. Políticas e Estratégias de Formação e Inserção Laboral de Jovens. In: ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE, 1., São Paulo, 2003. São Paulo, 2003. p.133-154.

MACÊDO., Lília M. S. Resenha do livro Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Revista Habitus | IFCS - UFRJ Vol. 11 - N.1 - Ano 2013.

MADEIRA, Felícia Reicher. A improvisação na concepção de programas sociais: muitas convicções, poucas constatações o caso do primeiro emprego. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.18, n.2, p. 78-94, 2004.

_____. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 58, p. 15-48, ago. 1986.

_____. A Mulher no mercado de trabalho em 2011, Região Metropolitana de São Paulo. DIEESE 2011.

MARCUS, George E. O que vem (logo) depois do “PÓS”: o caso da etnografia. Revista de antropologia, São Paulo, USP, v. 37, pp. 7-34, 1994.

MARGULIS, Mario (2004). Juventud o juventudes? Entrevista concedida por Mario

_____; URRESTI, M. (1998). La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura e juventud*. Buenos Aires: Biblos.

MARTINS, Heloisa Helena T. De S. O jovem no mercado de trabalho. Revista Brasileira de Educação. Campinas, ANPED Nº 5, mai-ago/set-dez, 1997. p. 96-109.

MARTINS, José de Souza (2003). *Exclusão social e a nova desigualdade*. 2. ed. São Paulo: Paulus.

MARTUCCELLI, Danilo, (2002). Gramáticas del individuo. Madrid: Losada.

_____. (2006) *Leciones de sociologia del individuo*. Transcrição do curso realizado na Pontificia Universidad Católica del Peru em setembro de 2006.

IPEA (2008). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos e sociais. In: Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5/6, p. 5-14, maio/dez. 1997. Edição Especial.

MERTON, Robert K. Estrutura social e socialização. In: FORACCHI, Marialice M.; PEREIRA, Luís (Org.). Educação e Sociedade. São Paulo: Nacional, 1985.

NETO, Joaquim et al. UMA ESCALA PARA MEDIR A INFRAESTRUTURA ESCOLAR. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 24, n. 54, p. 78-99, jan./abr. 2011

NEVES, Fernando Lima das O indivíduo restrito: reflexos biográficos da estrutura social brasileira / Fernando Lima das Neves. – tese de doutorado São Paulo: USP / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

NOVAES, Regina (2005). Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo; Instituto Cidadania. p. 263-290.

_____. (2007). Juventude e sociedade: jogos de espelhos. *Sociologia especial*, São Paulo, ano I, n. 2, p. 6-15.

OIT. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Org.) Trabalho decente e juventude na América Latina, 2007.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Org.). Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. Brasília: OIT, 1999.

_____. Trabalho decente e juventude – América Latina. Lima, set. 2007. Disponível em: . Acesso em: 04 set. 2007.

_____. Trabalho doméstico e igualdade de gênero e raça no Brasil. Brasília: OIT, [ca. 2005].

_____. Juventude Trabalhadora. Emprego de Jovens na América Latina. OIT 2010.

_____. Trabalho Infantil e Trabalho de Adolescentes. In: Trabalho decente para uma vida digna. 2012.

_____. Notas. Erradicar o Trabalho Infantil Doméstico. In: Trabalho doméstico remunerado na América Latina e Caribe. 2015

PAIS, J. M. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

_____. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993 1ªed, (2003) 5ª ed.

_____. et al. Traços e riscos de vida. Porto: Âmbar, 2000.

_____. et al. Jovens europeus: retrato da diversidade. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109- 140, 2005.

_____. Buscas de de si: expressividades e identidades juvenis. In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Almeida, Maria Isabel e Fernanda Eugênio (orgs). Editora Zahar, 2011.

_____. e FERREIRA, Vítor Sérgio (org.). Tempos e Transições de Vida. Portugal ao Espelho da Europa. Lisboa: ICS: 2010

PAMPOLS, Charles Feixa. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; PAMPOLS, Carles; CANGAS, Yanko (Org). Jovens na América Latina. São Paulo: Escritura Editora, 2004.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: BRITTO, S. (Org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v.3.

PERALVA, Anjelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. In: Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5/6, p. 15-24, maio/dez. 1997. Edição Especial.

PERROT, Michelle. A juventude operária: da oficina à fábrica. In: LEVY, Giovanni; SCMITT, J. C. (Org.). História dos Jovens. São Paulo, Cia das Letras, 1996. v.2.

PIMENTA, M. M. (2007) “Ser jovem” e “ser adulto”: identidades, representações e trajetórias. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREGRINO, Mônica Dias. Juventude e Escola – elementos para a construção de duas abordagens. In: Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades/ Organizadores: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

POCHMANN, Marcio (2001). *A década dos mitos*. São Paulo: Contexto.

_____ (2002). *e-trabalho*. São Paulo: Publisher Brasil.

_____ (2007a). *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. 2. ed. atualizada e ampliada. São Paulo: Publisher Brasil.

_____ (2009). O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. Revista Estudos Avançados n.23(66).

REBELO, G. (2002), “Para uma tipologia da precariedade da actividade laboral”, *Organizações e Trabalho*, 28, pp. 69-85.

_____ (2010), *Flexibilidade e Precariedade no Trabalho*, Lisboa, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

REGUILLO, Rossana. Ciudadanias juveniles en América Latina. Última Década, Viña del Mar, n.19, p.1-20, nov. 2003.

RESTREPO, Juan José Cañas. Ciudadania juvenil: exclusion-inserción. Última Década, Viña del Mar, n.19, p.1-11, nov. 2003.

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: COMISSAO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília, 1998. v. 2, p.731-749.

SILVA, N. V. Expansão escolar e estratificação educacional no Brasil. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p.105-146

SIMÕES, José Alberto (2002), “Globalização e diferenciação cultural: hegemonia e hibridismo na construção das (sub)culturas juvenis”, Fórum Sociológico, “Globalização e diferenciação cultural”, n.ºs 7/8 (2ª série), pp.13-47.

_____ (2005), “Entre subculturas e neotribos: propostas de análise dos circuitos culturais juvenis. O caso da música rap e do hip-hop em Portugal”, Fórum Sociológico, n.ºs 13/14 (2ª série), pp. 171-189. (co-autoria: Pedro Nunes e Ricardo Campos)

_____ (2010), Entre a rua e a internet. Um estudo sobre o hip-hop português, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

_____ (2006), Entre o “real” e o “virtual”: representações e práticas culturais juvenis fora e dentro da Internet. O caso do hip-hop português, dissertação de doutoramento em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL.

SOUZA, Jessé. Ralé brasileira: quem é e como vive; colaboradores André Grillo [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____ (Org). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo horizonte: UFMG, 2003.

_____ (2011). A parte de baixo da sociedade brasileira. *Revista Interesse Nacional*, v.14, p. 33-41.

SPOSITO, Marília Pontes (2000). Algumas hipóteses sobre as relações entremovimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, jan.-abr., p. 73-94.

SPOSITO, Marília Pontes (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel;

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude e educação. In: Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5/6, p. 37-52, maio/dez. 1997. Edição Especial.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes et al. Juventude e escolarização: estado do conhecimento. São Paulo: Ação Educativa-Assessoria, 2000. Relatório. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org>>. Acesso em: ago. 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). Políticas Públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-75.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo. Juventud y políticas públicas en Brasil. In: LEON, Oscar Dávila (Ed.). Políticas públicas de juventud en América Latina. Políticas nacionales. Viña del Mar: Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas, 2003. p. 265-303.

TARTUCE, Gisela (2007) TENSÕES E INTENÇÕES NA TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação

profissional e (re) inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo. Tese de doutorado USP.

TELLES, Vera da Silva A nova questão social brasileira: ou como as figuras do nosso atraso viraram símbolo da nossa modernidade. Cadernos CRH, Salvador, n.30/31, p. 87-88, jan./dez. 1999.

TELLES, Vera. (2001) "Cidadania e pobreza". São Paulo: Editora 34.

TELLES, V.S.; HIRATA, D. (2007) Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. Revista Estudos Avançados, USP, vol. 61, no. 21.

_____. (2006). Mutações do trabalho e experiência urbana. Revista de Sociologia da USP. Tempo social, v.18 n.01.

THERBORN, Göran (2011). "Inequalities and Latin America. From the Enlightenment to the 21st Century", desiguALdades.net Working Paper Series, Nr. 1, Berlin: desigualdades.net Research Network on Interdependent Inequalities in Latin America.

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (2009). Trabalho Decente e Juventude. Relatório 2008.

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (2008). Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial.

VELHO, Gilberto (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. Unidade e fragmentação em sociedades complexas; trajetória individual e campo de possibilidades; memória, identidade e projeto. In: 20 Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Almeida, Maria Isabel e Fernanda Eugênio (orgs). Editora Zahar, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacob (2012). Mapa da Violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari.

WILLIAMS, Patrick J. (2007). Youth-Subcultural Studies: Sociological Traditions and Core Concepts. *Sociology Compass* 1/2, p. 572–593.

ZALUAR, Alba (1994). A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliens

Anexo A – Questionário

Instrumentos de Pesquisa

QUESTIONÁRIO

Data: ____/____/____ Local: _____

A – Perfil

- 1.Nome.
2. Idade,
3. Sexo:
4. Cor
5. Religião
6. Estado civil
7. Filhos (idade)
8. Situação de moradia e parentalidade

B – CASA E FAMILIA

1. Quantas pessoas residem no domicílio em que mora:
2. Em que município você nasceu?
3. Seus pais trabalham,em que ocupação?
4. Renda familiar
5. Quais dos seguintes aparelhos/serviços tem em sua casa? (1) Televisor (2) Telefone celular (3) Computador (4) Acesso à internet
6. Você acessa a internet?
7. Em caso positivo, qual o uso que faz da internet?

Anexo B - Roteiro de Pesquisa

1) Trabalho

- Idade e formas de inserção
- Experiência anterior de trabalho
- Como procura trabalho e onde (redes acionadas)
- Percepções sobre as dificuldades e facilidades para encontrar trabalho
- Rotinas de trabalho
- Motivos de saída do trabalho
- Estratégias de permanência no trabalho
- Sentidos e valores em relação ao trabalho

2) Escola

- Percurso escolar
- Importância da escola
- Condições da escola
- Relação interpessoal com a escola
- Qualificação para o trabalho
- Orientação profissional

3) Família

- Origem (meio social)
- Posição na família (se e provedor ou co-provedor)
- Relacionamento interpessoal familiar
- Influencia da família na inserção e na trajetória laboral
- Influencia e apoio da família na trajetória escolar
-

4) Expectativas e planejamentos

- Em relação ao trabalho
- Em relação à escolaridade
- Em relação à vida pessoal
- Em relação ao futuro

Anexo C - Síntese das Entrevistas

Entrevista Paulo Henrique

25 anos, branco, solteiro e sem filhos, trabalha na cooperativa de lixo reciclado há 04 anos, ele foi indicado pela tia materna que também trabalha em um entreposto da região leste. Ele foi contratado para ser o secretário administrativo, porém realiza outras funções na separação dos materiais recicláveis, na prensa, no descarregamento.

Atualmente mora com os pais em casa própria me contou que a família recentemente adquiriu um terreno na região dos cinco conjuntos e que eles pretendem construir uma casa melhor. Tanto pai como a mãe estão empregados com registro em carteira, e diz que sonha em alcançar materialmente o que os seus pais conquistaram com “muito suor e trabalho”.

Ele convive bem com os pais e os ajuda com as despesas de alimentação, água e luz elétrica. Deixou a escola antes de completar o ensino médio, o motivo ele atribui ao “desânimo” pessoal, matava aulas freqüentemente e já havia reprovado pelo menos dois anos, quando deixou a escola apenas estudava e não trabalhava. Acha que a escola é boa, mas não se sentia pessoalmente motivado para freqüentá-la, “eu sei que é uma coisa necessária, mas não tenho vontade de estudar.” Entende que a educação formal é importante para conseguir um trabalho, mas acha que outras qualificações como habilitação de condutor e informática são correntemente solicitadas pelo mercado de trabalho.

Fez um curso profissionalizante na epesmel de azulegista, mas nunca trabalhou com estas atividades, antes de trabalhar na cooperativa passou por várias experiências relâmpago, instalador de forro de pcv, “faz tudo” de um restaurante, em ambas as atividades pediu para sair do trabalho, por conta da baixa remuneração.

O trabalho para ele é um valor cultivado em casa apreendido pelo exemplo dos pais, o motivo para começar a trabalhar foi para ajudar nas despesas de casa e manter as suas despesas pessoais. Sobre o seu futuro, me diz que nunca “parou para pensar nisso” e que ele tem expectativas ano a ano, neste momento estava planejando as condições para fazer a inscrição para a primeira habilitação.

Entrevista Roselaine

Roselaine apesar de ter aceitado a participar prontamente a entrevista, no dia do encontro começamos a conversar e percebi que ela estava muito tímida e se protegendo gestualmente, porém à medida que a entrevista foi transcorrendo, ficou bem à vontade.

Negra 29 anos, casada com quatro filhos pequenos, mora na região periférica da zona sul de Londrina, seu marido trabalha como pedreiro autônomo. Parou de estudar no primeiro ano do ensino médio, casou se com 18 anos e engravidou em seguida. Declara se evangélica, mas diz que esta afastada da igreja, mas cobra se por voltar a freqüentar.

Roselaine relata uma infância com muitas dificuldades não só pela pobreza mas pelo alcoolismo do pai e dos vários episódios de violência doméstica presenciada. Ela julga que viver na pobreza é muito difícil mas a maior instabilidade ocorria por conta por conta do cotidiano familiar violento. A mãe trabalhou uma vida inteira de doméstica.

O trabalho na sua vida começa na infância nos afazeres domésticos e no cuidado com os irmãos enquanto a sua mãe trabalhava para sustentar a casa. Quando casou ficou um período de tempo em casa principalmente após as gestações, mas as restrições financeiras a fizeram a retornar ao trabalho, para ajudar o marido que trabalha como pedreiro autônomo no sustento da casa.

A sua trajetória de trabalho conta com as atividades de diarista e na recolha do lixo reciclado. Conta que esta a dez anos trabalhando com reciclagem de lixo, a principio ficou sete anos percorrendo as ruas com um carrinho e fazendo a separação e a venda sozinha, com o movimento de organização dos catadores acabou indo para uma cooperativa onde permanece até hoje.

Depois de ser mãe tem a constante preocupação em ensinar o caminho do trabalho honesto aos filhos, ela afirmou várias vezes que trabalha não só para ajudar no sustento da casa, mas para que possa dar uns mimos aos filhos, para que eles não queiram mexer em nada dos outros.

Entrevista Elaine

Elaine tem 28 anos e apresentou-se muito bem arrumada e maquiada na entrevista, e justificou o seu pequeno atraso porque estava se arrumando, quando elogiei a sua aparência, ela me disse sabe a gente vive do lixo, mas não é lixo. Eu gosto de me sentir bem, mesmo mexendo com esta montanha de lixo.

Começou-me contando que o seu pai era pedreiro e sua mãe doméstica, justificando a necessidade de trabalho ainda na primeira infância. Os pais, nesta época, eram bóia fria e levavam os filhos para a roca e para as colheitas de café e laranja. Coursou o primeiro grau completo, mas parou de estudar porque ficou difícil conciliar trabalho braçal e escola noturna, além de outras dificuldades como a distância da escola da sua casa e da ausência de serventia dos conteúdos escolares frente a realidade do cabo da enxada. Infância e adolescência passou trabalhando na roca ajudando os pais e casou-se com 17 anos, e teve quatro filhos, os seus filhos sempre freqüentaram a creche desde bebês. Na sua trajetória

de trabalho já ocupou funções de diarista doméstica, vendedora autônoma e coleta de lixo. Perto da sua casa havia uma cooperativa e ela tomou a iniciativa de procurar uma vaga de trabalho na separação do lixo.

Sobre as dificuldades do seu trabalho, relata as maldades das pessoas em misturar o lixo limpo ao lixo sujo, por isso ela compra materiais de proteção pessoal, luvas, botas.

Ela se diz satisfeita com a sua ocupação e acredita que mediante as exigências do mercado, é nestas ocupações que ela tem possibilidades de acender. Para ela o maior mérito em trabalhar consiste em conseguir preservar os seus filhos do trabalho precoce, para que eles tenham mais chances que ela teve na sua vida.

Não consegue pensar ou imaginar sobre seu futuro, o amanhã não me pertence, somente a Deus, diante das incertezas diárias não faz planos a médio e a longo prazo, porém a curto prazo pensa em obter habilitação e a comprar uma moto, que ela acalenta como ser o único sonho da juventude. Juventude que na sua percepção não pode ser aproveitada como gostaria já que foi mãe muito cedo e por isso entrou precocemente na vida adulta.

Entrevista Gilberto

Jovem negro, 30 anos casado e pai de três filhos, dois do seu atual casamento e um filho de outro relacionamento. Atualmente a sua esposa trabalha em outro empreposto da mesma cooperativa.

O trabalho na vida do Gilberto começou muito cedo, aos nove anos de idade, quando ajudava os pais na roça junto aos irmãos. Quando fez treze anos sentiu a necessidade de receber o dinheiro trabalhado à parte para ajudar mais a família, já que na roça quem recebia pelo trabalho eram os seus pais, por isso começou a guardar carros na rua, ele diz que permaneceu apenas um ano nesta ocupação, já que outros jovens que exerciam esta

mesma atividade começaram a envolver-se com o uso de substâncias ilícitas e por isso ficaram mais visados pela polícia, então ele soube através de uma divulgação nas ruas que havia um curso na epesmel (escola profissional e social do menor de Londrina) e, em seguida, voltou a trabalhar como fiscal de parquímetro nas ruas. Na sua trajetória de trabalho também foi funcionário como Office boy de um escritório onde permaneceu dois anos. O seu próximo trabalho foi em uma grande rede de supermercados e ficou lá por seis anos, fazia de tudo um pouco e passou por várias funções, porém em momento de reestruturação da empresa foi “cortado”, junto com outros trabalhadores, este corte atingiu doze pessoas. Estes dois últimos trabalhos havia registro em carteira, todos os outros eram informais. Ele relata que em tempos de falta de trabalho, “nunca fica parado”, vai pra rua, fala com os amigos, cata papel, “sempre procura algo pra fazer” para não ficar “totalmente parado”.

Diz que aproveita ao máximo as suas experiências de trabalho anteriores para fazer diferença na atual ocupação. O importante é aprender a gostar daquilo que se faz e ter uma boa convivência com os colegas de trabalho. Na sua percepção é no trabalho que se molda e se atribui o “caráter da pessoa”, torna-se “alguém”. “Como eu sou de cor (referência à cor negra), há muito preconceito, então luto para ser conhecido por ser honesto, quero ser respeitado”

Explica que quer deixar exemplo para que os filhos sejam “honestos” e nunca “mexam nas coisas dos outros” e acredita que é melhor que os filhos comecem a trabalhar cedo do que ficar “pela rua”.

Gosta de trabalhar com reciclagem, mas faz planos para cursar teologia e diz que “sonha ser pastor” de uma pequena igreja.

Foi muito doente na primeira infância e passou por longas internações, relata muitas situações difíceis da família por conta da dificuldade financeira extrema dos pais, como no revezamento de chinelos entre os irmãos para irem a escola, a fome.

A vida escolar sempre foi uma relação conflituosa, no seu percurso há reprovos, períodos de evasão, porém conseguiu terminar o ensino médio com muitas dificuldades, por um compromisso moral assumido com o pai.

Entrevista Ângela

Parda, 28 anos, mora à beira da BR, próximo a favela da Bratac, os seus pais são trabalhadores braçais.

Casou-se aos 17 anos e tem dois filhos pequenos.

Conta que com cinco anos já colhia café com os pais que na época trabalhavam como boia fria. Em tempos de ausência de trabalho na lavoura, os seus pais recolhiam lixo reciclado nas ruas e ela e as três irmãs os acompanhavam e ajudavam na coleta. Quando foi matriculada na escola aos sete anos, ela vendia minhocas, à beira da rodovia, para pescaria e ao saber deste facto a sua professora primária fez uma proposta aos seus pais para que ela trabalhasse em tempo parcial como doméstica na sua casa. Trabalhou na casa da professora até os seus quinze anos. Depois trabalhou temporariamente em um buffet. Em nenhuma das suas ocupações teve registro em carteira.

Ângela emociona-se muitas vezes ao falar da sua infância difícil, de muito trabalho, de pouco tempo e possibilidades de ser criança. Além do vinco da pobreza, a violência e o alcoolismo do pai agregava “altos e baixos” no dia a dia da família. Explica que a sua mãe sempre tentava, às vezes sem sucesso, proteger as filhas das agressões.

A escola e o trabalho precoce foram de difícil conciliação. Com catorze anos começou a freqüentar a escola noturna, porém chegava muito cansada fisicamente e mentalmente após um dia inteiro de trabalho. Terminou o ensino fundamental. Conta que sentia muitas dificuldades de permanecer na escola, mesmo gostando de estudar, e quando casou e engravidou acabou por abandonar a escola.

Trabalha na cooperativa de reciclados há 6 anos. Começou a trabalhar por conta da indicação da cunhada. Durante o seu tempo integral de trabalho, seus filhos ficam na creche e o seu marido trabalha na venda de minhocas. Atualmente, as três irmãs e os cunhados fazem a recolha de reciclados como autônomos e fazem a separação do material no quintal das suas casas.

Ângela conta que “desde que se entende por gente” sente-se adulta e não teve oportunidades de ser criança ou adolescente, sempre viu-se como adulta.

O seu sonho é conquistar coisas materiais para o marido, como um carro e sonhar pelos filhos, ver o menino jogando futebol e a filha podendo se dedicar somente aos estudos. Para ela o trabalho de reciclagem é fonte mantenedora da casa. Perguntei então qual era o sonho dela, e após um período de pausa e visivelmente emocionada, disse que sonha em voltar a estudar, mas que não nutre expectativas porque não acredita que terá reais condições para concretizá-lo.

Entrevista Luan

25 anos, pardo, evangélico freqüentador da congregação cristã, mora atualmente com os pais, nasceu em Londrina e reside na zona leste, seus pais vieram da Bahia na década de 1980 em busca de trabalho. Seu pai trabalha como porteiro noturno em um prédio residencial e a mãe faz e vende pães por conta própria. Renda familiar é de três salários

mínimos. Estudou até à oitava série do ensino fundamental e não fez nenhum curso profissionalizante. Havia intenção de retornar os estudos neste ano, porém com a proximidade da data do seu casamento acredita que não será possível. Luan já foi casado anteriormente e tem dois filhos pequenos, de três e dois anos de idade. Ele relata que no seu percurso escolar houve muitas reprovações e que tem muitas dificuldades de ler e escrever. Deixou a escola depois que arrumou um trabalho. A sua primeira experiência foi em uma padaria (pastelaria), no entanto, a jornada de trabalho era muito extensa e incluía trabalhar também nos finais de semana e feriados e à noite, por isso depois de dois anos pediu para fazer o “acerto” de contas. Saiu em busca de trabalho e deixou currículo em um posto de combustível e foi chamado para uma vaga de frentista no período noturno, onde permaneceu por um ano e seis meses. Pediu para sair do trabalho pelos constantes assaltos e um episódio de violência que sofreu em um destes assaltos. Durante o tempo que ficou sem trabalho saía de casa todos os dias, conversava com amigos e conhecidos sobre possíveis indicações ou conhecimento sobre vagas de trabalho, mas nunca procurou agências de emprego. Conseguiu um trabalho em um lava-rápido e trabalha como diarista, ganha R\$45,00 por dia de trabalho e chega a lavar vinte carros. Ele explica que o seu dia de trabalho tem doze horas e por isso sente-se um “escravo do trabalho” por conta dos esforços físicos e da carga-horária excessiva, mas não consegue imaginar a sua vida de outra forma. O trabalho para ele é a única saída de sobrevivência de sustento dos seus filhos e de acesso a determinados bens materiais. Na sua percepção o trabalho amadureceu muito o seu comportamento e para ele, por mais difíceis que sejam as condições de trabalho, “é melhor trabalhar do que ficar na rua”.

Ser jovem para ele é apenas uma identificação de idade, já que virou “homem da casa” quando se casou e foi pai pela primeira vez aos vinte e dois anos de idade. Para o seu futuro pensa em voltar a estudar tendo em conta a consciência das exigências do mercado de trabalho, mas não tem nenhuma estratégia para realizá-lo. Em seguida me disse que

está aprendendo a não criar expectativas, pela frustração do casamento que não deu certo, apesar de estar prestes a se casar novamente. Diz que gostaria de ter “vivido a vida toda com a mãe dos seus filhos”.

Entrevista Gabriel

Gabriel tem 25 anos, branco, católico não praticante, solteiro vive, ora com avó, ora em pensionatos. Sua família toda é de florestópolis (região metropolitana de Londrina) e os seus pais são servidores públicos, a mãe enfermeira e o pai administrador. Os pais se separam quando tinha seis anos de idade, a mãe saiu de casa e o deixou com o seu pai. Um ano após a separação, o seu pai se casou novamente, e ele sempre teve muitas dificuldades em se relacionar com a madrasta, por isso, aos vinte e dois anos, resolveu sair de casa e morar em Londrina sozinho. Quando saiu de casa deixou também de cursar universidade particular. Estava no segundo ano de engenharia civil. Antes do curso superior, fez um curso técnico em edificações, mas não conseguiu se colocar profissionalmente na função. Aos dezassete anos fez estágio como menor aprendiz em um programa da prefeitura local. Ao sair de casa buscou trabalhos em que sabia que não se exigia qualificações. Como tem o ensino médio completo, foi munido de currículo em vários postos de combustíveis, e ao mesmo tempo fez cadastro em agências de emprego a fim de conseguir uma vaga como projetista. Nunca foi chamado para nenhuma entrevista, na sua percepção por conta da falta de experiência em projetos da construção civil, mas conseguiu rapidamente trabalhar num posto de combustíveis como frentista. Ainda no posto, obteve informações sobre vagas em lava rápido. Neste momento prefere trabalhar como diarista no lava rápido porque pode escolher os horários. Atualmente trabalha nos

períodos vespertino e noturno, porque está estudando sozinho pois almeja prestar um vestibular de universidade pública.

Pensa que “está ficando para trás” a cada ano que deixa de estudar, mas entende que ao sair da casa do pai, assumiu várias responsabilidades, nas quais acha que vale a pena todo o sacrifício enfrentado por um “pouco de paz e sem stress”.

Seus planos futuros consistem em conseguir terminar o seu curso superior

“Torna-se adulto pelas experiências e não pela idade”.

Entrevista Daniel

Daniel tem 25 anos, negro, mora no João Turquino, declara ser solteiro, porque não casou oficialmente, mas mora com uma pessoa e já tem uma filha de sete meses. Desde o seu nascimento mora com a avó materna, que é aposentada. Começou a trabalhar aos treze anos de idade porque a avó não tinha condições de dar roupas e tênis que gostaria de usar. No início conciliava estudos e trabalho, mas percebia que trabalhar em tempo parcial não lhe dava o rendimento que esperava para os seus gastos pessoais. O primeiro trabalho foi na tapeçaria do tio, mas recebia um terço de salário mínimo e não havia possibilidades de ser registrado. Acabou pedindo para sair. Em seguida trabalhou numa funilaria em condições idênticas ao trabalho na tapeçaria de baixa remuneração e sem contrato de trabalho. Conseguiu um trabalho como servente de pedreiro em uma construtora, mas por brigas constantes com os colegas, pediu demissão. “Eu achava que era fácil encontrar emprego, as pessoas falam que hoje em dia ninguém fica desempregado, mas eu vi que não é assim, e quem tem emprego que segure o seu”. Ficou no seguro de desemprego por três meses. Neste período percorreu muitas agências de emprego e entregou currículos em vários lugares. Informa que o valor do seguro não era suficiente

para pagar as suas despesas fixas e a avó ajudava-o com dinheiro e alimentos. Depois da construtora ficou desempregado por quatro meses, até conseguir uma vaga no lava rápido. Relatou que ficou “muito angustiado e preocupado” ao ficar sem trabalho, já que o sentido da sobrevivência, da alimentação, são destacados várias vezes na sua fala.

Pensa que a sua escolaridade não tem influencia para as funções que já ocupou e a que ocupa atualmente, pensa que a capacitação no trabalho, o aprender trabalhando é mais importante que uma formação escolar.

Identifica-se como jovem, acha que será adulto após os 30 anos. Julga que ser pai e sustentar a sua família não é algo tão difícil assim: “vamos ver se quando ela crescer o BO (gíria que refere se a problema) vai ser maior”. Orgulha-se da sua companheira poder ficar em casa e só estudando, embora saiba do desejo da sua mulher trabalhar, mas antes precisa conseguir uma vaga na creche.

Ele conta que não cria expectativas ou metas para o futuro, porque nada do que planejou anteriormente conseguiu realizar, então vive um dia de cada vez e almeja colocar as contas em dia.

Aprendeu a gostar do trabalho e quer fazer um curso de mecânico de automóveis. Não gostava do aspecto penoso do trabalho como servente de pedreiro, de ficar exposto ao sol e fazer muita força física, embora prefira encarar qualquer função para não ficar desempregado.

Por medo de ficar parado, sem trabalho, hoje se submete a trabalhar a noite, aos finais de semana e feriados, a avó é uma grande incentivadora para que ele permaneça no trabalho.

Para ele o seu destino esta nas mãos de Deus

Entrevista Sybele

Sybele tem 26 anos, branca, freqüenta esporadicamente a igreja evangélica. É solteira e mora sozinha num pequeno apartamento alugado em Ibiporã, região metropolitana de Londrina, tendo em conta que os alugueis são mais baratos. Nasceu em Assai, mas a família é de São Jerônimo. O pai é assalariado e a mãe dona de casa. Está fazendo artes visuais na Unopar e já fez curso profissionalizante de técnico de meio ambiente.

Sybele chegou muito curiosa em relação ao objeto desta pesquisa, sobre as etapas para se chegar a um doutoramento e como manipular um gravador digital.

A sua rotina começa bem cedo, às 6:00 da manhã. Vai para a faculdade cedo e depois vai directo para o trabalho, faz uma pequena pausa para comer alguma coisa. Atualmente é diarista internista de um lava rápido e trabalha até às vinte e duas horas, de segunda a sábado, e ganha 40 reais por dia de trabalho. Na sua trajetória, conta que começou a trabalhar aos treze anos de idade, cuidando de criança na vizinhança, para ajudar o pai com o sustento da casa e também para comprar coisas que o pai não podia dar. Com quinze anos trabalhou como menor aprendiz na justiça do trabalho e permaneceu até ao limite máximo de participação no programa, por isso, saiu aos dezoito anos.

Em seguida trabalhou no supermercado muffato, na big frango, em restaurante, como vendedora em um shopping e em vendas freelance. Em todas estas ocupações pediu demissão pelo excesso de carga horária. Pela precariedade de certas ocupações, em muitas ocasiões viu-se na encruzilhada ao tentar conciliar estudos e trabalho. Menciona que gosta de estudar e sempre se considerou uma aluna esforçada e nunca reprovou, com exceção de um ano em que ficou muito doente e foi várias vezes internada em diferentes hospitais.

Como estratégia pela busca de trabalho, Sybele envia currículos pela internet, mas também leva currículos pessoalmente em lugares que ela sabe que estão contratando.

Uma amiga a indicou para trabalhar no restaurante, mas achava difícil lidar com a proprietária do estabelecimento, porque era muito autoritária e gritava com os funcionários na frente dos clientes. Um amigo indicou-a para a vaga do seu atual trabalho.

Para todas as funções ocupadas teve registro em carteira em duas ocasiões, no mercado e na big frango, todas as outras foram praticadas na informalidade.

Ela conta que em tempos de não trabalho “fica desesperada”, por conta dos compromissos financeiros assumidos mensalmente, porém nunca ficou mais de trinta dias sem conseguir trabalho, “meu pai sempre me diz: faça os teus gastos conforme as tuas possibilidades”, “por isso sempre guardo um dinheirinho para agüentar um tempo, caso fique sem trabalho”. Paga trezentos e cinqüenta reais de aluguel, mais as despesas de água, luz, alimentação e transporte, diz que tem “medo” de dividir a morada em república e “ficar em prejuízo” financeiro.

Mora sozinha há seis anos e saiu de casa pela difícil convivência com a mãe, “eu sou jovem, quero sair e receber os meus amigos em casa, mas a minha mãe não aceita nada disso”, e como já trabalhava “resolvi sair”.

O sentido do trabalho é instrumental na manutenção de sobrevivência e para “alcançar objetivos materiais”. O pai cobra-lhe o facto de não trabalhar em funções mais qualificadas e administrativas, por ter qualificações escolares, mas ela justifica-se que continua buscando melhores ocupações, mas que “no momento é o que tem”, já que tem contas a pagar.

Sente-se uma jovem adulta, adulta nas responsabilidades em “agüentar tempos difíceis e de desemprego” e jovem na liberdade de interagir com amigos, de sair.

Diz que aprendeu a gostar do trabalho atual, por causa do bom relacionamento com os colegas, mas que enfrenta carga-horária elevada, baixa remuneração e insalubridade por

não estar protegida adequadamente com equipamentos de segurança e na exposição prolongada de produtos químicos, porém, no seu julgamento não são condições piores das que enfrentava como vendedora de shopping, que também exigia jornadas as finais de semana e feriados.

Entrevista Welisson

Jovem de 27 anos, branco, católico não praticante, divorciado e pai de uma menina de cinco anos de idade.

Nasceu em Alagoas e com o divórcio dos pais, a família se separou também. O seu irmão ficou com a mãe e ele, aos cinco anos, veio com o pai para o estado do Paraná e foi criado pela avó paterna.

Parou de estudar no segundo ano do ensino médio, porque não conseguiu conciliar escola e trabalho. Tem muita vontade de voltar a estudar, mas não vê meios possíveis para que isso aconteça, devido à sua rotina de trabalho e à filha. Trabalha de segunda à sábado e tem os domingos de folga, tempo que passa com a filha.

Começou a trabalhar aos treze anos no lava rápido, como diarista porque precisava ajudar em casa, “me viro deste cedo”.

No seu percurso laboral já foi manobrista de carro, vigilante, entregador de farmácia e atualmente está no lava rápido. Em todas as ocupações “pediu as contas” em busca de melhores oportunidades.

Quando está em busca de trabalho, entrega currículos nos locais em que busca uma vaga ou busca informações e indicações de amigos.

O trabalho para ele é um meio essencial de sobrevivência, e um modo de amadurecer, “ganhar mais responsabilidades na vida”, e entende que o mercado de trabalho de hoje

não oferece muitas oportunidades e de uma boa remuneração. Porém, com todas as dificuldades, ele diz que não tem medo de “pôr a mão na massa”, e “que faz o que for preciso, além das suas funções” habituais, mesmo se tiver que “lavar o chão”.

Nunca pôde aproveitar “as coisas boas de ser jovem”. Cresceu sempre com muitas responsabilidades e deveres de retribuir toda ajuda que a avó lhe deu.

Sente-se realizado em ser pai e sonha em um futuro em que a sua filha não precise trabalhar precocemente como ele, e que possa cursar o ensino superior.

Faz uma autocrítica e diz que precisa ter mais iniciativa para voltar a estudar: “eu deixo sempre para amanhã, mas não deveria”, mas explica também que “nunca tirou férias na vida, sempre trabalhei direto” e por isso sempre viveu o presente imediato.

Entrevista Joyce

25 anos, parda, evangélica pentecostal, solteira, mora com a avó materna, nasceu no estado do Mato Grosso e veio para Londrina aos três anos de idade, quando os pais vieram em busca de trabalho.

A princípio estava um pouco preocupada com o teor das perguntas e se saberia respondê-las. Expliquei-lhe que seriam perguntas sobre o seu cotidiano, então disse-me que já estava “mais tranqüila”.

A sua rotina começa muito cedo, às seis horas da manhã, entra no trabalho às oito horas e sai às dezoito, e tem uma hora de almoço. Parou de estudar no segundo ano do ensino médio, e o motivo foi a dificuldade de conciliar estudos e trabalho. Neste período ela trabalhava em um posto de gasolina durante o dia e à noite freqüentava a escola, até que “o corpo não agüentou”. Quer voltar estudar, e pensa em matricular-se no supletivo. Sonha em fazer faculdade de psicologia.

A sua história de trabalho começa aos oito anos, na catação de papel com o pai, depois disso nunca mais ficou parada, trabalhou como doméstica, frentista de posto de combustível, atendente de bar. Vendia bombom nas ruas, zona azul. Reconhece que costuma ter problemas de relacionamento no trabalho, não com os colegas, mas sim com os patrões. Conta que em duas ocasiões foi assediada sexualmente e por isso pediu demissão.

Já trabalhou em vários lava rápidos e por isso já é bem conhecida neste ramo, por isso mesmo recebe ofertas de trabalho de outros lava rápidos.

Teve uma infância difícil. Diz que para “comer alguma coisa diferente do arroz com feijão”, tinha que trabalhar muito, mas acha que estas dificuldades a fortaleceram para “coisas piores”. Joicy refere-se ao “antes e depois” do seu pai ser viciado em crack. Disse que o seu pai vendia as poucas coisas que tinha em casa para poder “comprar droga” e ficou extremamente violento em casa com os familiares. “Antes era só a pobreza”, mas “depois do crack” a família viveu “no inferno”. Ela menciona que foram as irmãs do seu pai que lhe apresentaram o crack, e por isso ela guarda muito ressentimento das tias.

Diz que foi através do trabalho que conseguiu “pôr a cabeça no lugar” e ajudar a mãe no sustento da casa. O trabalho, na sua percepção, “é essencial à vida” e sem ele ela “se vê doente”. Depois que o pai morreu a sua mãe se casou novamente, e pela constante indisposição com o padrasto, foi morar com a avó materna. O dinheiro que recebe gasta-o, em primeiro lugar, com a família e com “mimos aos sobrinhos”, e com as suas saídas aos finais de semana.

Trabalha há cinco anos neste lava rápido e conta que sofria preconceito de alguns familiares pela ocupação considerada como “masculina”, mas aos poucos a família foi entendendo que há muitas mulheres nesta ocupação. Recentemente conseguiu uma vaga em outro lava rápido para o irmão.

Acha que atualmente o mercado de trabalho não quer mais qualificar as pessoas: “hoje o mercado quer todo mundo pronto demais”, “qual é a necessidade de ter segundo grau completo para lavar carros”? E, na sua opinião, o que conta é ter um bom ambiente de trabalho “sem humilhação”.

Tem muitos planos para o futuro. tem vontade de encontrar um companheiro e se casar, embora não queira “filhos de jeito nenhum”, ter uma casa, ter uma moto. Tem vontade de ter o seu próprio negócio, de abrir uma loja de roupas femininas, porém ainda não tem nenhuma estratégia ou encaminhamento para a realização dos seus sonhos

Entrevista Pedro

25 anos, solteiro, com religião não definida, mora em república com quatro amigos. Nasceu em Caçapava, interior de São Paulo, e está há dois anos em Londrina. Veio para cursar artes cênicas na UEL. Seus pais são professores de biologia do ensino fundamental.

Não tem telemóvel por opção, mas tem wifi na sua república de onde acessa as redes sociais.

Saiu de casa aos dezassete anos para estudar letra na USP, mas na verdade queria estudar palhaço e numa convenção conheceu muitos artistas londrinenses, e prestou vestibular e passou a cursar.

O semáforo para ele a princípio era um espaço de experimentação e como era bolsista da ludoteca não havia preocupação em ganhar dinheiro. Foi quando acabou o contrato começou a pensar numa maneira de ganhar dinheiro, e lembrou de uma experiência que teve em uma viagem onde malabares para se manter, e depois disso começou a encarar o malabares como profissão. Administra o trabalho da seguinte forma: tem que ganhar trinta reais por dia para poder se manter bem, com alimentação e moradia. Começo de

mês e feriados ganha-se mais “as pessoas andam com mais dinheiro no bolso”. O trabalho para Pedro é uma maneira de se construir. Tenho uma ideologia muito forte que o trabalho não pode ser cruciante. *Não tenho que me sacrificar, tenho amigos que trabalham no shopping e que quando não estão trabalhando estão dormindo para agüentar o tranco.* Ao mesmo tempo que rejeita esta perspectiva de trabalho, revela ter curiosidade como é estar no mercado formal. Pois acha que o seu trabalho tem um olhar muito marginalizado pela sociedade, muitas vezes percebe que as pessoas sentem-se resignadas dos seus pecados quando lhe dão uma moedinha.

Não consegue imaginar o seu futuro, porque há expectativa aguardada pela surpresa, pois ha cinco anos atrás, não imaginava que estaria cursando artes cênicas e tão pouco nas suas palavras *fazendo malabares da vida.*

Entrevista Edcarlos

Jovem branco, 25 anos completo, católico praticante. Tem duas filhas, uma de sete anos e outra de quatro meses. Mora em Londrina há quatro meses. O seu pai trabalha como serviços gerais em uma fazenda e a mãe faz limpezas para uma empresa terceirizada que presta serviços para a prefeitura.

Estudou ate a oitava série do ensino fundamental, mas não completou o ano, tem vontade de voltar a estudar, mas não consegue ver possibilidades para que isso aconteça. Espera que as filhas possam estudar mais que ele.

No momento da entrevista Edcarlos estava trabalhando como diarista na construção civil. Começou a trabalhar aos doze anos de idade, ajudando o seu pai no sítio e fazia de tudo um pouco: manjava animais, maquinaria agrícola, colhia café.

Na escola repetiu duas vezes em séries diferentes, porque faltava muito à escola e porque tinha perdido o interesse. Ficava muito cansado e não conciliou por muito tempo escola e trabalho. Aos dezasseis anos, ao engravidar a namorada, vai trabalhar em outra fazenda no estado do Mato Grosso. Empregou-se na fazenda porque sabe fazer de tudo como o pai. Porém, conforme os anos foram passando, sentia-se isolado da vida na cidade e não via grandes oportunidades para a filha que estava crescendo. Quando a esposa engravidou pela segunda vez, veio para Londrina para que a filha pudesse nascer em Cambe (cidade vizinha), que no seu ponto de vista há mais recursos e estruturas. Com ajuda de familiares começou a trabalhar na construção civil e diz gostar do que faz. Pensa que um bom emprego é aquele registrado em carteira porque oferece garantias sociais e auxílios caso se machuque ou fique doente. Sempre que precisa recorre à família e aos amigos para conseguir emprego. O tempo máximo de desemprego foi de dois meses. O trabalho é, na sua percepção, a única forma de viver. A sua realização pessoal consiste no desejo de arrumar (adquirir) a sua casa. Mas não planeja muito o seu futuro, porque tem crises de ansiedade ao pensar demais no que está por vir e no que pretende conquistar. Tem medo das doenças e de não poder trabalhar.

Para ele pensar e planejar demais o futuro só gera ansiedade, prefere viver o presente, porém tem sonhos em relação às filhas, de que elas possam cursar ensino superior e não tenham que enfrentar o trabalho precoce.

EdCarlos estava muito satisfeito no dia da entrevista, porque havia conseguido trabalho registrado em uma construtora. Seis meses após a entrevista o encontrei ocasionalmente e ele me disse que estava se preparando para voltar a morar na cidade dos seus pais pois mesmo trabalhando registrado não estava conseguindo dar conta de pagar aluguel e as demais despesas. Então voltaria a morar em cidade pequena, onde os custos são menores e voltaria a trabalhar nas fazendas da região.

